Serena Valentino

Coração Partido

A história da Rainha de Copas

UNIVERSO DOS LIVROS

Coração Partido

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 - 8º andar - Conj. 803
CEP 01141-030 - Barra Funda - São Paulo/SP
Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Serena Valentino

Coração Partido

A história da Rainha de Copas

São Paulo
2025

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Heartbroken

Copyright © 2025 Disney Enterprises, Inc. All rights reserved.
Published by Disney • Hyperion, an imprint of Disney Book Group.

© 2025 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor-geral: Alessandro Gerardi
Gerente editorial: Marcia Batista
Produção editorial: Letícia Nakamura, Raquel F. Abranches e Victoria Viana
Tradução: Jacqueline Valpassos
Preparação: Gabriele Fernandes
Revisão: Diana Szylit e Bia Bernardi
Arte: Barbara Garoli e Renato Klisman
Diagramação: Francine C. Silva
Ilustração da capa: Jeffrey Thomas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

V252c Valentino, Serena
Coração partido : a história da Rainha de Copas / Serena Valentino ; tradução de Jacqueline Valpassos. — São Paulo : Universo dos Livros, 2025.
256 p. (Série Vilões da Disney ; vol. 12)
e-ISBN 978-65-5609-832-6

Título original: *Heartbroken: a tale of the angry queen*
1. Ficção infantojuvenil norte-americana 2. Rainha de Copas – Personagem fictício I. Título II. Valpassos, Jacqueline III. Série
25-3221 CDD 028.5

Este livro é dedicado à minha mãe. Como o Coelho Branco, aprendi que o tempo não significa nada, e significa tudo. E é impossível levar alguém à alegria. Tudo o que podemos fazer é tentar viver na alegria e esperar que aqueles que amamos nos encontrem lá.

PRÓLOGO

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

ATRAVÉS DO ESPELHO

Existem muitos tipos de espelhos. Alguns servem apenas para que contemplemos nosso próprio rosto, enquanto outros nos mostram o rosto daqueles que amamos, mesmo quando estão em terras distantes. Há espelhos assombrados por almas aprisionadas, espelhos que nos dizem a verdade e espelhos que mentem. Há espelhos que nos permitem ver outros mundos. E, se as estrelas estiverem alinhadas corretamente, podemos até nos aventurar nesses mundos.

Agora que residimos no Submundo com nosso amado Hades, mais do que nunca dependemos de espelhos mágicos para nos comunicarmos com nossa filha, Circe. Quem somos nós? Somos as Irmãs Esquisitas, meus queridos, Lucinda, Ruby e Martha, as maiores bruxas de nosso tempo, mas, infelizmente, nosso tempo no reino dos vivos já passou.

Alguém poderia pensar que, com as mães abrigadas em segurança no Submundo, a dominância de Circe como rainha na Floresta dos Mortos, com Primrose e Hazel, seria pacífica. No entanto, as Damas da Luz (assim chamadas por Hades) têm sentido as vibrações de uma mudança mágica cada vez mais caótica e crescente, reverberando não apenas nos Muitos Reinos, mas também em outras terras.

Se você tem lido o Livro dos Contos de Fadas na ordem que pretendemos, então também deve ter notado essas mudanças. A menos, é claro, que tenha se deparado com este volume sem ter lido as histórias anteriores, caso em que você se sentirá perdido.

Independentemente de você escolher entre se orientar antes de continuar lendo ou se arrastar por um caminho perigoso e confuso, o que precisa entender é que o tempo não significa nada, *e* significa tudo. Basta perguntar ao Coelho Branco. Como nós, agora ele sabe que todo o tempo se passa de modo concomitante — passado, presente e futuro.

Como você sabe, os mundos se fragmentaram quando Hades arrancou Circe do lugar entre os vivos e os mortos. E ele os estilhaçou ainda mais quando nos trouxe para o Submundo. Mas isso também teve um efeito não intencional, um que estávamos prestes a descobrir. Esses cacos dos mundos desmembrados se uniram para criar uma nova realidade, um lugar assustadoramente belo chamado País das Maravilhas.

Como logo descobriríamos, o País das Maravilhas é um mundo envolto em loucura e composto da união de fragmentos de outros mundos, como se tivesse sido moldado pela imaginação de uma criança. Um lugar onde nada faz sentido. Um lugar onde o tempo não significa nada, mas significa tudo. Um reino de uma rainha — melhor chamá-lo então de rainhado — onde um Coelho Branco está sempre atrasado porque o tempo é simultâneo. E uma terra onde uma rainha antes serena e feliz enlouqueceu porque sua existência foi literalmente virada de cabeça para baixo.

Houve um tempo em que pensávamos que o destino fosse inevitável, mas, agora que vemos as coisas de uma nova perspectiva a partir do Submundo, sabemos que tanto o tempo quanto o destino são fluidos, porque não há passado nem futuro. Basta observar o trabalho que Circe, Hazel e Primrose estão fazendo, como elas pretendem mudar o destino daqueles no Livro dos Contos de Fadas que foram injustiçados por nossa interferência. No entanto, chegamos à séria conclusão de que essa responsabilidade é nossa, e não de nossa filha. Ficou claro para nós no momento em que entramos no salão dos espelhos e vimos as ramificações causadas por Hades mudando nosso destino ao nos trazer para o Submundo.

No salão dos espelhos de Hades, há espelhos que mostram todos os mundos, e, quando falamos todos os mundos, queremos dizer até mesmo o seu. Quando Hades fragmentou os mundos com sua magia, alguns desses espelhos também se estilhaçaram. Os cacos se espalharam, fundindo-se para criar um novo mundo. Essa é uma das muitas maneiras pelas quais os mundos são criados. Algo vindo de nada e, às vezes, algo vindo de tudo. Já aconteceu antes e voltará a acontecer.

Quando caminhamos pelo salão dos espelhos, vemos os pedaços faltantes. Vemos as partes que se desprenderam para criar novos mundos e pedaços que simplesmente desapareceram. Vemos o fragmento que contém o que parece ser uma floresta exuberante, mas que abriga uma criatura sombria e perigosa. Um caquinho que vem de uma terra em perpétuas celebrações de desaniversário. Vemos os pedaços irregulares de outros reinos governados por uma Rainha Branca e uma Rainha Vermelha (talvez por isso sejam rainhados) e trechos de terras onde não é incomum que roedores, lagartas, coelhos e gatos falem. E um lugar onde uma garotinha adormece sob as árvores do parque quando deveria estar estudando.

Existem apenas dois espelhos no salão dos espelhos de Hades sem peças faltando ou fora do lugar: o dos Muitos Reinos e o do Submundo.

Mas receamos que isso não continue assim, especialmente com o que está por vir. Se os reinos dentro dos Muitos Reinos entrarem em guerra, tememos outra fragmentação dos mundos, e desta vez não temos certeza se os Muitos Reinos serão poupados. E que terras serão perdidas, caso os fragmentos dos Muitos Reinos se separem? Será o reino da Rainha Branca de Neve, da Rainha Bela? Ou será a Floresta dos Mortos? Não conseguimos imaginar. O certo é que haverá mais fraturas se Circe não conseguir impedir Tulipa e seu exército de Senhores das Árvores e Gigantes Ciclópicos de atacarem o castelo do Rei Fera.

No estado atual das coisas, Circe e as outras damas da Floresta dos Mortos estão vinculadas por sangue para ajudar seus aliados quando eles solicitarem ajuda. E Tulipa sabia disso quando invocou as Rainhas dos Mortos. A Floresta dos Mortos tem uma longa história, impregnada de sangue, magia e violência. No entanto, quando Circe, Primrose e Hazel assumiram como rainhas do lugar outrora sombrio e repugnante, decidiram torná-lo seu, para preenchê-lo com vida e luz. Elas sabiam que jamais poderiam apagar os atos terríveis e indizíveis do passado, mas estavam determinadas a desfazer o mal causado pelas rainhas, bruxas e fadas que as antecederam. E, principalmente, o mal causado por nós.

Circe nunca imaginou que a Rainha Tulipa fosse declarar guerra ao Rei Fera, mesmo que ele houvesse causado a Tulipa uma dor indescritível antes de se redimir por meio de seu amor a Bela. Mas, antes de Bela, ele não era

o homem ou rei que é hoje. Partiu muitos corações, incluindo o de Tulipa, que ficou tão desolada com a crueldade dele para com ela e seu reino Morningstar que se jogou de um penhasco nas terras de seu pai, mergulhando na água. Lá, ela se viu fazendo um acordo com Úrsula, a bruxa do mar, que devolveu a vida a Tulipa em troca de sua beleza e voz. Desde aqueles dias sombrios, Tulipa reinventou-se e se tornou uma mulher forte com um propósito.

No entanto, Circe nunca compreendeu qual era o verdadeiro propósito de Tulipa ao passar tempo com os Senhores das Árvores, as árvores colossais das florestas ancestrais, e os gigantes de pedra ciclópicos; nunca imaginou que Tulipa estivesse se preparando para a guerra e para se vingar do Rei Fera. Nunca pensou que fosse se ver obrigada a levantar seu próprio exército de mortos-vivos para a batalha por outro motivo senão a autodefesa. Mas as novas Rainhas dos Mortos, agora chamadas Damas da Luz, haviam jurado lealdade à Rainha Tulipa anos antes, um juramento feito com sangue, inviolável e magicamente vinculativo. Foi uma promessa fácil para as Damas da Luz na época. Confiavam em Tulipa; ela era, afinal, família e amiga. Jamais ocorreu a Circe que Tulipa estivesse conspirando contra o Rei Fera ao longo desses muitos anos que se passaram desde os graves malfeitos dele contra ela, que são narrados em suas histórias compartilhadas *A fera em mim* e *Gaston* dentro deste Livro dos Contos de Fadas.

Mas a nós ocorreu. Previmos. Sabíamos que a Rainha Tulipa esperaria que as damas da Floresta dos Mortos unissem seu exército ao dela e marchassem para o castelo do Rei Fera. Para destruí-lo, se necessário, e a qualquer um que se interpusesse em seu caminho.

Quem não esperava por isso não estava prestando atenção. Quem se pergunta por que agora, depois de todo esse tempo, ainda não entende que o tempo não significa nada, *e* significa tudo.

Tulipa sabe disso muito bem. Sabia o tempo todo. Passou anos com o grande Senhor das Árvores Oberon e sua espécie, explorando as florestas escuras e claras, aprendendo magia ancestral conhecida apenas pelas entidades da floresta. Ela aproveitou o tempo que sabia que tinha, reunindo uma legião inimaginavelmente grande de Senhores das Árvores e Gigantes Ciclópicos em segredo e sem o conhecimento das Damas da Luz. Tulipa penetrou nas florestas mais antigas e, usando magia ancestral que nem

sabíamos que existia, despertou as árvores adormecidas há mais anos do que qualquer um poderia se lembrar, reunindo todas para sua causa.

Mas esse não era o único problema que surgia nos Muitos Reinos. Pouco antes da declaração de guerra de Tulipa, as Damas da Luz receberam uma carta de Branca de Neve pedindo ajuda. Tudo o que contou foi que havia algo errado com o velho espelho encantado de sua madrasta e que, por favor, fossem até ela o mais rápido possível, mas Circe e as outras rainhas da Floresta dos Mortos estavam distraídas com o que parecia ser um cerco interminável de eventos infelizes com potencial de serem pesados demais para que as jovens rainhas pudessem lidar com eles sozinhas.

O que isso tem a ver com a Rainha de Copas? Tudo, e nada.

Se você leu as histórias anteriores deste Livro dos Contos de Fadas, então sabe que tudo está conectado, e a guerra de Tulipa não era o único evento que ameaçava colocar os habitantes dos Muitos Reinos em perigo. Mas algo ainda mais perturbador do que a guerra e a assombração do espelho de Branca de Neve tomava forma em uma terra distante de nossa própria criação, colocando tudo e todos em risco. E esta é a história.

A história dela. A história da rainha com tendência à ira.

CAPÍTULO I

A RAINHA DE COPAS

A Rainha de Copas sempre refletia se teria sido melhor que não tivesse acontecido de repente. Talvez, dessa forma, não fosse tão enlouquecedor. Mas aconteceu de repente ou, pelo menos, assim pareceu para a Rainha, ao se encontrar em uma terra tão desconhecida, desconcertante e avassaladora.

No País das Maravilhas, ela estava cercada por barulho, caos, mistério e estranhos, mas, de alguma forma, esses estranhos a chamavam de Rainha, uma noção que a fez hesitar bastante a princípio. Mas certamente ela sempre fora rainha, não é? Se não daquele lugar, com certeza de algum outro. No entanto, quanto mais pensava nisso, mais se convencia de que nem sempre havia sido a Rainha do País das Maravilhas. Não daquele reino enlouquecedor, confuso e intrigante que era tão enigmático e, ao mesmo tempo, curiosamente tão familiar, povoado por habitantes incômodos que pareciam se esforçar para irritá-la e confundi-la. De alguma forma, esperava-se que ela fosse a Rainha deles e controlasse a própria raiva. O que parecia impossível, estando cercada por tanta loucura.

Ela mal conseguia se lembrar de como era sua vida antes de se encontrar no País das Maravilhas. Tinha apenas uma sensação de que um dia houve felicidade e que tudo fazia sentido. A certeza de que em algum momento sua vida teve regras e ordem. E agora não havia outra coisa senão caos. Nada fazia sentido, e ela estava sempre com raiva.

Mesmo tendo se passado muitos anos desde que acordara para esta nova vida, ainda parecia que tudo não passava de um erro terrível, como se ela não pertencesse àquele lugar. E de fato não tinha desejo de se encaixar ou pertencer a uma terra tão enlouquecedora. Só queria escapar dali.

No início, lutou contra isso; tentou reprimir a raiva estrondosa que residia dentro dela, mas nada do que fazia adiantava, pelo menos não por muito

tempo, e agora parecia tarde demais. O barulho à sua volta, e em sua cabeça, era cacofônico. A raiva era descomunal, e só restava uma coisa a fazer: precisava matar cada habitante do País das Maravilhas. Quem sabe somente assim teria paz.

Essa conclusão perfeita e sublime ocorreu à Rainha certa manhã, quando tomava chá e beliscava distraidamente um prato de seus biscoitos favoritos, e então se viu subitamente inebriada. Riu como uma mulher possuída enquanto corria para a escrivaninha, onde pegou papel de carta e a pena para redigir os convites. Ela daria uma festa! Uma festa na qual todo mundo morreria.

Estava extasiada com a ideia de decepar a cabeça de todos. Era o que reis e rainhas faziam, não era? Pelo menos, era o que o Coelho Branco lhe dissera em uma de suas muitas teses sobre os hábitos dos monarcas. Ao que parecia, se estivessem descontentes com o comportamento de alguém, simplesmente lhe cortavam a cabeça. E, para a Rainha, alguns dos motivos eram um tanto frívolos, mas sabia que *ela* tinha razão. Mal podia esperar para ver a cabeça idiota deles caída no chão com expressões insípidas e sem vida. Então, e somente então, não haveria mais charadas ou histórias entediantes saindo de seus lábios; nada de canções de desaniversário, ou contos exagerados, ou disputas mesquinhas. A única coisa que jorraria de suas bocas seria sangue. Ela ficou surpresa com a pura felicidade que essas imagens lhe transmitiam, imaginando o sangue carmesim dos seus súditos espalhado pelo chão. Ao fechar o último envelope, suspirou de alívio, experimentando o primeiro vislumbre de paz que sentira desde que se encontrava no País das Maravilhas. Em breve, todos teriam seus convites. Em breve, todos morreriam.

Motivada pela inspiração, agarrou a grande sineta de latão sobre a escrivaninha e a tocou furiosamente, até que uma das criadas entrou na sala com andar incerto. Era uma jovem franzina e tímida, com olhos grandes, cabelos escuros presos na touca de serviço e um uniforme preto enfeitado com corações vermelhos. Ela tremia ao entrar no aposento. A Rainha podia ver suas mãos e seus lábios chacoalhando, e se perguntou se a criada lhe daria um pretexto para decapitá-la. Só o tempo diria.

— Leve imediatamente estes convites ao Coelho Branco! Diga-lhe para entregar cada um deles antes de me encontrar no horário habitual de hoje. Informe a criadagem que daremos uma festa suntuosa para todos os meus súditos e diga para se apressarem! Quero tudo pronto sem demora! Bolos,

biscoitos, refrescos, decoração, jogos, sem desculpas! — ordenou ela, atirando a sineta na pobre criada, que saiu correndo da sala. A Rainha não se importava se aquela era uma tarefa impossível para seus servos já atribulados. Que diferença fazia, afinal? Logo, todos estariam mortos.

Na verdade, a Rainha já tinha cozinheiros e padeiros trabalhando vinte e quatro horas por dia, preparando todas as delícias imagináveis, caso ela ou o Rei as desejassem. Todos na corte sabiam qual seria a penalidade se a Rainha não conseguisse o que queria exatamente quando exigisse. E não se tratava de um lar pequeno; contando ela e o Rei, havia cinquenta e dois ocupantes — bem, cinquenta e três, na verdade, se você contasse o Coelho Branco, com uma margem de erro de decapitações para mais ou para menos. Então, não havia desculpas.

Mas, pensando bem, aquele número, cinquenta e dois, era curioso. Algo nele lhe parecia familiar, porém tão distante em suas lembranças que agora estava de alguma forma envolto em escuridão. Quando se viu pela primeira vez no País das Maravilhas, tentou alcançar aquela escuridão, agarrar-se a algo do passado, mas se sentiu ainda mais confusa e desnorteada do que antes. Então, no fim, desistiu. Parou de tentar se lembrar. Assim, tudo a respeito de sua vida, passada e presente, ainda era um enigma.

Você pensaria que os gatos, as lagartas e os coelhos falantes do País das Maravilhas, ou o número cinquenta e dois, fossem o mistério premente. Mas não era o caso, e sim sua fúria avassaladora. Desde o momento em que acordou no País das Maravilhas, a Rainha oscilava entre a confusão e a raiva. E quanto mais confusa ficava, mais intensa era a raiva. Com o passar do tempo, era como se a raiva não de uma, mas de *três* mulheres residisse dentro dela. Vivia em sofrimento e à beira do colapso. Era exaustivo sentir tanta raiva o tempo todo, ter tanto ódio borbulhando em seu íntimo, como uma panela de geleia fervendo no fogão. Cabia aos outros limpar a bagunça deixada pela Rainha para que ela não tivesse que enfrentar seu próprio sofrimento.

Enquanto olhava ao redor da sala matinal, o cômodo onde passava a maior parte das manhãs e tardes, desejou poder ser feliz. Sentia-se egoísta e derrotada, como se não soubesse como ser feliz, mesmo cercada por coisas tão belas e uma equipe que estava sempre a postos para lhe dar o que quisesse. Mas a Rainha não era feliz. Não importava quão bonito ou confortável fosse o castelo, ou que os jardins estivessem vicejando com

suas flores preferidas, ou que ela tivesse um marido amoroso. Ela odiava sua vida, porque odiava estar no País das Maravilhas.

Ao baixar os olhos para o prato com seus biscoitos favoritos, redondos e brancos com um coração vermelho de geleia no centro, ressentiu-se de não ser bolo. Procurou à sua volta pela sineta, mas então se lembrou de que a havia jogado na criada e decidiu que não tinha outra escolha a não ser berrar o mais alto que pudesse.

— Tragam-me bolo! E não um daqueles bolos de desaniversário infernais! — gritou ela, registrando um lembrete mental de que precisava de mais de uma sineta.

Sua voz ecoou pelo cômodo cavernoso, fazendo com que os criados se dispersassem atabalhoadamente, esbarrando uns nos outros e ricocheteando nas paredes antes de correrem para a cozinha em busca do bolo. Ela teria rido, mas não conseguiu. Nada além de raiva habitava suas entranhas nos últimos tempos e, às vezes, ela se admirava consigo mesma, surpresa com o quanto havia mudado desde que chegara. Sentia falta dos dias de risos e curiosidade. Sentia falta dos dias de assombro, quando vagava por aquela terra estranha à procura de respostas e amigos, quando era mais fácil controlar seus piores impulsos. Sentia falta de tentar desvendar os mistérios do reino e de como estava animada para conhecer seus súditos e aprender suas histórias. Mas aqueles dias ficaram no passado.

Tudo o que restava era a raiva.

Enquanto permanecia sentada ali, mastigando o último biscoito e aguardando ansiosamente o bolo, tentou se lembrar do momento exato em que a raiva se tornou seu mundo e quando essa necessidade insaciável por bolo a dominou. Era estranha a frequência com que o desejava agora, como comê-lo parecia fazer a raiva diminuir, mesmo que momentaneamente, e se perguntou por que não havia pedido bolo logo de manhã. Nesse instante, uma criada apareceu na sala com um novo prato de seus biscoitos favoritos, e não o bolo de que tanto precisava. Sentiu-se cada vez mais furiosa, o calor lhe subindo pelas bochechas, os nós dos dedos ficando brancos enquanto cravava as unhas na palma das mãos. Precisou de todas as suas forças para não matar a criada ali mesmo. Embora mal soubesse por que não o fizera.

— Eu disse bolo! Eu quero bolo! Traga-me bolo ou eu corto sua cabeça! — A criada colocou os biscoitos na mesa de centro com as mãos trêmulas, e seus olhos se encheram de uma mistura de pavor e perplexidade. Mas a perplexidade da criada não era nada comparada à da Rainha.

Nem ela entendia esse desejo, essa necessidade por bolo. Às vezes, quando ninguém estava olhando, enfiava punhados de bolo na boca, empanturrando-se até passar mal. Era a única coisa que a fazia se sentir melhor. A única coisa que atenuava sua raiva. Ela sabia que algo estava terrivelmente errado. Era mais do que enlouquecedor, era aterrorizante. As imagens cintilantes de sua vida passada pareciam desaparecer a cada dia. Agora, quando tentava se lembrar, via apenas escuridão, e não ousava penetrar essa escuridão porque tinha muito medo do que poderia persistir ali.

Todavia ainda mais enervantes eram as vozes em sua cabeça. Não apenas a dela, mas também a de outras mulheres. Três outras mulheres, exatamente. E o pior de tudo era que a Rainha tinha certeza de que a raiva pertencia a elas, e que eram essas mulheres que exigiam bolo.

Pensar nisso a fez sentir como se estivesse perdendo o juízo. Até mesmo deixar passar tal coisa por sua cabeça a fazia se sentir tola. Não ousava contar a ninguém sobre essas mulheres, nem mesmo ao seu confidente mais próximo, o Coelho Branco. Todos pensariam que ela havia enlouquecido devido aos longos anos de confinamento. Ora, mas todos no País das Maravilhas não eram loucos mesmo? Talvez eles também ouvissem as vozes daquelas mulheres, as risadas estridentes ecoando na mente, deixando todos loucos.

A Rainha havia passado tempo demais pensando nessas mulheres misteriosas. Imaginando como escapar da loucura delas. Mas não havia escapatória. Nem delas nem do País das Maravilhas. E só lhe restava uma coisa a fazer. Somente assim talvez encontrasse paz.

Estava tão perdida em seus pensamentos que mal notou quando seu marido, o Rei, entrou na sala. Aliás, ela mal o notava na maior parte do tempo. Como ele lhe parecia pequeno e estranho, como era esquisito e alegre. Havia algo cômico nele em seu traje real enorme, quase como uma criança vestida com as roupas do pai. Seu manto arrastava-se pelo chão, acumulando migalhas de biscoito enquanto ele atravessava a sala, e a Rainha se perguntou se as criadas sabiam o quanto seu trabalho era mais fácil graças ao seu rei diminuto varrendo todo o castelo. Ele notou a sineta caída no chão, pegou-a e colocou-a sobre a mesa da Rainha, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Vejo que a criada a estava aborrecendo de novo — disse ele, sentando-se no sofá vermelho. A Rainha percebeu que ele queria que ela se

sentasse ao seu lado, mas estava feliz na escrivaninha. Mesmo que isso não transparecesse em seu rosto, ela sabia que o magoava quando não se movia para se juntar a ele. O Rei sempre tinha um sorriso estampado no rosto, não importava o que acontecesse. Quanto mais desagradada ela ficava com ele, mais largamente ele sorria. Nada parecia incomodá-lo. Ele era imune à loucura do País das Maravilhas, à raiva da Rainha, às vozes. O castelo poderia desmoronar à sua volta, e ele continuaria sorrindo.

A verdade era que ela não suportava olhar para o Rei nem ouvir o som da sua voz tagarelando sobre os acontecimentos absurdos que sucediam no reino. Que lhe importava que a Falsa Tartaruga contasse novamente sua história, ou que aqueles tolos dos irmãos Tweedle estivessem azucrinando viajantes na estrada com charadas e chavões insuportáveis? Que lhe importava se a Lagarta houvesse mais uma vez sido indelicada, ou que o Chapeleiro Maluco pensasse perpetuamente que era hora do chá, ou que algumas ostras fossem ludibriadas para virarem comida, repetidas vezes, sem nunca aprenderem com os erros? Durante todos os seus anos de prisão, nada havia mudado. Tudo permanecera igual e, de alguma forma, estava mais intolerável do que nunca. A única coisa que lhe trazia paz era saber que cortaria todas as cabeças. Todas. Cada uma delas. Talvez até a do Rei.

— Meu amor, você está escutando? — perguntou o Rei, pegando um biscoito do prato e o comendo. Ela estava enojada com as migalhas caindo em suas vestes e com a geleia que grudava em seus dentes enquanto ele estalava os lábios. Como é que se vira casada com um homem tão tolo e simplório? Em que mundo, sob quais circunstâncias, poderia ter concordado em se casar com ele? Com certeza não se lembrava de ter escolhido fazer isso. Enquanto estava sentada ali, encarando-o, não conseguia entender, e quando buscava na mente por possíveis razões, isso só a deixava ainda mais desorientada. Então, em vez disso, imaginou a cabeça do Rei caída sem vida no chão, o sangue se acumulando ao redor dele e um sorriso permanente estampado em seu rosto.

— Claro que não estou escutando você, meu querido. O que foi agora? Deixe-me adivinhar, uma morsa fazendo uma dancinha? Ou talvez o Chapeleiro Maluco tenha pensado que perdeu novamente o Leirão, só para encontrá-lo dormindo em um bule de chá? Ou o gato da Duquesa está aprontando de novo? — Ela ainda estava imaginando a cabeça decapitada dele, e isso quase a fez rir.

— Não, não, não! É a menininha! Todo mundo no País das Maravilhas está falando dela. — Isso era novidade. A primeira coisa nova no País das Maravilhas de que conseguia se lembrar. A Rainha endireitou-se. Poderia até estar interessada.

— Que menininha? Nós não temos nenhuma menininha! Não vi nem ouvi falar de uma única menininha em todo o País das Maravilhas!

— Agora temos uma. Ela está zanzando por todo o rainhado, apresentando-se a todos que encontra. O nome dela é Alice.

— Alice? Que nome grotesco. Que insolência! Apresentando-se a todos no rainhado antes de vir cumprimentar a Rainha? Como ela ousa?

— Bem, para ser justo, ouvi dizer que ela não se apresentou imediatamente aos Tweedle… — começou a explicar o Rei, mas a Rainha não estava ouvindo. Em vez disso, olhava para o relógio, cujos ponteiros se aproximavam da hora. A hora em que o Coelho Branco deveria retornar. A Rainha sorriu ao observar o ponteiro dos segundos se movendo e saboreou a imagem do coelho em pânico, correndo pelo castelo sem fôlego, balbuciando “Estou atrasado” enquanto passava por criados que se apressavam para sair de seu caminho. E, na hora certa, no exato momento em que era aguardado, o Coelho Branco apareceu, sem fôlego e tremendo de nervosismo. Ela quase se deleitou ao vê-lo naquele estado, tudo para agradá-la com sua pontualidade. De todos os súditos, o Coelho Branco era o único no rainhado que, vez ou outra, conseguia agradá-la. Ela não o imaginava sem cabeça. Perguntou-se se deveria poupá-lo. Afinal, alguém teria que limpar o sangue.

— Você entregou todos os convites, Coelho? Até o último? — Ela não o encarou, manteve os olhos fixos na porta, aguardando ansiosamente os criados com o bolo. Se estivesse olhando para o Coelho Branco, teria visto que ele estava mais ansioso do que nunca. Mas ela não precisava olhar, podia ouvir sua respiração ofegante e o nervosismo em sua voz. Quase sentiu pena dele.

— Sim, minha Rainha, entreguei todos os convites. Todos, exceto um — respondeu o coelho trêmulo. A Rainha virou a cabeça na direção dele, furiosa.

— Qual deles? Quem não recebeu o convite? Como ousa não entregar todos os convites? Cada pessoa, animal, porquinho, peça de xadrez ambulante, bem como qualquer outro ser pueril neste reino infernal, deve comparecer! Cada um deles! Entendeu? — A Rainha estava enfurecida e

não descansaria até que todos estivessem mortos. A ideia de uma única criatura insana daquelas à solta no País das Maravilhas a arrepiou. Não, todas deveriam morrer. Todas. Talvez até o Coelho Branco.

— O da menininha. Descobri que o nome dela é Alice, Vossa Majestade. Ela me seguiu por toda parte. No começo, pensei que fosse minha criada, Mariana. Mas Mariana jamais cresceria absurdamente de tamanho e destruiria minha casa, ou assustaria o Leirão, ou confundiria o Chapeleiro e a Lebre de Março com charadas sobre corvos e mesas.

— Pare com essa conversa sem sentido imediatamente, Coelho! Eu me recuso a ouvir disparates do País das Maravilhas! — ralhou a Rainha.

— Claro, Vossa Majestade. A questão é que não vi um convite para Alice com os outros.

— Ora, é claro que não, ela não mora aqui, seu coelho estúpido! Onde no País das Maravilhas você o entregaria? Não importa, certifique-se de que ela venha para cá hoje. CERTIFIQUE-SE DE QUE TODOS VENHAM. — A Rainha desprezava sua própria voz retumbante, ressentida por não conseguir controlar a raiva.

— Acredito que pode ser um tanto desafiador trazer todos aqui tão em cima da hora. Seus súditos podem ser bastante excêntricos e espirituosos…

— E mortos. — O coelho deu um pulo, assustado com as palavras da Rainha. — Isto é, eles estarão mortos *se* não comparecerem — continuou ela antes que o coelho pudesse responder. — Diga a eles que sem a cabeça não haverá mais palhaçadas nem brincadeira de pular carniça, danças bobas ou charadas absurdas. Diga a eles que sem a cabeça não poderão mais tomar chá, comer bolo ou fazer perguntas grosseiras. Porque, querido Coelho, ter a cabeça cortada será a penalidade para qualquer um que não comparecer à minha festa hoje. Certifique-se de que tomem conhecimento.

— Acredito que estava escrito no convite, Vossa Majestade — disse o Coelho Branco. — Todos no reino estão cientes.

— Muito bem, muito bem, mas isso fará com que meus súditos desmiolados compareçam? Todos devem vir! — Ela cravou as unhas na palma das mãos novamente, desta vez com tanta força que tirou sangue. Uma gota escarlate caiu no chão, e uma sensação agradável a invadiu ao imaginar a cabeça da Rainha Branca cercada por uma poça da mesma cor. Riu alto, e o Coelho Branco deu um pulo. Estava especialmente inquieto naquele dia. Mais parecido com um coelho.

— Eles são, como você diz, *excêntricos*, Vossa Majestade — disse ele, lançando-lhe um olhar de soslaio.

"Excêntrico" era um eufemismo. Todos no País das Maravilhas eram loucos. E isso fez a Rainha se perguntar se tudo aquilo era culpa dela. Não conseguia se lembrar do que viera primeiro: todas aquelas distrações enlouquecedoras ou seu temperamento ruim. Certamente seu temperamento ruim era resultado dessa insanidade crescente que parecia tomar conta de seu rainhado. Mas será que seu temperamento ruim estava piorando a situação, fazendo com que os súditos agissem de forma mais errática e ainda mais irritante? Era um ciclo que ela sentia que não conseguia quebrar, e lhe restava apenas uma solução.

Cortar-lhes a cabeça!

— Ela está quase aqui, minha Rainha. — O Coelho Branco interrompeu seus pensamentos tão repentinamente que ela não conseguiu se lembrar do que falavam.

— Quem? Quem está quase aqui? Do que você está falando agora? — Ela balançou a cabeça, tentando apagar aquelas risadas maníacas de sua mente. Eram tão altas e tão avassaladoras que estava convencida de que todos também deviam ouvi-las. Pelo que sabia, os outros eram sãos e ela era a louca. Todos tinham temperamentos semelhantes, mesmo que suas peculiaridades fossem bastante distintas. A única coisa que compartilhavam era a propensão para o absurdo.

— A garotinha, minha Rainha. *Alice.* Ela está quase aqui.

— Claro! Sim! A garotinha! Certo. Pois bem, Coelho, providencie para que os criados preparem o campo de croquet e afiem o machado real! — Ela passou pelo marido empurrando-o para o lado, quase o derrubando. Os bigodes do Coelho Branco se contorceram em divertimento. Ele detestava o Rei quase tanto quanto ela própria detestava. Afinal, o monarca era um inútil, parado ali, em silêncio, mastigando um prato inteiro de biscoitos. — E preparem os flamingos! E reúnam os ouriços e todas as outras bobagens necessárias para jogar croquet neste lugar maldito. Faremos nossa festa no jardim, e a pequena Alice se juntará a nós! — Ela ergueu as mãos dramaticamente, encorajada por seus planos estarem sendo postos em prática. — Sim! Uma festa no jardim! É o lugar perfeito. — Depois que todos fossem decapitados, ela e o Coelho Branco poderiam usar a cabeça deles como bolas de croquet. Ah, como seria maravilhoso golpear as cabeças no jardim. Pensar nisso a fez rir, e então se sentiu feliz por rir com

as mulheres estranhas em sua cabeça, por se juntar a elas em vez de ser atormentada por elas.

— Ah, sim, Vossa Majestade! O jardim é o lugar perfeito! — O Coelho Branco a encarou, como se fizesse alguma ideia de seus devaneios sanguinários. Como se soubesse o que ela planejava.

— O que você sabe sobre lugares perfeitos para uma festa no jardim? *O que você sabe*, Coelhinho? — indagou, estreitando os olhos e se perguntando se ele sabia de seus planos. Então, lembrou-se. Claro que ele sabia! De todos no reino, o Coelho Branco era quem melhor a conhecia.

— Bem, se alguém vai fazer uma festa no jardim, o jardim parece, *de fato*, ser o local perfeito — declarou o coelho, olhando para ela.

— De fato! — exclamou, e dois criados entraram na sala com um bolo enorme em um carrinho de chá. Era de longe o maior bolo que já haviam lhe preparado, e as camadas estavam cobertas com cores diferentes. A Rainha sorriu ao ver os dois criados parados um de cada lado do bolo, suas expressões tomadas pelo medo, aguardando para ver se ela aprovaria o trabalho da confeiteira. Parecia que, desde o primeiro dia em que surgiu no País das Maravilhas, fora escalada para um papel que estava destinada a desempenhar. Um papel que nunca quis e que só recentemente decidira aceitar. O papel da Rainha com tendência à ira. — Tarde demais! Tarde demais! O bolo chegou tarde demais! Cortem-lhes a cabeça! — disse ela, enquanto pegava um punhado de bolo, enfiava na boca e jogava a cobertura dos dedos nos pobres criados paralisados de horror. *Ah, sim, isso é gratificante. Bolo e morte*, pensou ela ao baixar os olhos para os criados, que estavam de joelhos implorando por misericórdia. — Ah, não me olhem assim. Vocês sabem qual é a penalidade! Cortar a cabeça! — Os guardas entraram na sala e arrastaram os criados para o pátio, para a decapitação. Ela sorriu e deu outra mordida no bolo enquanto os gritos dos criados preenchiam os corredores. A Rainha se deliciou com o medo que podia ouvir em suas vozes, chamando-a repetidamente, implorando para que mudasse de ideia. Mas ainda mais satisfatório foi o silêncio que se seguiu.

Sim, bolo e morte, eles tornam este lugar terrível quase tolerável, pensou, antes de se lembrar que o coelho estava lá, esperando que ela o dispensasse.

— Ah, e Coelho Branco: espero que não pense que esqueci de convidar *você* para a minha festa no jardim. Embora eu ouse dizer que não faz

sentido você entregar o convite a si mesmo. Então, tome. — Ela tirou um envelope branco do bolso e o entregou a ele.

— Será uma… uma… honra comparecer, minha Rainha — disse o coelho.

Ah, sim, claro que o Coelho Branco se lembra. Ele sabe do meu plano.

CAPÍTULO II

O COELHO BRANCO CAVALHEIRO

No dia em que o Coelho Branco conheceu a Rainha de Copas, ela estava nos terrenos do castelo, escalando uma cerca-viva alta em seu elaborado jardim de labirinto. Isso aconteceu muitos anos antes de ela decidir decapitar todos no reino. Muitos anos antes de ser tomada pela sede de sangue e pela raiva.

Naquele dia, no labirinto de sebes, o Coelho Branco deve ter assustado a Rainha de Copas, porque, ao cumprimentá-la, ela gritou e caiu para trás por cima da sebe. Ele ouviu um baque forte, seguido por um grito penetrante que fez seus bigodes se contorcerem. O coelho correu rapidamente ao redor da longa sebe e encontrou a Rainha esparramada no caminho labiríntico. Sua saia externa estava levantada sobre o rosto, expondo a anágua preta e amarela, inúmeros saiotes, meias brancas e sapatos de seda. Era uma visão curiosa: aquela mulher que ele nunca vira antes, coberta de restos de folhas dos arbustos, proferindo xingamentos abafados por baixo do grosso vestido de veludo vermelho e preto que cobria seu rosto.

A última coisa que o Coelho Branco desejava era envergonhar a Rainha (pois sem dúvida era quem a dama devia ser) ao vê-la naquele estado, por isso prontamente se virou. Era melhor que ele a deixasse se arrumar antes de fazer suas apresentações. Ouvira rumores por todo o reino sobre uma nova rainha. Ou, pelo menos, *achava* que sim. Pensando bem, não tinha certeza se havia conhecido alguém no reino além da Rainha. Não tinha certeza se realmente ouvira tal coisa, ou, se ouvira, quando ou onde ouvira. Nem sabia se havia existido uma rainha anterior e, se havia, para onde ela fora ou como surgiu a nova rainha. Havia muita coisa que ele não sabia. Quando por um breve momento pensava saber de algo, então se perguntava como sabia. Assim como achava ter ouvido falar de uma nova rainha.

Ele achava tudo bastante estranho, o fato de não se lembrar. Era como se tivesse acordado e este fosse seu primeiro dia ali — onde quer que *ali* fosse. Mas como poderia ser possível? Supôs que não importasse se sempre estivera naquela terra estranha ou se simplesmente aparecera ali naquele dia, ou se eventualmente se encontraria em outro lugar. O que importava era este exato momento. Sim, este era o único momento que importava; pensar demais nos comos e porquês só o deixaria louco.

E foi então que, naquela ocasião em particular, teve quase certeza de ter ouvido um boato sobre uma nova rainha. Mesmo sem saber quem lhe contara esse boato. O que importava agora era que a Rainha estava caída no caminho à sua frente, coberta de terra, galhos e restos de folhas. Ele era pequeno demais para ajudá-la a se levantar — afinal, era do tamanho de um coelho, pelo menos pensava assim —, e a melhor opção seria encontrar alguém maior do que ele. Sim, esse era o melhor plano. Mas então lhe ocorreu que seria rude de sua parte apenas ir embora, deixando-a esparramada na terra, e decidiu que provavelmente era melhor dizer *alguma coisa*.

Ainda de costas para a Rainha, certificando-se de lhe dar a dignidade que tinha certeza que ela deveria merecer, disse:

— Você está bem, minha Rainha? Quer que eu chame alguém para ajudar? — A verdade era que ele não tinha certeza do que ela merecia, pois acabara de encontrá-la, e ela estava de cabeça para baixo, com o vestido por cima da cabeça. Mas ele era um coelho cavalheiro, afinal (pelo menos, achava que era). E coelhos cavalheiros sempre faziam a coisa certa se estivesse ao seu alcance.

— Como não vejo mais ninguém neste labirinto além de você, Coelhinho Branco, presumo que seja você quem esteja falando comigo agora? — perguntou a Rainha. Sua voz soou menos abafada, o que fez o coelho pensar que pelo menos ela estava sentada, mas é claro que ele não podia ter certeza sem se virar.

— De fato. Você prefere que eu não fale? — perguntou ele.

— Pode falar. E explique por que está me chamando de sua Rainha — questionou, o que pareceu uma pergunta muito estranha para o coelho. Era fácil ver que ela era a Rainha, e não apenas por causa dos rumores que ele poderia ter ou não ouvido. Ela estava, de fato, nos terrenos do castelo, vestida como uma rainha, e parecia ter um ar de rainha. Era, sem dúvida, a Rainha. Nunca lhe ocorrera que não fosse a Rainha. Embora se perguntasse

por que uma rainha escalaria uma cerca-viva, esta parecia uma pergunta impertinente, e coelhos cavalheiros não faziam perguntas impertinentes, a menos que precisassem fazê-las.

— Porque você é a Rainha — respondeu ele simplesmente e com convicção.

— Sou? Oh! Pois bem, pode se virar. — Ele se virou e a viu parada ali, sem qualquer evidência de sua desventura. Enquanto o coelho a observava com mais atenção, concluiu que ela não poderia ser outra pessoa além da Rainha, especialmente agora que estava de pé, e seu vestido era, aos olhos de qualquer um, um vestido que não poderia ter sido usado por outra pessoa senão uma rainha, ou por alguém fingindo ser uma rainha, embora achasse isso altamente improvável.

— E como é que me encontro em um labirinto de sebes conversando com um Coelho Branco de colete, segurando um relógio de bolso desproporcional e um guarda-chuva de tamanho adequado para um coelho? É estranho, não é?

— Não sei, Vossa Majestade. — O fato era que ele não tinha certeza do que era estranho e do que não era. Mas, se fosse forçado a decidir, diria que nada sobre sua pessoa ou vestuário era estranho.

— E suponho que você não saiba como encontrou um guarda-chuva de tamanho adequado para um coelho? Você pensaria que, se tal coisa existisse, um relógio de bolso do tamanho certo não seria pedir demais. Por sua vez, nunca, que eu saiba, encontrei um coelho falante, então presumo que nada aqui faça sentido — disse ela com um sorriso atrevido. Nunca ocorrera ao coelho perguntar-se onde havia conseguido seu relógio de bolso ou por que era tão grande. Tudo o que sabia era que precisava dele para garantir que chegasse aos seus compromissos na hora, embora não soubesse que compromissos eram esses. Quanto ao guarda-chuva, bem, essa era outra história, que fazia sentido para ele. Certamente, ele o havia conseguido no mesmo lugar em que adquiriu o terno, mesmo que não conseguisse se recordar de onde poderia ter sido.

— Considerando que não me lembro de como cheguei aqui, ou como obtive minhas coisas, não saberia dizer. — Surpreendeu-se ao dizer isso em voz alta. Era verdade, não se lembrava de muita coisa; no entanto, admitir isso para ninguém menos que uma rainha parecia tornar tudo ainda mais real.

— Você não se lembra? Que estranho, eu também não. Não em nenhum sentido real, pelo menos. Você acha que há um motivo para isso, ou que alguém aqui saberia? Alguém que pudesse resolver esse mistério? — perguntou a Rainha, olhando meio atordoada à sua volta, como se não tivesse ideia de como fora parar em um labirinto de sebes tão enorme, ou mesmo naquele lugar. E foi fácil para o coelho chegar a essa conclusão, não apenas pela expressão no rosto dela, mas porque ele se sentia da mesma forma.

— Não faço ideia, mas não me importaria se você quisesse descobrir o mistério deste lugar junto comigo — ofereceu o coelho.

— Que maravilha… — disse a Rainha, olhando ao redor. — Eu nem sei como chamar esta terra. Talvez encontremos seu nome em nossa aventura.

— Tenho certeza que sim — concordou o Coelho Branco. Olhou nervosamente para o relógio de bolso.

— Você tem que ir a algum lugar, Coelhinho? Eu o estou atrasando para um compromisso importante?

— Acho que não, Vossa Majestade. Acredito que estou exatamente onde deveria estar.

— Gostaria de poder dizer o mesmo. — A Rainha pareceu triste para o Coelho Branco naquele momento, tão perplexa e confusa. Tão perdida. Tão diferente da Rainha que ela se tornaria.

— Posso perguntar por que você estava escalando a cerca-viva? — Estava se sentindo um pouco mais corajoso agora que a Rainha parecia uma pessoa sensata e na mesma situação que ele.

— Eu estava com medo — contou ela. — Mas não se preocupe com isso, Coelhinho. Tenho a sensação de que seremos bons amigos. Gostei de você. E se eu tiver que ficar presa em um lugar estranho, que seja com você.

— Presa, Vossa Majestade?

— Será que não percebeu, meu querido amiguinho? Não há saída deste país das maravilhas. Nenhuma saída. Foi por isso que fiquei com medo.

— Tem certeza, Vossa Majestade? — O coelho perguntou-se como ela sabia disso, já que nenhum dos dois parecia ter explorado a terra além daquele labirinto de cercas-vivas e, portanto, não conseguiam saber qual era a entrada ou a saída, ou se havia uma entrada ou uma saída.

— Acho que não tenho certeza, Coelho. Acredito que seja apenas uma sensação. Uma sensação terrível, agourenta, medonha. E, para ser bem sincera, isso também me deixa um pouco irritada. — Naquele momento, ela

parecia menos uma rainha e mais uma garotinha perdida rodeada por cercas-vivas altas pelas quais não conseguia encontrar um caminho.

— Então, parece que temos dois objetivos — falou ele, com um tom de voz que esperava que a encorajasse. — Vamos descobrir os mistérios deste lugar e, se não gostarmos deles, daremos um jeito de sair.

— De fato! Agora, vamos sair daqui antes que meu marido me encontre — disse ela dramaticamente, movendo os olhos para a esquerda como se tentasse verificar se ele a estava perseguindo, quando ambos sabiam muito bem que não, já que não havia sinal de ninguém no local, muito menos de um rei. Isso fez o coelho rir. Ele tinha gostado daquela mulher, gostado muito dela. Era engraçada, brincalhona e perspicaz. Exatamente o tipo de pessoa que ele gostaria de chamar de amiga.

— Marido, Vossa Majestade? — Não havia ocorrido ao coelho que a Rainha teria um marido. Mas, pensando bem, na maioria dos casos, quando havia uma rainha, também havia um rei. O coelho se perguntou por que isso acontecia e como ele sabia de tal coisa. E, então, questionou-se por que dois reis ou duas rainhas não podiam governar. Ou talvez apenas uma rainha. Com certeza, isso não era incomum. E, se fosse, não deveria ser.

— Sim, Coelho, meu marido, o Rei. Era dele que eu estava fugindo quando me vi no labirinto.

— Então ele é um homem horrível e desagradável?

— Não. Só não me lembro de ter me casado com ele. Imagine acordar e dar de cara com um estranho em sua cama? Bem, presumo que fosse a minha cama. E, para mim, ele era um estranho. Sinceramente, não faço ideia. Ah, tenho certeza de que você acha que sou louca. Bem, não sou, eu lhe digo, não sou louca! Nunca vi esse homem antes, esse suposto marido meu. Pelo menos, acho que não. E, se vi, não me lembro de ter me casado com ele, embora seja costume que reis e rainhas se casem, acho. Mas lhe digo: nunca vi este castelo, ou estes jardins, ou as terras que ficam além dele. — O coelho ficou surpreso com a rapidez com que o medo dela se transformou em raiva. Mas quem poderia culpá-la, afinal? Até agora, o dia daquela mulher tinha sido muito mais assustador do que ele imaginava.

— Hoje deve ser seu primeiro dia — disse ele, sorrindo para ela, tentando apaziguar suas emoções. Algo que ele viria a fazer com mais frequência com o passar do tempo.

— Como assim, *primeiro dia*?

O coelho podia ver uma centelha de curiosidade brilhando em seus olhos, mesmo que ela ainda estivesse um pouco em pânico.

— A história de todos tem que começar em algum lugar, não é? E parece que nossas histórias começam hoje, bem aqui neste labirinto de cerca-viva. Por que não aproveitá-las ao máximo? — perguntou ele com franqueza, pelo bem dela e também pelo próprio bem. O coelho falava sério.

Sabia naquele momento que cabia a ele auxiliar a Rainha, não apenas para descobrirem tudo o que pudessem sobre aquele lugar, mas também para ajudá-la a manter a calma. O fato era que ele não tinha certeza de como conseguia se manter tão calmo, de por que não estava em pânico. Porém estava feliz por não estar, e sentia que era seu dever garantir que a Rainha também não entrasse em pânico, porque percebeu muito cedo, ao se conhecerem, e eventualmente se tornarem amigos, que a raiva dela estava enraizada no medo, no pânico e na incapacidade de escapar do próprio ambiente que a fazia sentir essas coisas. O coelho percebeu que ela era uma mulher que sentia com intensidade. Sentia alegria e raiva em igual medida e precisava de alguém para guiá-la em direção à alegria.

— Mas e todos os outros dias que vieram antes de hoje? Onde eles estão? — perguntou a Rainha com uma expressão perplexa e assustada no rosto.

— Ficaram para trás. Ou talvez à nossa frente. Quem sabe? Tudo o que importa é o dia de hoje — disse ele com uma segurança que sentia que lhe caía bem. Não tinha certeza, é claro, se essa sempre fora sua personalidade, mas decidiu que seria dali em diante.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta, Vossa Majestade. E daí se não nos lembrarmos de quem éramos ontem? O que importa é quem somos hoje. — No momento em que disse isso, soube que era verdade. Pelo menos, era verdade para ele. Tudo o que precisava era convencer a Rainha de que essa era a maneira de ver as coisas.

— Mas eu nem sei quem sou hoje!

— Pense desta forma: ao que tudo indica, você parece *ser* a Rainha, e, portanto, podemos concluir que governa esta terra. É um bom começo, não acha?

— É um ótimo começo — disse ela, voltando a sorrir.

— E, como seu súdito, estou à sua disposição. Qual será nossa primeira tarefa? — Ele ficou contente por suas palavras parecerem estar dando

coragem à Rainha, feliz que o pânico e medo que ela sentia estivessem diminuindo. Diminuindo.

— Talvez devêssemos preparar um monte de bolos? — sugeriu ela com um sorriso atrevido.

— Bolos, Vossa Majestade?

— Sim, bolos. Algo me diz que a melhor maneira de nos apresentarmos aos nossos vizinhos é levar-lhes um bolo.

— Seus súditos, Vossa Majestade, não seus vizinhos. É melhor pensar neles dessa forma.

— Sim, sim! Mas não é uma excelente ideia? — perguntou ela, juntando as mãos como uma garotinha implorando por guloseimas, com os olhos arregalados e um sorriso travesso. Ele gostava desse lado dela. Havia algo doce e inocente na Rainha em seus momentos de alegria, o que imediatamente a tornou querida pelo Coelho Branco.

— É uma ideia interessante, Vossa Majestade, mas será sábio ou apropriado a uma rainha ir de porta em porta distribuindo bolos? Você não deveria enviar um convite para seus súditos virem até você? — O coelho não sabia ao certo por que seu plano parecia mais sensato. Por que uma rainha não deveria visitar cada um de seus súditos e presenteá-los, se quisesse? Mas havia algo dentro dele que dizia que tais coisas simplesmente não eram feitas, e a melhor forma de prosseguir era fazer com que os súditos viessem até ela. Porém, muito além dessa noção de quebra de protocolo, havia algo mais no íntimo dele que o instava a não seguir esse plano: o medo de que isso os colocaria em um caminho perigoso do qual talvez nunca retornassem.

— Suponho que haja sabedoria nisso. Você é um bom conselheiro, Coelhinho. Como sabe tanto sobre como as rainhas devem se comportar? — Ela parecia estar refletindo sobre o conselho dele e decidindo o que gostaria de fazer. Como o coelho logo aprenderia, na maioria das vezes a Rainha fazia exatamente o que bem entendia, embora estivesse quase sempre disposta a ouvir suas sugestões.

— Não sei — confessou ele, percebendo que era verdade. Não tinha certeza de como sabia como as rainhas deveriam se comportar, ou por que tinha certeza de que seria melhor que os súditos viessem até ela. Supôs que fosse apenas uma questão de bom senso, não que fosse revelar isso a ela. Não importava quão amigável o relacionamento entre os dois houvesse se

tornado em tão pouco tempo, a última coisa que faria seria insinuar que a Rainha não tinha bom senso.

— Você acha que é assim que todas as rainhas são feitas, Coelhinho? Todas elas acordam um dia e descobrem que são rainhas? Parece uma forma estranha de lidar com as coisas. — Ela falou como se achasse que ele tinha a resposta. E o coelho supôs que isso parecesse algo que ele deveria saber. O fato era que não sabia como as rainhas eram feitas. Supunha que as rainhas nascessem para ser rainhas, e a sua, aquela que estava diante dele, parecia-lhe uma mulher que sempre fora Rainha. Não lhe ocorrera que ela não fora rainha antes de se encontrar no País das Maravilhas.

— Você está insinuando que não se considerava uma rainha antes?

— Antes de quê?

— Antes de hoje.

— Imagino que deva ter sido. Tenho a indumentária e sou casada com o Rei. — Ela olhou para o horizonte como se estivesse se esforçando para se recordar de algo, mas era muito distante e, por mais que apertasse os olhos, não conseguia enxergar. Porém, então, por um momento, foi como se seus olhos brilhassem, e o coelho pôde ver que finalmente a Rainha se lembrava de algo.

— Tenho lembranças de grandes festas com outros reis, rainhas e valetes. Consigo ouvir o som de risadas ao nosso redor, vozes alegres e copos tilintando. Consigo imaginar a luz da lareira dançando nas paredes à nossa volta. Então, de repente, tudo acaba, e não há nada, apenas escuridão. E tudo fica silencioso e calmo até sermos trazidos de volta à luz, e as risadas recomeçam. Isso faz sentido para você, Coelhinho? Não faz sentido para mim.

— Talvez a escuridão seja apenas as partes que faltam na sua memória — sugeriu o Coelho Branco.

— Talvez. E talvez seja por isso que, como você disse, hoje é o único dia que importa. *Nosso primeiro dia.* Ah, gostei disso! Primeiro dia! Vamos ver se há alguém neste meu castelo que saiba preparar bolos? Você acha que existe tal pessoa?

— Tenho certeza que sim, Vossa Majestade.

— E como eu sou a Rainha e faço as leis, digo que entregaremos os bolos juntos. E juntos conheceremos todos que existem nesta terra e descobriremos os segredos deste lugar. E, então, decidiremos se queremos ficar ou ir embora. Parece um bom plano?

— Parece, Vossa Majestade.
— Ótimo, então vamos para a cozinha!

CAPÍTULO III

OS INSUPORTÁVEIS IRMÃOS TWEEDLE

Mais tarde naquele dia, os novos amigos partiram para explorar o País das Maravilhas, embora na época ainda não o chamassem assim. O Coelho Branco assumiu a liderança enquanto ele e a Rainha de Copas seguiam o caminho, sem que nenhum dos dois soubesse para onde a estrada os levaria. O coelho informou a ela que era costume os criados da coroa acompanharem o monarca logo atrás, mas como nenhum deles sabia se isso era verdade, já que o coelho não conseguia dizer como sabia de tal coisa, ela insistiu que ele assumisse a liderança para que pudesse fazer as apresentações, caso encontrassem alguém.

A Rainha segurava um pequeno bolo lindamente decorado e, como nem ela nem o coelho sabiam quantos de seus súditos encontrariam naquele dia, ou mesmo quantos havia naquela terra, decidiu que seria melhor ter um punhado de criados seus seguindo atrás deles em um séquito com uma porção de bolos.

Providenciar os bolos e seu transporte foi uma tarefa muito mais fácil do que entregá-los. Os criados da Rainha foram muito simpáticos e ficaram felizes em fornecer à monarca tudo o que ela precisasse. O Coelho Branco sabiamente sugeriu que ela fosse direto para a cozinha pelo caminho dos criados para evitar um encontro constrangedor com o Rei, alertando-a para não mencionar a ninguém que era seu primeiro dia ou perguntar se estavam vivenciando o mesmo fenômeno. Então, a Rainha marchou para a cozinha como se já tivesse feito isso inúmeras vezes antes, e, até onde ela sabia, tinha mesmo.

Era algo impressionante ver os dois seguindo pelo longo trecho de estrada, parecendo saber exatamente para onde iam, quando na verdade não sabiam. Caminharam por vias de paralelepípedos ladeadas por cogumelos gigantes e rosas vermelhas exuberantes, e, aparentemente do nada, vozes suaves se erguiam em canções. Ao passarem por um canteiro de flores coloridas, a Rainha se surpreendeu ao ver que tinham rosto e que eram as próprias flores que entoavam as músicas levadas pela brisa. Que curioso e encantador! Havia beleza em todos os lugares que olhava, desde o sol brilhando através dos galhos das árvores altas até borboletas pairando como por mágica. Logo, os paralelepípedos se transformaram em uma trilha de terra, as árvores ficaram mais abundantes e a luz do sol só conseguia se infiltrar por pequenas frestas. Antes que percebessem, estavam em uma floresta densa.

Dois seres estranhos estavam parados em uma encruzilhada, com suspensórios e pequenos chapéus de cata-vento, produzindo um espetáculo e tanto. Esbarravam-se várias vezes enquanto tagarelavam, completamente alheios à Rainha e ao coelho que estavam ali, observando-os. Apesar disso, foi um alívio vê-los, porque ambos começavam a se perguntar se aquela terra tinha habitantes, e como alguém poderia ser rainha sem súditos? E como nenhum deles sabia qual seria a melhor estrada para se aventurar em seguida, talvez aqueles cavalheiros pudessem ser de alguma ajuda.

— Quem sabe aqueles dois não possam nos ajudar? — sugeriu o coelho. — Talvez saibam onde podemos encontrar os outros que vivem aqui.

— Contanto que *existam* outros. Suponho que não tenhamos considerado que talvez não haja muitos morando aqui. Mas… o que você acha desses… hum… sujeitos, Coelho? — Ela falou baixinho, tomando cuidado para não chamar a atenção daqueles seres estranhos. — Você sabe quem são, Coelho? Não tenho certeza se devemos nos aproximar deles. — A Rainha olhava para aquelas figuras com desconfiança, como se estivesse bastante convencida de que qualquer interação com os dois seria desagradável.

— Não sei, Vossa Majestade. Lembre-se de que hoje também é meu primeiro dia.

— Eles parecem um tanto diferentes, não acha? Com chapéu, gravata-borboleta gigantesca e calça de cintura alta, não é de admirar que aquele corvo imenso os esteja observando tão atentamente.

E era verdade, havia um corvo enorme pousado em um galho robusto de uma árvore à esquerda deles. Os dois pequenos cavalheiros estavam à

sombra da árvore e não pareciam notar o corvo que os observava enquanto saltitavam. Pareciam não notar nada além de si mesmos. E a Rainha se perguntou se aquele também era o primeiro dia deles, embora não fosse provável. Era como se tivessem passado a vida inteira no mesmo lugar, tendo a mesma conversa dia após dia. A maneira como tagarelavam e se moviam em sincronia tinha a naturalidade praticada de uma dança. Lembrava mais uma performance do que uma conversa de verdade.

— Devemos chegar mais perto? — perguntou o coelho, avaliando os homens.

— Sim, Coelho, por que não? Contanto que você ache seguro se aproximar.

Ao darem alguns passos hesitantes, notaram que os dois homens brigavam pelo que parecia ser um chocalho de criança. Eles o arrancavam um do outro, repetidas vezes, até que finalmente o objeto caiu no chão e se partiu. Ambos gemeram, e gritaram tão alto que o corvo nos galhos arrepiou as penas, fazendo a Rainha e o coelho se perguntarem se seria sensato tentar se apresentar enquanto os dois homens estivessem naquele estado. Parecia que encontrariam um momento melhor, embora, francamente, a Rainha ficaria satisfeita em não conhecê-los, ainda mais sendo eles os primeiros súditos com que se deparava em seu primeiro dia. E, bem quando pensou em dizer ao coelho que era melhor irem embora discretamente, os estranhos irmãos — pois com certeza era isso que eram, cada um deles exatamente igual ao outro em todos os sentidos — começaram a ficar ainda mais agitados do que antes.

— Pronto, está feliz agora? — exclamou um. — Você estragou nosso chocalho! Declaro que estamos em guerra!

A Rainha respirou fundo e fechou os olhos, tentando não perder a paciência com aqueles homenzinhos bizarros. Nem os conhecia, mas parecia uma reação absurda ficar tão irritado por um chocalho quebrado. Ela quase disse algo para tentar acalmar a situação, mas se viu morbidamente hipnotizada pela cena aberrante que se desenrolava à sua frente.

— Já que insiste, querido irmão. Se é uma guerra que quer, então não vou contradizê-lo — disse o segundo.

— Acho melhor deixá-los em paz, não acha, Coelho? Além disso, não gostei da aparência daquele corvo, é melhor ficar perto de mim. — A Rainha fez um gesto para o séquito, indicando que virariam à direita na

encruzilhada, esperando conseguir passar por aqueles homens estranhos sem serem notados.

— Eu não iria por ali! — advertiu subitamente um dos homenzinhos bizarros. Observando com mais atenção, a Rainha pôde ver que o nome dele estava escrito na gola da camisa, embora não tivesse certeza de como chamá-lo.

— E qual seria a razão disso, senhor… hum…

— Tweedle! Somos os irmãos Tweedle e estamos prestes a entrar em guerra!

— Entendo, por isso não vamos tomar mais o tempo de vocês. — A Rainha fez o possível para passar pelos homens, que aparentemente haviam se esquecido por completo da guerra e agora estavam em seu caminho, parecendo bastante ofendidos, com os braços cruzados e o cenho franzido. Com base na experiência da Rainha naquela terra até então, ela percebeu que era exatamente o tipo de lugar onde dois seres estranhos, que a princípio não tinham lhe dado a mínima atenção, de repente ficariam bem atenciosos assim que ela decidisse se afastar deles. Sua intuição dizia que aquele primeiro encontro era um presságio do que estava por vir.

— Isso não é um ato adequado! Isso não é educado! — disse o homem cuja gola estampava “Tweedledee”. Com os braços cruzados, ele parecia uma sentinela de guarda.

Ah, isso já é demais! Estes não podem ser os primeiros súditos que conheço. E, se forem, certamente não podem ser como todos os súditos desta terra são, ou então vou enlouquecer! Isso não pode estar acontecendo, pensou a Rainha.

Ela olhou, paralisada de horror, para o Coelho Branco e lembrou-se de que ele também era um de seus súditos, e parecia muito curioso, inspirador e bastante prestativo. Parecia um coelho sábio e, possivelmente, um ótimo amigo. Assim, nem tudo estava perdido, mesmo que, até então, além do coelho, ela não tivesse encontrado nada além de aborrecimentos.

— Com licença, bons senhores, mas vocês estão se dirigindo à nossa Rainha. Não cabe a vocês dizer à nossa Rainha o que é um ato adequado ou educado — repreendeu o Coelho Branco.

Estou adorando esse coelho cada vez mais.

— E como poderíamos saber quem ela é sem apresentações adequadas? Apresentações adequadas são modos adequados. Qualquer um pode colocar

um vestido de rainha e se chamar de Rainha, mas, a menos que ela seja apresentada como Rainha, não sabemos quem ela é!

Ah, isso é demais da conta. Modos adequados, de fato.

— Compreendo — disse a Rainha. Sua cabeça girava com o número de vezes que Tweedledee usara as palavras *adequado* e *rainha*, considerando que ela tinha acabado de saber que era a Rainha e nada parecia adequado naquele lugar. Ou talvez o que era adequado para ela não fosse adequado ali. Ela fez o possível para não explodir de raiva, pois percebia que o sentimento crescia dentro dela. Havia algo naqueles homens que a fazia querer torcer o pescoço deles. Quem eram eles, afinal, para sugerir que ela não era adequada? Sugerindo que ela talvez não fosse uma rainha. Quem eram eles para sugerir qualquer coisa, levando em conta que, momentos antes, estavam prestes a entrar em guerra por causa de um chocalho?

— Espero que não esteja insinuando que nossa Rainha não é adequada. — Era como se ela e o Coelho Branco compartilhassem o mesmo pensamento, e a Rainha ficou feliz em ver que ele estava tão irritado com aqueles imbecis quanto ela. Agradava-lhe o fato de que o Coelho Branco tivesse sido, até então, sensato e otimista, mas também estava feliz em ver esse outro lado dele.

— Todos os outros membros da realeza se apresentaram a nós! A Rainha Vermelha, a Rainha Branca, a Duquesa, o Cavaleiro Branco e assim por diante! Mas você?! Você simplesmente passa por nós, sem dar um “oi” ou um “como estão”? Que grosseria! Isso não é jeito se começar.

As palavras de Tweedledum provocaram uma onda de raiva na Rainha. Era surpreendente, na verdade, a intensidade do seu ódio pelos irmãos Tweedle, considerando o pouco tempo que se conheciam, mas era um fato. Ela detestava aqueles homens.

— Coelho, você diria que é típico de minha parte ficar com raiva? Fiquei com raiva quando caí da cerca-viva?

— Não, Vossa Majestade, não.

— E fiquei com raiva quando acordei ao lado de um estranho na minha cama?

— Eu não saberia dizer, Vossa Majestade. Não estava lá, mas arrisco um palpite de que você estava mais assustada do que com raiva.

— Correto. Mas vocês, cavalheiros, e aqui uso a palavra *cavalheiros* não muito a sério, me deixaram com raiva! Não vou ficar aqui para ser repreendida ou receber sermão como uma colegial sobre atos apropriados.

O que exatamente vocês esperavam de mim, ficar aqui o dia todo aguardando a resolução da sua discussão infantil antes de poder passar?

— Esperávamos que você se apresentasse! É isso que você deveria fazer! — declararam os irmãos em uníssono, sobressaltando a Rainha. Como era estranho o rosto de ambos, com um sorriso largo que se espalhava pela boca de aparência cruel, como se estivessem prestes a devorar o doce Coelhinho, talvez devorar a ambos.

— Esta, meus bons amigos, é a Rainha de Copas — disse o Coelho Branco, estufando o peito e soando muito austero e formal. — Considerem-se devidamente apresentados! — A Rainha ficou surpresa com o nome que ele escolhera para ela ali mesmo, mas havia algo a respeito dele que se encaixava com ela, como se ela sempre tivesse sido a Rainha de Copas.

Rainha de Copas. Uau, isso soa muito bem. Ah, sim, adoro esse coelho.

— Então, você deve conhecer o Valete de Copas. Ele deve estar na sua corte. — Tweedledum olhou para a Rainha de tal forma que ela deu alguns passos para trás. Havia algo sinistro em seu comportamento infantil. Ela o considerou indigno de confiança e alarmante.

— Parece que vocês conhecem todo mundo neste reino — respondeu ela sem hesitar, olhando de esguelha para os irmãos. Sua imaginação foi à loucura quando se permitiu encarar o rosto deles. A cabeça dos dois era como uma grande abóbora, a boca se esticando no rosto amplo de uma forma deveras perturbadora.

— E parece que você não conhece ninguém neste reino — retrucou Tweedledum.

— Deve ser o seu primeiro dia — comentou Tweedledee.

— Para ser justo, parece ser o primeiro dia de quase todo mundo — observou Tweedledum.

— O que vocês sabem sobre primeiros dias? — questionou o coelho.

— Não sabemos muito, mas conhecemos a história da Falsa Tartaruga e do Grifo. — Os irmãos Tweedle riram tanto que a Rainha teve vontade de dar um tapa nos dois até que começassem a falar com sensatez.

— Falsa Tartaruga? Isso não é um tipo de sopa? — A Rainha não estava certa de como sabia disso, mas tinha quase certeza de que já ouvira alguém, em algum lugar, falar de sopa de falsa tartaruga.

— Não, é uma Falsa Tartaruga. Sabe o que você tem em comum com uma Falsa Tartaruga? — perguntou Tweedledum.

— Não sei, sr. Tweedle — respondeu a Rainha, mantendo a compostura exterior enquanto, por dentro, imaginava gritar com o homem e torcer seu pescoço.

— Vocês duas *pensavam* que eram uma coisa e descobriram que são outra. — Algo em suas palavras a aterrorizou. Do que estavam falando? O que aqueles homenzinhos insanos e mal-educados saberiam sobre ela?

— Do que estão falando? Exijo que me digam! — Sentia-se incapaz de esconder sua raiva daqueles tolos por mais tempo. Borbulhava por dentro, como uma chaleira no fogão. Podia sentir as bochechas ficando vermelhas, os punhos cerrados.

— Ah, você vai ver — responderam os irmãos Tweedle em uníssono, rindo, dançando e brincando de pular carniça por um dos caminhos, esquecendo completamente que a Rainha e o coelho estavam lá.

— Ah, isso é insuportável! — resmungou ela, balançando a cabeça.

— De fato! Venha. Não há motivo para ficar — disse o coelho. Mas nenhum deles se mexeu. A Rainha e o coelho ficaram paralisados, enquanto os irmãos Tweedle continuavam com suas patetices, até que um deles (nem ela nem o coelho, quando ela lhe perguntou, conseguiram ter certeza de qual dos irmãos foi o responsável) pisou no chocalho e o quebrou em pedacinhos.

— Pronto! Está feliz agora? Você estragou o nosso chocalho! Declaro que estamos em guerra! — exclamou o outro Tweedle.

— Deveríamos simplesmente deixar o bolo e seguir pela estrada oposta? — sussurrou o coelho.

— Boa ideia, Coelho. Se tivermos sorte, eles vão se engasgar com ele! Ou talvez, pelo menos, a próxima pessoa que passar por aqui seja poupada da tagarelice sem sentido deles enquanto comem. — Ela riu como se suas palavras fossem pura galhofa, mas se perguntou se o coelho perceberia que ela estava apenas fingindo não falar sério. A última coisa que ela queria era causar uma impressão errada no novo amigo, pois era isso que ele estava rapidamente se tornando.

— Obrigada por não contar aos Tweedle como fiquei brava quando relatei a história de acordar ao lado do Rei.

— Bem, Vossa Majestade, você não me perguntou se *isso* a deixou brava e, francamente, não é da conta deles.

— Exatamente. E, Coelho, como foi que lhe ocorreu o meu nome?

— Rainha de Copas? Não sei, simplesmente pareceu combinar. Parece certo, de alguma forma.

— Concordo, Coelho. Obrigada. E talvez você pudesse ter a gentileza de responder a outra questão: por que estamos dando um bolo para os Tweedle? É como recompensar o mau comportamento — perguntou ela, entregando-o.

— Porque nos propusemos a entregar um bolo para todos no reino, e não vamos deixar que pessoas como eles estraguem o nosso dia ou o nosso humor, não é? — Ela não pôde evitar sorrir quando o Coelho Branco ficou muito sério, e não ousaria dizer isso na cara dele, mas achou sua sinceridade adorável.

— Não deixaremos, de fato, Coelho! Vamos colocá-lo ali na pedra. Depressa, eles estão voltando, e quero ir embora o mais rápido possível.

A Rainha observou o coelho se dirigir à pedra perto da árvore onde haviam avistado os pavorosos irmãos Tweedle pela primeira vez. Suspirou e fechou os olhos enquanto suas vozes se aproximavam, ainda discutindo por causa do chocalho. Apesar disso, começava a se acalmar; o Coelho Branco parecia ter jeito para fazê-la se sentir mais à vontade. E, quando estava prestes a deixar o fiasco dos Tweedle para trás e se encorajar a seguir o conselho do coelho para continuar com a aventura, ouviu um grasnido alto e o som de asas poderosas. Era o grande corvo, de quem ela havia se esquecido completamente até vê-lo descendo em direção ao Coelho Branco.

— Coelho! Não! Cuidado! — Mas não era atrás do coelho que o corvo estava, tampouco atrás dos Tweedle, embora, pela expressão de terror no rosto dos irmãos, eles parecessem ter certeza de que o corvo estava prestes a atacá-los. Os dois homenzinhos correram por uma trilha de aparência curiosa e sumiram de vista, deixando o corvo para se dedicar à sua verdadeira presa e dando à Rainha um descanso da discussão da dupla.

— Venha, Coelho. Deixe o corvo aproveitar o bolo. Agora, para qual lado devemos seguir? — A Rainha tentava se livrar da ansiedade e se esforçava ao máximo para se divertir na situação, mas a verdade era que tinha um medo terrível de que o corvo arrebatasse o Coelho Branco e o levasse para um lugar desconhecido. Felizmente, o corvo parecia preferir bolo a coelhos. Este País das Maravilhas já se mostrava um lugar estranho, e ela só tinha visto uma fração dele.

— Vamos prosseguir pela esquerda, Vossa Majestade — aconselhou o coelho categoricamente, como se soubesse com certeza que era por ali que

deveriam ir. Ela adorava isso nele, sempre parecendo tão seguro de si e do que era a coisa certa a fazer. Pelo menos, um deles tinha convicção de algo. Sinceramente, ela não sabia o que faria sem ele. Tentou imaginar como seria este dia se o Coelho Branco não a tivesse encontrado no labirinto de sebes. O que teria feito? Teria sido corajosa o suficiente para explorar sozinha esta terra incomum ou teria voltado para o castelo para enfrentar aquele seu marido singular? Perguntava-se o que o Rei estaria pensando, já que ao acordar naquela manhã ela gritou e saiu correndo do quarto. Não tivera mais notícias dele desde então. Achou curioso que ele não tivesse ido atrás dela nem enviado alguém para ver se ela estava bem. Isso a fez pensar que havia tomado a decisão certa ao fugir de um homem que não dava a mínima para a esposa.

— Vossa Majestade, você me ouviu? Se for de seu agrado, acho que devemos prosseguir pela esquerda. — A voz do coelho tirou a Rainha de seus devaneios.

— E por que seguir à esquerda, Coelhinho? Porque os Tweedle foram para a direita?

— À esquerda apenas parece ser o melhor caminho a seguir.

— Do que você acha que eles estavam falando, Coelho? Aquela história de eu pensar que sou uma coisa e descobrir que sou outra?

— Todos mudamos, não é, Vossa Majestade? Talvez fosse disso que estavam falando. Além do mais, não tenho certeza se devemos levá-los muito a sério. Eles não parecem confiáveis.

— Exatamente. Talvez a próxima pessoa que encontrarmos seja mais sensata.

— Acredito que será, e muito menos irritante — disse o coelho. Mas a Rainha percebeu que, desta vez, o coelho não estava nem um pouco convencido de que estava certo.

CAPÍTULO IV

A LAGARTA CURIOSAMENTE RUDE

Os novos amigos, uma rainha e um coelho falante, prosseguiram por um belo e sinuoso caminho de jardim repleto de flores coloridas enquanto o sol começava a se pôr. A Rainha parou e permaneceu ali por um momento, na trilha de paralelepípedos, apreciando o esplendor do tranquilo jardim. Gostava de como a luz dourada conferia um efeito difuso às cores vivas, fazendo a paisagem parecer pintada em aquarela. Respirou fundo, feliz por estar longe da companhia dos Tweedle, e permitiu-se admirar os esplendores daquela terra que supunha ser sua.

Viu-se maravilhada com uma árvore enorme que ficava no centro do jardim, com galhos esticados para os lados como se esperasse um abraço. Quando ela e o coelho olharam mais de perto, notaram várias garrafinhas de vidro tampadas com rolha, amarradas aos galhos com fitas, e presas às fitas havia etiquetas minúsculas que diziam “Beba-me”. Era esse o tipo de mistério e aventura que a Rainha esperava, não ser surpreendida na estrada por dois bebezões brigando por causa de um chocalho.

— Que coisa mais intrigante, Coelho. O que você acha? Deveríamos beber? — perguntou ela, pegando um dos frascos da árvore e segurando-o para ele ver. Ela adorava o brilho das garrafinhas de vidro sob a luz do sol poente.

— Não aconselharia, minha Rainha. Talvez seja melhor guardar uma no bolso para mais tarde. — O coelho olhou para a árvore com desconfiança. A Rainha o achou tão pequeno ao seu lado, ali embaixo da árvore, mas, pensando bem, coelhos eram criaturas pequenas. De alguma forma, começara a pensar nele como uma pessoa e precisava se lembrar de que ele não era humano. No entanto, desejava que ele fosse maior para que pudessem conversar cara a cara, sem que ela tivesse que se abaixar, o que

era desconfortável e a faria parecer menor em estatura para seus súditos, caso encontrasse algum. Sem falar que ela se preocupava por ele ser um coelho tão pequeno em um mundo tão grande.

— Acho que vou beber, Coelho! Talvez só um gole. Que mal vai fazer? Como podemos aprender alguma coisa sobre este lugar se não bebermos? Vamos, Coelho, junte-se a mim! — disse ela, abrindo a garrafa e balançando-a diante dele como se o provocasse com um doce, e não com um líquido misterioso que encontraram à beira da trilha.

— Acho que não me juntarei, Vossa Majestade, mas obrigado mesmo assim.

— Muito bem, Coelho! — exclamou ela, tomando um gole. — Está bem gostoso, você deveria experimentar. — Tomou outro gole e soluçou violentamente, fazendo todo o seu corpo tremer.

— Coelho! O que aconteceu? Parece que você está ficando maior! — Enquanto observava seu amigo crescer, perguntou-se se havia adquirido algum poder mágico de realizar desejos, pois desejara que eles fossem mais próximos em tamanho.

— Não, minha Rainha, não fui eu que cresci, mas você que encolheu. — Ele a encarou com uma expressão bastante peculiar.

— Acho que você tem razão, Coelho!

Tudo ao seu redor era enorme. A árvore, que já era bastante grande, parecia absurdamente alta, e de repente a Rainha percebeu como era ser menor que um coelho. Fez uma promessa silenciosa de que deveria sempre proteger seu novo amiguinho.

— Bem, este é um desdobramento interessante. — Ela se perguntou se não preferia ter esse tamanho, pois momentos antes queria que eles tivessem a mesma estatura e agora tinham. Isso a agradou mais do que ela imaginava.

— De fato, é, Vossa Majestade. Talvez devêssemos procurar alguma coisa para fazê-la crescer novamente?

— Veremos, Coelho, veremos. Acho que gosto de ser pequenina. É muito bom falar com você cara a cara — disse ela, sorrindo. — Além disso, se eu não fosse pequena, não conseguiria me aventurar naquela pequena caverna e ver o que está causando aquela fumaça estranha. Vê ali? — A Rainha apontou para uma área coberta de mato pela qual jamais teria conseguido passar se não tivesse bebido o conteúdo da garrafa que, por acaso,

encontrara pendurada em uma árvore bem do lado de fora daquela caverna misteriosa.

— Acho que tudo isso é intencional, Coelho — concluiu ela com um sorriso travesso enquanto seguia pela trilha, gesticulando para que o coelho a seguisse. — Vamos! Vamos ver o que tem ali dentro!

— Mas e os criados?

— Diga-lhes para esperarem!

Estava animada demais para aguardar e saiu correndo, deixando o coelho lidar com os criados. Ele a alcançou, sem fôlego, alguns momentos depois.

O interior da caverna estava escuro e cheirava fortemente a incenso. Demorou alguns segundos para que seus olhos se ajustassem, e, quando o fizeram, a Rainha piscou.

Embora nada naquele dia tivesse corrido de uma forma que ela consideraria normal, ainda não estava preparada para encontrar uma lagarta particularmente grande deitada em um cogumelo tão alto. Levou alguns instantes para se lembrar de que não era a Lagarta, mas sim ela própria, que estava de um tamanho singular. A Lagarta era bastante comum, exceto pelo fato de estar fumando um narguilé, que ela presumiu ter sido a fonte da fumaça.

A Lagarta não reparou na rainha de tamanho singular nem no coelho. Estava de costas para eles enquanto dava longas tragadas no narguilé e soprava a fumaça em uma dança selvagem de longas gavinhas, arabescos e círculos. O coelho pigarreou na tentativa de chamar sua atenção, mas, quando ela se virou para ver o que poderia ser o barulho, não os viu parados sob o cogumelo alto e prontamente retornou ao que fazia.

Isso é intolerável. Homens dançando em roupas de criança, poções de encolhimento, e agora estou sendo ignorada por uma lagarta fumante. Isso é demais da conta, pensou a Rainha, mas não compartilhou seus pensamentos em voz alta, e certamente não com o coelho. Já havia perdido a paciência muitas vezes naquele dia e não queria ser uma pessoa chata que só reclamava.

Lembrou a si mesma de que aquilo talvez não fosse *demais da conta*, e na verdade poderia ser considerado mais do que tolerável. Ela não tinha base para comparação. Pelo que sabia, era assim que as coisas eram, embora uma voz interior lhe dissesse que não. De todo modo, decidiu que a melhor coisa a fazer era subir em um cogumelo menor para chamar a atenção da Lagarta. Talvez não estivesse dando uma chance à criatura. Pelo

que sabia, a Lagarta era perfeitamente educada e falaria com ela assim que a visse, e então a Rainha se sentiria tola por presumir que ela estava sendo rude de propósito. Desse modo, mesmo não tendo tido muita sorte em escalar coisas naquele dia, não viu outra opção a não ser subir em um cogumelo para poder conversar com uma lagarta que era três vezes maior que ela. Normal, de fato.

Assim que pôde enxergar melhor a lagarta, viu-se hipnotizada. A criatura entoava uma canção incomum em um tom um tanto altivo — para não mencionar suas antenas —, embora tivesse um rosto estranhamente humano e lábios protuberantes que produziam grandes anéis de fumaça roxa. É verdade que ela deveria ter se apresentado imediatamente, ainda mais após toda a comoção que passara com os irmãos Tweedle, mas apenas ficou ali parada, encarando o inseto. A Rainha poderia pensar que, antes daquele dia, nunca havia dado tanta importância a insetos, exceto que a verdade era que ela não sabia se alguma vez havia dado importância a eles.

— QUEM… ÉS… TU? — perguntou a Lagarta, assustando-a. Nuvens de fumaça saíam de sua boca, elevando-se e sumindo de vista.

A Rainha não sabia como responder porque não sabia realmente quem era. Decidiu que, desta vez, seguiria o conselho do coelho e não admitiria para ninguém que aquele era seu primeiro dia, mas, antes que pudesse responder, seu doce e peludo amigo interrompeu.

— Esta, senhor, é a Rainha de Copas — disse a voz do Coelho Branco lá de baixo. Estava parado sob o cogumelo da Rainha, fazendo o possível para projetar a voz. Ela precisou admitir que, apesar das circunstâncias, o coelho soava bastante formal, o que, por sua vez, fazia a Rainha se sentir formal. Era engraçado, ela quase havia esquecido que não estava apenas em uma aventura com o amigo, mas que era a Rainha, e que aquela era sua primeira saída em caráter oficial para conhecer todos os seus súditos. Que o coelho a mantivesse no caminho certo.

— ISSO… PROCEDE? — A lagarta arrogante estreitou os olhos, como se estivesse inspecionando a monarca. Era bastante cômica, na verdade, a ideia de uma rainha ser avaliada por uma lagarta. A Rainha percebeu imediatamente que a criatura não entendia nada de boas maneiras e parecia ter a si mesma em alta conta. A Lagarta não estava realmente em posição de avaliar ninguém, não importava qual fosse o seu tamanho.

— Sim, procede. Agora, quer se apresentar a mim? — A Rainha se esforçava ao máximo para ser paciente, embora estivesse aprendendo a

passos largos que essa não era uma de suas virtudes (pelo menos, não neste mundo).

— POR QUÊ? — indagou ele no mesmo tom pomposo, e a Rainha se perguntou por que estava perdendo tempo conversando com uma lagarta, para começo de conversa. E, então, ela simplesmente começou a rir, sem conseguir se segurar, quando de repente se deu conta da loucura da situação. Não importava que estivesse falando com uma lagarta, mas sim o fato de que essa lagarta fosse desagradável. E se pegou questionando algo pela primeira vez desde que acordara naquela manhã: será que tudo isso poderia ser um sonho? E se fosse apenas um sonho estranho, peculiar e irritante, e a qualquer momento ela fosse acordar e perceber que nada daquilo era real? Mas como poderia saber se aquilo era um sonho ou não? Não que ela soubesse o que era comum ou incomum. Talvez fosse completamente normal acordar e não se lembrar de quem você era e tentar obter respostas de uma lagarta arrogante, o que a fez rir outra vez, ainda mais alto, porque parecia à Rainha que a Lagarta agia mais como realeza do que ela própria. Contudo, pensando bem, como ela saberia como agia a realeza?

— Oh, céus. Por que tudo tem que ser tão confuso neste lugar? — A Rainha não queria dizer isso em voz alta, mas o fato era que não havia como voltar atrás agora. Talvez aquela criatura cheia de empáfia tivesse uma resposta.

— Não precisa ser — respondeu a Lagarta, com desdém.

— Bem, tem sido para mim — disse a Rainha, perguntando-se por que estava compartilhando isso com alguém que parecia se importar tão pouco com qualquer outro indivíduo além de si mesmo. Mas talvez ela não estivesse dando uma chance àquela lagarta presunçosa. Quem sabe, se ela conversasse com aquele ser por tempo suficiente, ele teria alguma sabedoria para compartilhar. Ou, talvez, como seus instintos lhe diziam, ela acabasse querendo torcer o pescoço dele.

— POR QUÊ?

Será que havia alguma outra coisa que aquela Lagarta maldita dissesse além de "por quê"?

Ela estava prestes a perder a paciência.

— Por que é tão confuso? Bem, para começar, não consigo me lembrar das coisas como antes. Ou, pelo menos, acho que não consigo.

— Então, pergunto de novo: QUEM… ÉS… TU?

Ela quis berrar *EU NÃO SEI!* porque, na verdade, não sabia. Estava com raiva de si mesma por ter contrariado o conselho do coelho quando havia se resignado a aceitá-lo. A Lagarta devia saber que ela não sabia quem era, senão, não continuaria perguntando. Mas a Rainha não sabia como responder.

Enquanto continuava ali perplexa e envolta em uma nuvem de fumaça rosada, decidiu que a melhor coisa a fazer era oferecer à criatura o bolo que havia trazido e depois se despedir dela.

— Coelho, parece que esquecemos o bolo da Lagarta. Você pode ir buscá-lo para mim, por favor? E, então, acho que devemos seguir nosso caminho.

— O que eu iria querer com um bolo? — questionou a Lagarta de maneira altiva, à beira de uma raiva explosiva, ou pelo menos foi o que pareceu à Rainha.

— Bem, não faço ideia. Comê-lo, quem sabe? — a monarca respondeu com sarcasmo, embora ela própria estivesse pensando o mesmo.

— Parece que você não sabe muita coisa — declarou o inseto rude.

— Então, vou me retirar, Lagarta. Bom dia! — E, assim, ela pulou do cogumelo e saiu da toca da Lagarta pisando duro. Já estava do lado de fora quando se lembrou de que havia deixado o coelho para trás e de que, além disso, ele ainda não tinha ido buscar o bolo. A Rainha se deteve, pensando no que fazer em seguida.

— Você aí, volte. Tenho algo importante a dizer. — A voz da Lagarta saiu da caverna em uma nuvem de fumaça. A Rainha suspirou. Não pretendia voltar atrás, mas pela primeira vez a voz da criatura soara séria. Ela girou nos calcanhares e retornou.

— E então? — perguntou impacientemente. — O que é?

— Controle o seu temperamento.

— Controlar o meu *o quê*?

— Seu temperamento. E se você vai ser rainha, posso sugerir que cresça um pouco mais?

— Crescer mais? Mais do que o quê?

— Mais do que você é. Você é bem pequena para uma rainha, não?

— Sou mesmo? Pensei que você fosse grande demais para uma lagarta. — Ela refletiu por um instante. — Fiquei bem pequena depois de beber aquela poção, não é? Como pude me esquecer?

— Foi intencional.

— Imaginei que fosse. Mas como vou saber quem é pequeno e quem não é, com todas essas poções espalhadas por aí para serem bebidas? Pelo que sei, você é uma lagarta gigante, e eu tenho o tamanho certo.

— Acho que depende do ponto de vista. Tenho a impressão de que os seres humanos, especialmente reis e rainhas, gostam de ser maiores do que aqueles que os servem.

— E quanto ao Coelho ali? — perguntou ela, gesticulando para seu amigo branco e peludo, que a alcançara e agora estava ao seu lado. — Você diria que ele é do tamanho de um coelho comum? Acho que nós dois poderíamos crescer um pouco mais.

— O que você sabe sobre o tamanho médio dos coelhos, ou mesmo sobre o tamanho médio de qualquer pessoa? Hoje é seu primeiro dia. Até onde sabe, você começou pequena e achou que tivesse encolhido. — A Lagarta lançou-lhe um olhar astuto.

— Mas você acabou de dizer que o encolhimento foi intencional.

— Hum. Eu disse?

— Você não pode me enganar! Além disso, meu rainhado não parecia particularmente grande quando acordei. Se eu já tivesse o tamanho de uma lagarta, tudo não seria muito maior? Ah, isso não faz sentido. Acho que você está tentando me confundir.

— Estou?

— Acho que sim, e não faço ideia do motivo!

— Só estou lhe dizendo a verdade. Perdoe-me se não quer ouvi-la.

— Não tenho evidência alguma de que alguém aqui, exceto o Coelho, diga a verdade. — Enquanto falava, perguntava-se se existia mesmo a verdade em um lugar como aquele.

— Vossa Majestade, eu lhe asseguro que a poção que bebeu há poucos instantes de fato a deixou menor — comentou o coelho.

— Exatamente. Obrigada, Coelho. Agora, por favor, sr. Lagarta, não vai me dizer como crescer de novo? Como o senhor tão bem observou, rainhas gostam de ser maiores que seus súditos. Embora eu ache que pode ser divertido ser pequena, uma hora precisarei retornar ao meu castelo e, quando isso acontecer, preferiria não dormir em uma toca de rato ou em uma casa de bonecas. — A Rainha se perguntou se isso não seria preferível a dormir ao lado de um estranho, ainda que não tenha verbalizado tal pensamento.

— Todo mundo sabe — falou a Lagarta — que roedores vivem em bules.

— Bules? Que tipo de roedor vive em um bule?

— O arganaz, o Leirão!

— *Leirão?* Por que ele é chamado assim?

— Porque o nome Rato de Bule seria uma aberração. Por favor, mostre um pouco de bom senso. — A Lagarta pareceu satisfeita com a confusão da Rainha.

— Mas você não está falando coisa com coisa! — gritou a Rainha. Já não conseguia mais esconder a raiva. Sentia-a borbulhando dentro de si, crescendo e preenchendo seu corpo, fazendo seu coração disparar e sua cabeça girar. Não havia como conter aquilo, e tudo explodiria em fúria ou choro. Temia que, se começasse a chorar, nunca mais conseguiria parar, e por isso a fúria era a opção mais atraente. Sentiu o rosto ficar vermelho de ódio.

— CONTROLE… O… SEU… TEMPERAMENTO! — disse a Lagarta severamente, soprando uma baforada de fumaça na direção da Rainha.

— Não vou controlar o meu temperamento! Nem aceitar ordens de uma larva de borboleta pomposa, arrogante, presunçosa, convencida e afetada!

— E eu não vou aceitar um bolo de uma rainha pequena e esquentada!

— Então, você não ganhará bolo! Coelho, acho que está na hora de levarmos nosso bolo para outro lugar! — Ela se virou para ir embora, mas olhou para trás uma última vez, sua raiva explodindo. — E, só para constar, a aberração aqui é *você*, senhor! *Você* e este lugar. Terminei aqui. Coelho, venha! — E, com isso, partiu apressadamente.

Mas, assim que a Rainha voltou para seus criados, foi *ela* quem se sentiu uma aberração, parada ali, muito menor do que todos. Percebeu que a Lagarta estava certa: rainhas não gostam de ser menores do que seus súditos. E, quando estava prestes a reclamar do último encontro, percebeu que o coelho não a havia seguido de volta ao caminho onde os criados os aguardavam.

— Coelho! Onde você está? Coelho? — ela gritou, mas, antes de realmente entrar em pânico, viu as orelhas brancas do amigo emergirem dos arbustos.

— Graças a Deus você está bem, Coelho! Isso foi ultrajante! Lembre-me de nunca mais falar com lagartas que nem têm a decência de se transformar em borboletas.

— Bem, ele me deu algo para lhe repassar, Vossa Majestade. É um pedaço do cogumelo dele — falou o coelho com um sorriso astuto enquanto

o mostrava a ela.

— Que horror! Para que eu iria querer um pedaço do cogumelo imundo dele? Este lugar está começando a afetá-lo, Coelho? Você está bem, tentando me oferecer um cogumelo nojento como se fosse uma joia rara?

— Vossa Majestade, por favor, você vai gostar deste cogumelo, eu lhe asseguro. Aparentemente, se comê-lo, recuperará o seu tamanho.

— Entendo. Bem, obrigada, Coelho. Você está se mostrando muito prestativo. Ouso dizer que este passeio foi muito infrutífero. A única criatura afável que encontramos foi um corvo gigante. Mas, pensando bem, não chegamos a conhecê-lo, não é?

— Embora, considerando o lado positivo, ele parecesse ter gostado do bolo, Vossa Majestade!

— Isso mesmo, Coelhinho. Então, para onde vamos agora?

— Tem certeza de que quer continuar? Está escurecendo e talvez fosse preferível que voltássemos para o castelo, se não se importar com a sugestão.

— Quero que sempre sinta que pode fazer sugestões, Coelho, mas isso não garante que eu as aceitarei. Acho que devemos nos aventurar, mas antes acredito que se faça necessária uma mordida nesse cogumelo. Quanto tempo você acha que vai demorar para eu voltar ao meu tamanho original?

— Acho que tamanho *original* não seja algo que possamos levar em conta, considerando que não conhecemos outra coisa além do dia de hoje.

— É verdade. Por que nós dois não damos uma mordida e vemos o que acontece?

— Eu, Vossa Majestade? — A Rainha achou o coelho adorável com a patinha pressionada contra o peito, os olhos cheios de admiração por ela ter sugerido que ele também desse uma mordida.

— Por que não? Você não gostaria de ser maior? Gosto bastante da ideia de que sejamos do mesmo tamanho.

— Por que não, de fato? — ponderou o coelho, e cada um deu uma mordida.

— Oh, não! Isso não vai dar certo — disse a Rainha, percebendo que agora olhavam por cima da copa das árvores da floresta. — Gostaria que essas nuvens irritantes não estivessem no nosso caminho, senão poderíamos ver o reino inteiro daqui de cima.

— De fato, Vossa Majestade. Acho que exageramos na mordida!

— Oh, ficamos grande demais, Coelho! O que faremos? — perguntou a Rainha, imaginando o que os criados pensariam dos dois agora, elevando-se sobre eles. Estariam com medo? Ela não sabia, não conseguia vê-los daquela altura. O coelho abaixou-se e, com uma pata gigante, arrancou uma garrafa da árvore para cada um deles.

— Pegue, tome um gole disto! — ofereceu ele, entregando uma garrafa de poção de encolhimento para a Rainha e reservando uma para si.

— Não me atreveria! Não quero ficar pequena de novo. Oh, este é o pior dia que eu já tive!

— Até onde você sabe, é o único dia que você já teve! — observou o coelho. — Vamos, Vossa Majestade, vamos tomar goles bem pequenos até ficarmos do tamanho certo. O que me diz?

— E como sabemos qual é o tamanho certo?

— Desconfio que saberemos quando acontecer.

A Rainha tirou a rolha do frasco e tomou um pequeno gole, o que instantaneamente a fez encolher alguns metros. Ela olhou para o Coelho Branco, que agora estava mais alto que ela.

— Como é ser mais alto que todos, Coelho? — ela gritou para ele. Tinha que admitir que ele parecia bastante impressionante daquele ponto de vista, embora não fosse nada bom que se mantivesse maior do que ela, é claro.

— Bastante peculiar, mas nada desagradável, minha Rainha! — disse ele, rindo. — Sinto-me bastante importante.

— Sim, bem, já chega disso, então. Desça agora, por favor. — O coelho segurou a garrafinha contra seu grande focinho e tomou um pequeno gole. Em segundos, havia encolhido até o tamanho dela.

— Ah, aí está! Sim. Então, que tal, Coelho? Você diria que estamos do tamanho certo agora? — perguntou a Rainha.

— Acho que não, Vossa Majestade. Veja! — Ele apontou para os criados, que ainda eram consideravelmente menores. Ou, dependendo do ponto de vista, a Rainha e o coelho ainda estavam bem mais altos.

— Exatamente. Mais um gole, talvez um pouco maior desta vez? Pronto? — perguntou a Rainha.

— Pronto! — respondeu o coelho. Ambos tomaram outro gole e, com um sobressalto, encolheram novamente.

— Parece correto — disse a Rainha, comparando sua altura com a de seus criados, que ainda pareciam muito menores do que ela, ou,

considerando a perspectiva deles, era ela que parecia muito maior do que eles.

— Isso parece correto, minha Rainha? Você e eu estamos do mesmo tamanho.

— Como já disse, gosto bastante da ideia de sermos do mesmo tamanho, Coelho. E, além disso, seu relógio de bolso agora está proporcional. Embora tenhamos que lhe arranjar outro guarda-chuva. E conquanto seja verdade que eu esteja um pouco maior do que era, acho que gosto bastante do fato de ser muito mais alta que o Rei — disse ela.

— Você acha que ele se importará? — perguntou o coelho.

— Não tenho ideia de com que ele se importará ou não, Coelho. Não o conheço. Pelo menos, acho que não. Mas vamos guardar o restante daquele cogumelo e algumas daquelas poções para o caso de precisarmos deles novamente. E manteremos isso entre nós — acrescentou ela, sorrindo para o coelho.

— Bem, entre nós e os criados — respondeu o coelho. Mas quando ele e a Rainha desviaram o olhar, descobriram que os criados haviam sumido.

— Coelho! Para onde eles foram? Estavam aqui agora há pouco! Como puderam desaparecer num piscar de olhos? — A Rainha olhou em todas as direções, tentando avistá-los. — Você vê algum rastro? Isso é um absurdo! Por que teriam ido embora desse jeito, sem falar nada?

— Ou sem falar um “com a vossa licença”!

— Com a minha o quê?

— Vossa licença, Vossa Majestade. Eles não têm autorização para sair sem a sua permissão.

— É verdade! — exclamou a Rainha, e começou a perceber que tinha bastante poder. — Não dei permissão para irem embora! Isso é muito estranho, Coelho. Como pudemos perder um grupo inteiro de criados num piscar de olhos? Você acha que existe magia nestas terras?

— Bem, existem poções que fazem você encolher e cogumelos que fazem você crescer, então não seria absurdo pensar assim.

— Sim, verdade. Bem, temos que encontrá-los, Coelho. E precisamos ter cuidado.

— Olhe, Vossa Majestade, acho que eles foram por aqui. — O coelho se abaixou até o chão, com o focinho se contraindo. — Parecem as pegadas deles, não? E, veja, aqui estão as marcas deixadas pelas rodas de uma carroça, seguindo por aquele caminho.

O olhar da Rainha acompanhou a trilha até uma floresta escura e espinhosa.

— Mas isso é curioso, não acha, Coelho? O que os fez entrar lá? Parece um tanto ameaçador, não é? Quer dizer, sério, quem entra em uma floresta escura bem na hora do pôr do sol? E como conseguiram sair de fininho tão rápido sem que percebêssemos?

— Suponho que não estivéssemos prestando atenção, Vossa Majestade. Talvez eles estivessem com medo de todo o nosso crescimento e encolhimento. Estávamos bastante ocupados com o nosso dilema de altura. Nossa cabeça estava nas nuvens, pode-se dizer.

— De fato, Coelho! É melhor verificarmos o que aconteceu com eles.

— Então, devemos seguir o caminho? Aqueles Tweedle não disseram que essa era exatamente a direção que deveríamos evitar? — O coelho pareceu um pouco nervoso.

— Disseram? Não me lembro. Olhe, Coelho, a última coisa que eu quero é entrar nessa floresta escura, mas não vejo como evitar. Tenho um dever para com meus criados, mesmo que sejam tolos demais a ponto de vagarem por lugares desconhecidos.

— Não foi exatamente isso que decidimos fazer hoje quando partimos nesta aventura? Aventurar-nos em lugares desconhecidos?

— Embora eu concorde, devo salientar que há uma diferença entre uma aventura sensata e se aventurar em uma floresta escura e assustadora bem na hora do pôr do sol. Acho que nós dois temos mais juízo do que isso. Mas não há nada a fazer, temos que ir atrás deles. Pense no que pode acontecer com eles se os abandonarmos naquele lugar terrível!

— Não consigo imaginar nada mais terrível do que a Lagarta — comentou o coelho. A Rainha adorava quando ele dizia essas coisas. Isso a fazia rir, porque parecia algo que ela diria. Se havia algo de bom naquele dia, era ter feito amizade com o Coelho Branco.

— Você parece tão incomodado quanto eu, Coelho. Vou lhe dizer, não estou nada impressionada com este lugar até agora, nem um pouco.

— Exceto pelo encolhimento e crescimento.

— Sim, isso foi divertido — reconheceu ela, rindo. — Talvez haja mais diversão.

— Duvido que a encontremos naquela floresta — falou o coelho, apontando para uma placa que dizia:

FLORESTA TULGEY

— O que isso significa, Coelho?

— Não sei, mas se fosse ariscar um palpite, diria que significa escuro e agourento.

— Ah, Coelho, crie coragem! Vamos para a floresta salvar nossos amigos!

— Seus criados, Vossa Majestade. Não seus amigos.

— Sim, sim, Coelho. Você tem sempre razão.

— Posso citá-la como tendo dito isso, Vossa Majestade?

— É melhor não, Coelho. Você sabe como as rainhas podem ser. Ou talvez não saiba, eu certamente não sei, tendo acabado de me tornar uma. Mas tenho certeza de que você consegue imaginar.

— Espero que você não seja uma daquelas rainhas que jogam seus súditos na masmorra ou cortam sua cabeça pelo menor deslize.

— Não seja bobo, Coelho — assegurou a Rainha, marchando confiantemente para a Floresta Tulgey. — Se eu cortar a cabeça de alguém, pode ter certeza de que terei um bom motivo.

CAPÍTULO V

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

A LUZ NA FLORESTA DOS MORTOS

A Floresta dos Mortos seria irreconhecível para as antigas rainhas que um dia governaram lá, caso decidissem despertar do sono e caminhar entre os mortos mais uma vez. Elas veriam os vastos cemitérios e terrenos inteiramente cobertos de flores douradas e ficariam horrorizadas ao notar que as novas rainhas bruxas da Floresta dos Mortos, Circe, Primrose e Hazel, não guardavam as flores como suas antecessoras, porém as compartilhavam com todos nos Muitos Reinos. Descobririam que até mesmo os anjos chorosos, que permaneciam silenciosos e belos diante dos vários túmulos e criptas, pareciam mais em paz, não atormentados pela dor, mas chorando de alegria, agora que o reino estava repleto de amor e luz.

A única coisa que a Floresta dos Mortos guardava, no entanto, eram os mortos. Por mais anos do que qualquer um poderia se lembrar, as muitas Rainhas dos Mortos, ao longo dos séculos, exigiram que as aldeias vizinhas trouxessem seus mortos para serem enterrados ou sepultados em seu reino. Não fazer isso significaria a morte de todos naquela aldeia. Circe, Primrose e Hazel acabaram com essa prática tenebrosa quando assumiram como rainhas. Agora, as aldeias e reinos vizinhos eram livres para enterrar seus próprios mortos, construir seus próprios cemitérios e visitar seus entes queridos falecidos como quisessem. Embora, às vezes, mesmo sendo amplamente sabido que não havia mais punição para quem não o fizesse, os enlutados ainda levassem seus mortos a Sir Jacob, que servira a Floresta dos Mortos por muitas gerações.

Recepcionar os mortos era um dos muitos deveres que Sir Jacob desempenhava para as rainhas da Floresta dos Mortos ao longo de seus anos de serviço. Embora acontecesse com bem menos frequência do que no passado, ele ainda encontrava os enlutados na sebe de roseiras cobertas de espinhos que circundava o reino e conduzia os mortos indesejados deles através do vórtice vermelho e espiralado, onde somente os falecidos podiam entrar. Era uma tarefa melancólica tirar os mortos desses supostos enlutados, como refugos ou lixo indesejado. E se perguntava que tipo de pessoa esses mortos eram em vida para que seus familiares ou amigos não quisessem se dar ao trabalho de lhes oferecer um lugar tranquilo para descansar.

Isso pesava muito na mente de Jacob enquanto ele estava na sala matinal aguardando Circe, Primrose e Hazel se juntarem a ele para discutirem os preparativos. O cômodo era um enorme solário no topo da antiga mansão construída na época da Rainha Gothel para suas irmãs adotivas, Primrose e Hazel. Jacob sempre chorava por Gothel e pelas Rainhas dos Mortos anteriores, por tudo o que sofreram, perguntando-se secretamente se sucumbir ao seu delírio hereditário era o destino delas. Quando Circe, Primrose e Hazel assumiram o poder, foi a primeira vez que ele não sentiu medo. E, pela primeira vez, Jacob teve um vislumbre de luz na Floresta dos Mortos.

Talvez tenha sido por isso que seu próprio ser se abalou quando Circe lhe pediu para reunir o exército de mortos-vivos e prepará-los para a guerra. Em seu íntimo, sentia que esse não era o caminho certo para o reino e temia que isso pudesse desfazer tudo o que as Damas da Luz vinham tentando alcançar desde que assumiram o trono.

Não era da natureza de Primrose e Hazel liberar o exército de mortos em outro reino, mas ele temia que pudesse ser a de Circe, mesmo que esse fosse um aspecto de sua personalidade que ela tentasse reprimir a todo custo. Jacob acreditava na bondade inerente de Circe — afinal, fora criada magicamente com as melhores partes das filhas dele, Lucinda, Ruby e Martha, levando-as à loucura. Sem esses elementos de bondade, tudo o que restava era um desvario sanguinário. E ele precisava se perguntar para onde aquela insanidade havia ido quando Hades lhes trouxe paz e as levou para o Submundo. Teria sido lançada em um abismo ou agora residia em outra pessoa?

Felicidade duradoura era algo que Jacob nunca imaginou ser possível para suas filhas, e aliviava seu coração saber que elas estavam finalmente livres da loucura, raiva e sede de sangue, passando a vida após a morte da forma mais deliciosa possível com Hades. Ele podia ouvir suas filhas agora do outro aposento, conversando com Circe através dos espelhos mágicos, discutindo a guerra de Tulipa e os receios de Circe, caso o conflito se concretizasse. Jacob já havia compartilhado esses receios com a neta, e sua mente estava pesada de preocupação. Queria aconselhar Circe do jeito que um avô aconselharia, como se sentia obrigado a fazer não apenas como pai das mães de Circe, mas também como o servo mais confiável e leal da coroa, aconselhá-la a não participar dessa guerra. No entanto, ele temia o que poderia encontrar por trás dos olhos dela quando conversassem, e tinha pavor do que precisaria fazer se descobrisse a insanidade de suas filhas vivendo dentro de sua neta.

Nesse momento, como se a tivesse convocado, Circe entrou na sala. A luz que sempre parecia brilhar dentro da neta havia diminuído. Jacob podia ver que ela estava sobrecarregada com a guerra iminente e hesitava em sobrecarregá-la ainda mais compartilhando suas apreensões.

— Sei que queria falar comigo, avô Jacob. Lamento que não tenha se sentido à vontade para vir até mim antes.

— Eu deveria saber que você já conhecia meus pensamentos, pequena. Mesmo depois de todos esses anos vivendo entre bruxas, às vezes ainda esqueço que você consegue ler mentes.

— Também consigo ler seu coração. — O sorriso de Circe era fraco, e isso fez Jacob se perguntar se havia algo além daquela guerra iminente exaurindo o próprio coração da neta. Ele sabia que estava preocupada com Branca de Neve, já que as duas eram muito próximas. Todos na Floresta dos Mortos haviam passado a amar Branca de Neve, e como poderiam não amá-la? Ela era a pessoa mais gentil que Jacob já conhecera. Era por causa da gentileza de Branca que Jacob não tinha mais vergonha de sua aparência.

Branca de Neve era uma visitante frequente da Floresta dos Mortos e acabara de deixar a companhia deles, pouco antes da visita de Hades, quando ele compartilhou sua história do Livro dos Contos de Fadas. Mas, logo depois, foram assediados por caos, sangue e tormento quando as Irmãs Esquisitas chegaram, devastadas por sua dor, sofrimento e loucura insuportável. Se Hades não tivesse intervindo e as levado para o Submundo… Jacob estremeceu ao pensar nos novos terrores que poderiam

ter se abatido sobre eles naquela noite terrível. Jacob nunca imaginou que a felicidade fosse possível para suas filhas, mas foi isso que Hades lhes proporcionou quando extraiu a insanidade delas e as tornou inteiras outra vez, e, por isso, Jacob seria eternamente grato ao senhor do Submundo.

Jacob sorriu apesar da ansiedade, lembrando-se da noite em que Hades lhe dera a roupa que agora usava. Sentia-se elegante com a cartola, o fraque e a bengala distinta. E embora não fosse dotado do poder de ler os pensamentos dos outros, aprendera a ler as expressões das rainhas ao longo dos anos e podia ver que Circe temia que os pedidos de ajuda de Branca estivessem se perdendo nos preparativos para a guerra de Tulipa.

— Estou preocupado, neta — confessou ele, encontrando seu olhar pela primeira vez de fato desde que ela entrou na sala.

Circe colocou a mão no rosto de Jacob e o segurou com ternura, olhando apenas em seus olhos. Ver a tristeza e a preocupação no semblante de Circe fez Jacob querer chorar, e ele desejou poder poupá-la de seu fardo. A mão de Circe era fria e lisa em sua face, quase como mármore. Todas as suas rainhas transmitiam essa mesma sensação ao longo dos anos, sobrenaturais, como se estivessem lentamente se transformando em rostos de mármore a serem preservados em catacumbas sob a Floresta dos Mortos. Jacob se lembrou da história que Hades havia compartilhado com eles, sobre como descobriu que as catacumbas debaixo da Montanha Proibida estavam conectadas às catacumbas sob a Floresta dos Mortos, bem como ao seu reino no Submundo. Isso fez Jacob se perguntar se não deveria explorar as catacumbas ele mesmo, para ver aonde mais elas poderiam levar.

— Compartilho de seus receios, avô Jacob. Não desejo essa guerra com o Príncipe Fera e a Rainha Bela, mas não posso persuadir Tulipa a vir aqui para que possamos discutir seus motivos.

— Eu diria que os motivos dela são bem conhecidos. Por mais antigos que sejam.

— Não tão antigos, considerando tudo. Não para aqueles como nós. Oh, avô, houve um tempo em que eu teria destruído alegremente o Príncipe Fera sem Tulipa falar nada. Mas, por mais graves que tenham sido seus crimes, não posso aceitar atacar seu Reino e todos que vivem sob sua proteção. Tulipa não está se comportando com sensatez, e temo que haja algo sinistro em curso aqui, algo que não estamos enxergando. Há mais nessa história do que estão nos contando.

— Você acha que Tulipa está tentando enganá-la?

— Não, mas tenho a sensação de que está sendo enganada por alguém.

— E não por suas mães?

— Não, não desta vez. E, antes que pergunte, não quero pedir ajuda a elas. Ainda não consigo confiar nelas. Tenho que lidar com isso sozinha.

— Mas você não está sozinha. Você tem Primrose, Hazel e eu.

— Eu sei. Mas estava com medo do que aconteceria se as três rainhas da Floresta dos Mortos combinassem seus poderes para ver tudo ao mesmo tempo. Veja o que aconteceu com minhas mães, o que aconteceu com as Rainhas dos Mortos antes delas. Quando assumimos o trono pela primeira vez, Hazel, Primrose e eu dividimos o tempo, e, portanto, as responsabilidades dessas linhas do tempo entre nós, de forma bastante inconsciente, sem nem mesmo querer. Mas decidimos que era o melhor. Era o mais seguro a fazer.

— Acho que isso é muito sábio. — Jacob foi acometido por uma sensação de alívio por esse ainda ser o plano delas. A última coisa que queria era esse fardo destruindo outra rainha da Floresta dos Mortos.

— Também acho que é um plano sábio — disse Circe. — Mas você sabe como o tempo realmente funciona: tentar rompê-lo torna mais difícil ver as coisas como minhas mães veem. Bem, pelo menos, como Lucinda vê.

— Você tem razão. Ruby e Martha parecem ter outros… interesses. — Ele riu. — Então, o que você vai fazer?

— Não sei. Preciso de tempo para pensar. Mas parece que não há tempo nem para isso. Antes do chamado de Tulipa, Branca pediu nossa ajuda. Devemos ignorar o apelo dela só porque Tulipa quer guerrear contra o Príncipe Fera por algo que ele fez há tanto tempo que a história está quase esquecida?

— Certamente ele é o rei agora, Circe, e Bela é sua rainha.

— De fato. — Ela o encarou, e Jacob sabia que a neta podia sentir que ele tentava esconder seus pensamentos dela.

— O que foi, Jacob? — perguntou Circe gentilmente. — Sei que você está escondendo algo de mim.

— Estava preocupado que a loucura de suas mães agora residisse em você, mas vejo que não está ansiosa para entrar nessa guerra de Tulipa e está tomando todas as precauções ao seu alcance para impedir a si mesma de seguir o caminho delas.

— Quando me vejo no espelho, não as noto atrás dos meus olhos, avô. Mas verifico todos os dias para ter certeza de que continua assim.

— Há outro assunto que eu estava tentando evitar trazer à sua atenção, mas receio que não possa. É o Jaguadarte da Rainha Vermelha. Trata-se de um dragão enorme sob o controle dela, pelo menos era assim quando ela residia nos Muitos Reinos, vários anos atrás. Mas ele desapareceu. Não consegui encontrá-lo.

— Nunca ouvi falar dessa Rainha Vermelha nem de sua criatura.

— Está na hora de você ler o Livro dos Contos de Fadas na íntegra, neta. A Rainha Vermelha está entre as tantas que foram banidas da Floresta dos Mortos há muito tempo, mas a criatura da Rainha Vermelha, o Jaguadarte, permaneceu aqui, na Floresta dos Mortos, em forma de pedra. Só notei sua ausência quando reunia as outras criaturas de pedra para nossas forças.

— Por que nunca ouvi falar dessa criatura ou de sua rainha? Quem ela era para nós? Por que foi banida?

— Muitos que viveram na Floresta dos Mortos foram banidos para outros mundos — falou uma voz nova. Jacob e Circe viraram-se para ver Hazel e Primrose entrando na sala. Jacob sorriu ao vê-las. Ele adorava estar na companhia das três. Suas bruxas. Suas rainhas. Todas tão diferentes umas das outras, porém com o mesmo propósito. — Não conheço a história dessa Rainha Vermelha tão bem quanto algumas das outras — continuou Hazel —, mas aposto que podemos encontrá-la em nossa biblioteca. — Hazel estava vestida com o tom cinza-claro de sempre, quase da cor de prata desbotada. Jacob sempre sentiu que Hazel tinha um ar fantasmagórico, vagando pela Floresta dos Mortos como um espectro, enquanto sua irmã Primrose saltitava por ela com energia suficiente para ambas.

— Quanto ao Jaguadarte — acrescentou Primrose —, Hazel e eu o víamos todos os dias na nossa infância, guardando a parte mais densa da floresta. — O sorriso doce de Primrose fez as covinhas em suas bochechas aparecerem. Estava linda no vestido de veludo, da cor das folhas de outono, com uma coroa de flores vermelhas e laranja na cabeça.

— Mas onde pode estar esse Jaguadarte? — questionou Circe. — Vocês acham que a Rainha Vermelha retornou para pegar de volta sua criatura? Essa rainha é da nossa linhagem? É possível que ela tenha se infiltrado na Floresta dos Mortos na escuridão da noite e o trazido à vida?

— Nada tão sinistro quanto isso. Acho que ele está desaparecido desde que as Irmãs Esquisitas trouxeram todas as criaturas de pedra à vida quando atacaram a Floresta dos Mortos, fazendo com que você as enviasse para o

Lugar Intermediário. Mas, ao contrário das outras criaturas de pedra, o Jaguadarte nunca retornou.

— Se esse monstro estivesse aterrorizando os Muitos Reinos, sem dúvida teríamos ouvido algo a respeito — afirmou Circe.

— Não acho que o Jaguadarte ainda esteja neste mundo — observou Primrose.

— Nem em Londres, nem na Terra do Nunca? — perguntou Circe.

— Seja lá onde for, a Rainha Vermelha deve estar por perto — falou Jacob. Circe virou-se para ele.

— Jacob, envie um corvo até Tulipa e informe que tenho outros deveres a cumprir antes de me juntar a ela. Se esse dragão está aterrorizando outra terra, então é nosso dever capturar a criatura e trazê-la de volta para cá.

— Mas Tulipa está esperando nosso exército.

— E ela o terá. Avô Jacob, você é mais do que capaz de liderar nosso exército em auxílio a Tulipa. E sei que posso confiar em você para fazer o que é certo. Ainda tenho esperança de que Tulipa recobre o bom senso, ou que eu descubra o que a está levando para esse caminho perigoso. Mas antes de me juntar a vocês na guerra, preciso encontrar esse Jaguadarte e ajudar Branca.

— Circe, por que você ficou tão preocupada com esse Jaguadarte de repente? Sem dúvida, Branca e Tulipa são nossas prioridades agora — disse Hazel.

— E são, mas há algo me incomodando, dizendo que essa criatura desempenha um papel nas coisas que estão por vir. Tenho certeza de que vocês sentiram isso, essa mudança perturbadora, essa sensação de que estamos à beira do abismo.

— Eu senti — confirmou Primrose. — E acho que suas mães sabem o que está por trás disso.

— Também acho — disse Circe. — Há razões além do Jaguadarte que me levam a visitar minhas mães, que ainda não se revelaram a mim.

— Ah! Eu me lembro de um poema no Livro dos Contos de Fadas sobre o Jaguadarte. Esperem, deixem-me ver se consigo encontrá-lo. — Primrose correu para a estante, empolgada, e puxou o Livro dos Contos de Fadas. — Vejam, aqui está. Diz que o Jaguadarte mora em um lugar chamado Floresta Tulgey. É um lugar meio bobo, com pássaros de aparência bizarra, mas… um momento. Isso é estranho, esta seção parece nova, porém ainda está na voz das Irmãs Esquisitas. — A testa de Primrose se franziu de perplexidade.

— Do que está falando? Qual é o problema? — perguntou Circe.

— Não sei. Acho que pensei que, como éramos as damas da Floresta dos Mortos, quaisquer novos capítulos seriam escritos por nossas vozes. Que *nós* escreveríamos as histórias.

— Isso exigiria que combinássemos nossos poderes, e não tenho certeza se estamos prontas para isso. Tenho medo do que pode acontecer — disse Circe.

— Então, deixamos as Irmãs Esquisitas continuarem a decidir o destino dos Muitos Reinos? — indagou Hazel, entrando na conversa.

— Estou tentando nos salvar de ficarmos como elas. Preciso de tempo para pesquisar, para saber no que realmente estamos nos metendo e para de fato entender o que a morte das minhas mães significa para a magia que elas faziam quando estavam vivas — explicou Circe.

— Achei que iríamos mudar as coisas, Circe. Veja o que fizemos com James. Podemos não ter conseguido salvá-lo do seu destino, mas alteramos sua linha do tempo, mesmo que só um pouco. Imagine o que poderíamos fazer se realmente tentássemos! E que tal consertar o erro com Lady Tremaine? Vamos mesmo deixá-la permanecer em forma de pedra depois de tudo o que passou? E os espelhos da Branca de Neve? Ela disse que consegue ouvir os gritos intermináveis de Grimhilde em todos os espelhos do castelo. E quanto tempo levará até que Aurora nos envie uma mensagem dizendo que se lembra de tudo o que aconteceu na Câmara dos Espelhos ou que de repente tem poderes de dragão como a mãe? Tem alguma coisa acontecendo, e garanto que está relacionada às Irmãs Esquisitas — declarou Hazel.

— Você acredita mesmo que elas estão causando tudo isso do Submundo? Acredito que não, minha senhora — disse Jacob.

— Não, não acho que seja isso que Hazel quis dizer, avô. Mas concordo que há alguma conexão. Escute, sei que tínhamos um plano, e era realmente assim que eu imaginava passar nossos dias, reescrevendo o Livro dos Contos de Fadas, consertando o que pudéssemos, mas Tulipa virou tudo de cabeça para baixo, e temo que esse Jaguadarte tenha alguma relação com isso.

— Como você sabe? — perguntou Primrose.

— Não sei, não tenho certeza. Como eu disse, é só um pressentimento. Mas temo que estejamos todos em perigo. E acho que preciso engolir meu

orgulho e visitar minhas mães no Submundo antes de ir para o reino de Branca.

— Oh! Você vai simplesmente dar uma passada no Submundo e bater um papinho com suas mães, é? — questionou Primrose.

— Acho que preciso. Tenho a sensação de que elas sabem muito mais do que estão deixando transparecer.

CAPÍTULO VI

A FLORESTA TULGEY

Toda floresta sombria tem seus segredos. Algumas abrigam os mortos, enquanto outras são repletas de árvores nuas e ameaçadoras, com galhos ávidos e olhos que brilham na escuridão.

E algumas, como a Floresta Tulgey, escondem nas sombras criaturas inesperadas e mortais à espreita.

Parecia improvável que o País das Maravilhas tivesse tal floresta, mas, pensando bem, como podemos saber o que o País das Maravilhas deveria ou não ter dentro de suas vastas e confusas fronteiras? Porque, ao que parece, nem mesmo aqueles que moravam no País das Maravilhas sabiam o que esperar em qualquer dia ou noite.

A Floresta Tulgey aparentava, a princípio, ser um lugar bastante bobo; as árvores coloridas e os pássaros estranhos pareciam brotar da imaginação fértil de uma criança. Qualquer aventureiro poderia se sentir desorientado com as placas confusas apontando para todos os lados, em direções conflitantes. A floresta poderia até mesmo induzi-los a uma sensação de estar em uma fantasia perturbadora, mas eles jamais esperariam sentir medo. Isto é, a menos que temessem pássaros com corpo de guarda-chuva ou com uma pá no lugar da cara, ou sanfonas com cabeça de coruja, ou sapos em forma de tambor.

Essas coisas insignificantes não assustaram a Rainha de Copas nem o Coelho Branco. Eram quase esperadas, embora intrigantes, depois de tudo o que tinham visto naquele dia.

— Já chega desses disparates, Coelho! Isso é intolerável! — exclamou a Rainha, enquanto estavam parados em uma conexão de caminhos entrelaçados que levavam a todos os lados, sem nenhuma indicação sobre

qual trecho deveriam seguir. — Agora, Coelho, se você fosse um criado, qual caminho tomaria? Por aqui?

— Eu sou um criado, Vossa Majestade.

— É, Coelho?

— De fato, Vossa Majestade. Mas não tenho ideia de para onde os outros criados possam ter ido.

— Escute, Coelho, está ouvindo isso? Parecem… vozes? — A Rainha atravessou rapidamente o riacho pulando sobre pedras que se projetavam da água. Uma vez do outro lado, pôde ouvir as vozes com mais clareza e, ao enfiar a cabeça por entre as árvores, encontrou uma pequena clareira. Esperava ver os criados ali.

— Coelho, tenha cuidado! — gritou ela, observando-o pular sobre as pedras para ir ao seu encontro. — Olhe isso!

Ambos ficaram boquiabertos ao observar o que pareciam pássaros guarda-chuva brincando sob uma cachoeira, voando e grasnando como se fosse a coisa mais comum a se fazer, quando parecia algo bastante incomum para a Rainha e para o coelho. Contudo, o que sabiam? Aquele era o primeiro dia deles.

— Com licença, algum de vocês poderia me dizer se viu um grupo de criados? Parece que os perdi.

Os pássaros, parecendo bastante irritados por terem sua diversão interrompida, começaram a grasnar mais alto, de forma agitada, enquanto alçavam voo, pousando em um galho próximo e os encarando.

— Coelho! É impressão minha ou tudo o que encontramos até o momento é confuso, irritante ou ambos? Quer dizer, qual é, gêmeos tagarelando em charadas, uma lagarta petulante e agora isso? Como eu ia saber que esses pássaros guarda-chuva não sabem falar?

— Eu diria que eles são irritantes e confusos. Mas talvez seja só porque é o nosso primeiro dia — aventou o coelho, examinando as placas em uma alta árvore vermelha que apontavam para várias direções. Era um tipo estranho de árvore, como nenhum deles jamais vira. Alguém poderia pensar que a característica mais notável e criticamente importante seria o fato de ser vermelha, mas não era. O traço mais marcante da árvore, universalmente aceito, pois quase todos que a tinham visto haviam observado isso sobre ela, era a série de placas confusas que não ajudavam em nada quem se aventurasse na floresta.

— Um sábio comentário, Coelho, sem dúvida, mas tenho a estranha sensação de que acharia este lugar confuso e irritante não importa o dia.

— Talvez devêssemos voltar, Vossa Majestade, para não nos perdermos nesta floresta. Como tudo o mais que encontramos até agora, essas placas não fazem sentido, e está escurecendo muito. Podemos enviar a guarda da Rainha para procurar os criados. — A Rainha percebeu que o coelho tentava conferir sentido a algo sem sentido.

— Nem sabemos se tenho uma guarda da rainha, Coelho. Se tenho, ainda não os conheci. Seria de esperar que o Rei a tivesse enviado atrás de mim, pelo menos para ver se eu estava bem. Não, Coelho, acho que estamos por conta própria. Não se preocupe, eu o protegerei. — Ela caminhou até ele por trás e o pegou pela pata.

— Olhe ali, Coelho! Estou vendo os rastros dos criados. Acho que devemos ir por ali — indicou ela, apontando para onde as pegadas conduziam a uma trilha. A Rainha as seguiu e então esbarrou no que pensou ser uma gaiola de passarinhos pendurada em um galho baixo. — Oh! Perdoe-me — disse ela, percebendo que a gaiola de passarinhos era na verdade um pássaro e voltando o olhar para o caminho à frente.

— Ora, por favor! — revoltou-se o Coelho Branco. — Por que eles viriam a um lugar destes? Este lugar está cheio das criaturas mais estranhas, as placas nas árvores são absurdas, não há praticidade alguma nesta floresta. Vamos nos perder tanto quanto eles se nos embrenharmos dentro dela. Devo insistir para que retornemos ao castelo e enviemos seus guardas para encontrá-los, Vossa Majestade. — O Coelho Branco parecia severo e bastante sério. Não era a primeira vez que a Rainha o via tão resoluto, mas ainda assim a atitude a surpreendeu. Seria uma expressão que se apoderaria dele cada vez mais com o passar dos anos.

— Não cabe a você insistir em nada, Coelhinho, mas aprecio sua preocupação. Pelo menos, sei que há uma pessoa neste reino que se importa comigo. — Ela sorriu para o amigo.

— Não sou exatamente uma pessoa, Vossa Majestade, mas tomo como um elogio que tenha se referido a mim assim.

— Venha, Coelho, vamos embora — chamou ela, sorrindo novamente e esperando que ele não se ofendesse. A Rainha já considerava aquele coelho seu amigo e esperava que, *se* o tivesse ofendido, ele se sentisse à vontade para dizer isso a ela. Ele parecia estar tomando liberdades em todos os outros aspectos.

A Rainha de Copas e o Coelho Branco seguiram o caminho por uma longa trilha — passando por vários pássaros incomuns que, até onde podiam perceber, não falavam e, portanto, não ajudavam em nada — que levava à parte mais escura da floresta. Ali, as árvores não eram coloridas, eram pretas como carvão e cheiravam a enxofre. A Rainha e o coelho não conseguiam mais ver as pegadas dos criados, não apenas porque o sol já havia se posto completamente, mas devido ao chão da floresta estar chamuscado e escurecido.

Era bastante desagradável andar entre as árvores frágeis e queimadas, com as cinzas pretas caindo de seus galhos como algo saído de um pesadelo. Quanto mais se aventuravam na floresta, mais denso o ar se tornava, e logo o Coelho Branco não estava mais branco, mas cinzento.

— Este não poderia ser o caminho certo, Vossa Majestade. E mesmo que fosse, certamente não seria seguro. Devo insistir que voltemos, para sua segurança.

— O que eu disse sobre insistir, Coelho? Não tenho certeza se isso cabe a você. — A Rainha suspirou. — Mas, neste caso, como sempre, você está certo. Talvez devêssemos retornar à luz do dia. Receio que esteja escuro demais para enxergar qualquer coisa.

Mas a Rainha e o coelho haviam se perdido e não conseguiam se lembrar de qual direção haviam vindo, e não tinham como refazer seus passos. Havia tão pouca luz no breu da floresta, e não lhes restava escolha senão ficar parados e ponderar sobre o que fazer em seguida.

— Está sentindo esse cheiro? É fumaça? — O coelho farejou o ar, com o focinho e os bigodes se contraindo. A Rainha achou engraçado ver o coelho fungar daquele jeito. Era a coisa mais típica de coelho que ele já fizera desde que se conheceram. Ela nem sabia ao certo em que momento parara de pensar nele como um coelho, mas vê-lo farejando o ar a lembrou de que ele não era, na verdade, uma pessoa.

— Bem, é claro que é fumaça, Coelho. Obviamente, houve um incêndio aqui.

— Não, quero dizer, o cheiro é como se ainda estivesse queimando. Veja! Ali. — Ele apontou a pata para um brilho alaranjado na escuridão. E, antes que a Rainha percebesse o que estava acontecendo, o coelho já havia disparado pela trilha ladeada de árvores, sumindo da vista da monarca.

Outra coisa típica de coelho.

— Coelho, tenha cuidado! — ela gritou para ele. Temia que seu amiguinho estivesse certo. Talvez se embrenhar naquela floresta não fosse a melhor das escolhas, ainda que ela estivesse lá com as melhores intenções. Uma das coisas que aprendera naquela aventura era que as intenções às vezes não importavam. O que parecia algo estranho de pensar. Claro, era preferível que todos tivessem as melhores intenções, e, nesse sentido, ela supunha que as intenções importassem. Mas e as vezes que você tinha boas intenções e tudo ia por água abaixo?

Este dia era um exemplo de boas intenções que davam muito errado. Como ela poderia saber que tentar cumprimentar e entregar bolos a todos os seus súditos acabaria sendo um desastre? Nem tudo era culpa dela, é claro. Os irmãos Tweedle e a Lagarta eram insuportáveis, sem dúvida, mas, pensando bem, ela e o coelho não teriam se divertido tanto crescendo e encolhendo se não tivessem saído para explorar aquela terra. E, se não fosse por aquele dia, ela e o coelho talvez não tivessem se tornado amigos. Então decidiu que não era tão ruim assim. Não totalmente ruim, não de verdade, considerando tudo. Mas, por sua vez, a Rainha de Copas receava a possibilidade de ainda não ter visto o pior daquele dia e optou por aguardar até estar segura no castelo antes de determinar se boas intenções importavam ou não.

— Minha Rainha! Minha Rainha! Venha rápido. Você precisa ver isso! — A Rainha podia ouvir o pânico na voz do coelho. Ela deu passos hesitantes em sua direção, temendo o que poderia encontrar ao chegar lá.

A floresta estava quase completamente escura agora, exceto pela iluminação que irradiava da pilha de madeira em brasa que lançava uma luz âmbar sinistra sobre o Coelho Branco. Ela mal conseguia vê-lo, tão denso de fumaça e cinzas estava o ar, mas podia dizer, por seus olhos arregalados e assustados, que havia algo terrivelmente errado.

— O que foi, Coelho? O que você encontrou? — Ela tossia e ofegava, e seus olhos lacrimejavam. Tentou enxugá-los com o punho da manga do vestido, mas isso só fez os olhos arderem ainda mais.

— Acredito que seja a nossa carroça, Vossa Majestade.

— Não entendo, Coelho. O que aconteceu? — Ela não conseguia enxergar direito. Seus olhos estavam marejados de lágrimas por causa da fumaça e das cinzas. — Maldito seja este lugar horrível! — resmungou ela, batendo o pé. — Eu odeio isso! Odeio isso aqui! É o pior lugar do mundo! — Seu rosto voltou a ficar vermelho, e ela sentiu como se vapor saísse de

suas orelhas. Supôs que a raiva dentro dela tivesse que ser extravasada para algum lugar.

— Não chore, Vossa Majestade. A culpa não é sua.

— Claro que a culpa não é minha, Coelho. Não fui eu quem começou o incêndio. E não estou chorando. Rainhas não choram. A fumaça está fazendo meus olhos lacrimejarem.

— Oh! Tome — ofereceu o coelho, entregando-lhe seu lenço de bolso. — Use isto.

— Você é mesmo um coelho muito cavalheiro, não é? — disse ela, pegando o lenço de bolso e enxugando os olhos. — Obrigada, Coelho. Assim está bem melhor. — Finalmente, conseguiu compreender por que o coelho estava naquele estado. A Rainha não havia entendido direito. Ele tinha razão. Era *mesmo* a carroça deles, e os criados haviam sumido.

— Oh, isso é péssimo, Coelho. Onde estão os criados? A culpa é toda minha. Meu primeiro dia como Rainha, e já estraguei tudo!

— Não é culpa sua, minha Rainha!

— Claro que é! Eu sou a Rainha deles! — Desta vez, ela estava chorando e surtando. Sentiu o pânico e a vergonha lhe inundarem, fazendo seu coração disparar, deixando-a com vontade de fugir do próprio corpo. Odiava se sentir assim. Odiava sentir raiva. — Eles estão mortos! Estão mortos! Como pude ser tão tola, levando-os a uma peregrinação em um mundo que desconhecemos? Eles estariam seguros no castelo agora mesmo se eu não tivesse insistido em entregar bolos para um bando de lunáticos ingratos! Onde eu estava com a cabeça?

— Vossa Majestade, pare! Olhe para mim. Você não ordenou que entrassem na floresta!

— De fato, não! — disse ela, olhando nos olhos bondosos e sábios do coelho e se sentindo um pouco mais calma.

— Então, como pode se culpar por eles terem se metido nesta floresta decrépita? Pelo que sabemos, eles escaparam do que quer que tenha acontecido e a essa altura estão de volta ao castelo aguardando nosso retorno. — O coelho pegou as duas mãos da Rainha com suas patas brancas e peludas e as apertou. — Vai dar tudo certo. Tenho certeza de que eles estão bem.

— A verdade é que você não tem base para tal afirmação, mas agradeço… Espere. O que é isso? — A Rainha notou uma luz bruxuleante em sua visão periférica, uma pequena labareda aparecendo nos galhos das

árvores à sua direita. — O que é isso? — repetiu ela, girando. Um clarão se fez na floresta quando todas as árvores ao redor explodiam em chamas dançantes. Mas o que era ainda mais assustador era o estrondo que sacudia o chão sob elas.

A Rainha gritou:

— Coelho, olhe! — A floresta inteira diante deles estava mergulhada em chamas. Ela conseguia sentir o calor mesmo com o fogo a uma boa distância. Ambos permaneceram ali, incapazes de se mover, enquanto as chamas aumentavam e diminuíam de intensidade, e o chão da floresta tremia, fazendo as labaredas nas árvores também tremerem. E do fogo emergiu uma grande fera, certamente uma espécie de dragão alado, sua silhueta destacada à distância, com chamas saindo da boca. O chão chacoalhou com mais violência à medida que a criatura se aproximava, fazendo com que as árvores escuras acima deles se desfizessem numa chuva de cinzas. A Rainha abriu a boca, perplexa ao ver que, em vez de se apagarem, as chamas continuavam a pairar no breu vazio do céu onde antes estavam os galhos desintegrados.

— O que significa aquilo? — As chamas dançantes pareciam suspensas por magia; não fazia sentido. E, novamente, a Rainha sentiu como se estivesse sonhando, ou presa no sonho de outra pessoa. Tudo o que havia vivenciado naquele dia era inconcebível, e ela não entendia por que ainda estava vivendo naquele pesadelo, pois sem dúvida era isso que era.

— São pássaros, Vossa Majestade.

— Pássaros? Impossível — ela sussurrou, hipnotizada pela beleza e pelo horror do que testemunhava.

— São pássaros, com rosto espelhado! Estão simplesmente refletindo o fogo. Agora, vamos sair daqui! — Ele pegou a Rainha pela mão e disparou para longe.

Fugiram o mais rápido que puderam, sem ousar olhar para trás ou parar a fim de observar a coleção de animais malucos que residia na floresta. Continuaram se movendo até encontrarem um caminho que levava a algum lugar, e um caminho para qualquer lugar parecia melhor do que ficar parados em lugar nenhum, então o seguiram. Contudo, por mais rápido que corressem, ainda conseguiam ouvir o dragão acompanhando-os, rugindo e soprando um fogo que nunca os alcançava, até que finalmente saíram da floresta, sem fôlego e exaustos.

A Rainha estava curvada de dor, segurando a lateral do corpo, sem ar. Não conseguia correr mais, mesmo com o Coelho Branco puxando seu braço e insistindo para que prosseguisse.

— Não consigo continuar, Coelho. Acho que não sou alguém acostumada a correr. Dói…

— Não podemos parar, Vossa Majestade, o dragão ainda está vindo! — O coelho arfava e batia a perna nervosamente, mas ela não conseguia mesmo seguir em frente. Não conseguia parar de tossir, e era muito difícil respirar.

— Ah, o Jaguadarte? Não se preocupem com ele, pois ele raramente sai da floresta. A menos que precise. — A voz vinha de lugar nenhum e de todos os lugares ao mesmo tempo, e a Rainha não estava convencida de que fosse amigável. Até onde sabiam, era o dragão brincando com eles, tentando enganá-los ou assustá-los de dentro da escuridão da floresta.

— Olá? Quem está aí? Apareça! — A Rainha girou, tentando descobrir de onde vinha a voz, mas não viu ninguém além do Coelho Branco, que estava apavorado, seus olhinhos arregalados de preocupação. — Coelho, por favor, acalme-se. Acho que estamos bem. — A Rainha puxou o coelho para mais perto de si e o abraçou. — Seu coração está acelerado. Por favor, meu Coelhinho, por favor, acalme-se.

— Mas de onde vem essa voz? — O pobre coelho gaguejava e tremia de medo.

— Não sei, meu amiguinho, mas vou protegê-lo — assegurou ela, olhando para o caminho da floresta e não vendo nada além de escuridão. Não havia chamas nem dragão, e o chão havia parado de tremer.

— Aqui, Vossa Majestade — falou a voz. — Na floresta. — E, então, ela o viu, um sorriso largo e brilhante na escuridão, flutuando como um dos pássaros com espelho no lugar do rosto.

— Para trás, Coelho! Corra! — Instintivamente, a Rainha colocou seu corpo entre o dele e o sorriso fantasmagórico flutuante. — Afaste-se, dragão! Exijo que volte para a floresta, onde é o seu lugar!

— Não sou um dragão, minha Rainha, eu lhe asseguro — disse a voz, e, enquanto falava, um rosto se materializou, depois um corpo, e logo a Rainha fitava um gato roliço de listras rosa e roxas e com um largo sorriso de Cheshire. Estava sentado no galho de uma árvore bem à margem da floresta escura.

— Bem, isso é óbvio, mas *quem é você*? — perguntou a Rainha, olhando para o estado de seu vestido, agora coberto de fuligem preta, dando-se conta

de como deveria estar sua aparência depois do encontro com o dragão. Só conseguia imaginar como estariam seu rosto e cabelo, e lá estava ela encontrando pela primeira vez mais um de seus súditos. O que ele pensaria dela? Mas decidiu que não importava, considerando que poderia parecer muito pior se tivesse sido morta, incinerada pelo dragão bestial na floresta.

— Você fala como a Lagarta — disse o gato, seu sorriso alargando-se. A Rainha riu a contragosto. Supôs que de fato tivesse soado como aquela larva de borboleta nojenta, mas ainda assim notou que o gato não respondera à sua pergunta. Porém não importava, havia outras mais importantes que precisavam de resposta.

— Com licença, sr. Gato, mas por acaso o senhor viu um grupo de criados passando por aqui? Talvez correndo em direção ao castelo? — Ela estreitou os olhos para ele, tentando determinar se a criatura era do tipo que dizia a verdade; ser uma criatura com um sorriso perpétuo no rosto a levava a pensar que o gato talvez não fosse totalmente confiável.

— Não vi. Embora eu tenha ouvido um grupo de pessoas fazendo barulhos horríveis na floresta não muito tempo antes de vocês virem correndo — contou o gato, enrolando o rabo no rosto para esconder o sorriso.

— Oh, céus. — A Rainha sentiu seu rosto ir do vermelho ao branco enquanto o sangue era drenado dele.

— Não se preocupe, Vossa Majestade. Talvez o sr. Gato esteja enganado e os criados tenham escapado — confortou-a o coelho, que finalmente pareceu encontrar coragem, saindo de trás da Rainha.

— Se eu tivesse que dar um palpite — disse o gato —, e adoro dar palpites, diria que não escaparam, e é por isso que o Jaguadarte não a seguiu para além da floresta. — A Rainha odiou o jeito como o gato sorriu quando pronunciou tais palavras, como se se deleitasse com a ideia de seus criados serem queimados até virarem torradas ou serem comidos vivos. Por sua vez, parecia que ele tinha uma única expressão. Claro, ela não estava certa se era esse o caso, mas, até agora, só vira seu sorriso longo e largo, por mais terríveis que fossem suas palavras.

— Ouvi claramente você dizer que o Jaguadarte não costuma se aventurar para além da floresta — lembrou o coelho. A Rainha percebeu que ele já estava irritado com o gato, e ela também poderia estar se achasse que o gato era capaz de dizer qualquer coisa sem sorrir.

— Como eu disse, ele não costuma, pelo menos não normalmente, a menos que precise. E imagino que não precisasse porque já estava de barriga cheia, tendo acabado de fazer uma refeição com seus criados.

— Ah, que abominável! Isso já é demais!

— Demais para quê? — perguntou o gato, abanando o rabo e revelando novamente o sorriso. A Rainha teve a impressão de que ele a provocava de propósito. Mas por que essa criatura, que ela havia acabado de conhecer poucos momentos atrás, se daria ao trabalho de provocá-la? Era mais do que provável que a Rainha estivesse apenas imaginando coisas.

— É simplesmente demais! Tudo isso! Demais para suportar! Este com certeza é o pior lugar que existe. Oh, como odeio isto aqui! Odeio!

— Acalme-se, Vossa Majestade. Precisamos encontrar um lugar para você descansar e se recompor. — O coelho olhou ao redor em busca de um local próximo onde pudessem descansar.

— Sim, acredito que ter compostura esteja no topo da lista de virtudes apropriadas a uma rainha — observou o gato.

— Bem, acredito que ter compaixão deveria estar no topo da lista de virtudes apropriadas a um gato falante! — retrucou a Rainha.

— Você já conheceu muitos gatos falantes? — questionou o felino sorridente.

— Não posso dizer que sim — respondeu ela, percebendo que não se lembrava de ter encontrado nenhum tipo de gato, mas, mesmo assim, de alguma forma sabia tudo sobre eles e que geralmente não conversavam. Claro, ela não tinha ideia de como sabia disso. Supôs que fosse algo semelhante ao fato de o Coelho Branco saber tudo o que havia para saber sobre o funcionamento das casas reais sem se lembrar de como o sabia. No entanto, considerando a situação, ambos poderiam estar errados sobre as coisas que achavam que sabiam, porque lá estava ela, discutindo com um gato falante.

— Também não sei dizer se já conheci um gato falante. Você diz que me falta compaixão, mas preferiria que eu dissesse que seus criados escaparam quando não escaparam? Dar-lhe falsas esperanças só para você se perguntar o que aconteceu com eles? E como você voltaria a confiar em mim, se eu tecesse tais mentiras?

— Suponho que você tenha razão, Gato. Obrigada por sua sinceridade. — A Rainha achou que havia alguma sabedoria nisso. Talvez ela estivesse apenas deixando seu temperamento assumir as rédeas. Já havia feito isso

em muitas ocasiões naquele dia, mesmo antes de seus criados provavelmente serem devorados por um dragão.

— Será que ouvi certo: você estava entregando bolos hoje? Os Tweedle fizeram o maior estardalhaço na floresta, resmungando e reclamando sobre rainhas, bolos, corvos e chocalhos.

— Será que não teriam sido os Tweedle que você ouviu gritando, e não meus criados? — perguntou a Rainha, imaginando como conseguiram passar pelo gato quando seguiram na direção oposta na encruzilhada, mas sabia muito pouco sobre aquele lugar, ou sobre as criaturas que viviam nele, e decidiu que era melhor não questionar tais coisas, especialmente quando havia assuntos mais urgentes em jogo, como o destino de seus criados.

— Receio que não, Vossa Majestade — respondeu o gato, sorrindo ainda mais e abanando o rabo dramaticamente. — Os Tweedle estão vivinhos da silva. Então, agora que resolvemos isso, conte-me sobre esses *bolos*!

— Gatos falantes gostam de bolo? — perguntou ela.

— Bem, embora eu saiba falar, não posso me pronunciar em nome de todos os gatos falantes, a menos que eu seja único nessas qualidades, mas posso afirmar sem sombra de dúvida que este gato falante adora bolo.

— Ora, que surpresa adorável. Estava com medo de que você torcesse o nariz para o bolo como a Lagarta fez. Cá entre nós, ela foi bem rude.

— A Lagarta torce o nariz para quase tudo. Embora, estritamente falando, eu não tenha certeza se, sendo uma lagarta, ela *tem* nariz. Ainda assim, eu não deixaria isso irritar você, a menos, é claro, que lhe agrade ser irritada.

— Por que me irritaria saber que lagartas não têm nariz? E por que me agradaria ser irritada? — perguntou ela, tentando esconder que estava, de fato, irritada.

— É só uma impressão — comentou o gato sorridente. — Uma faísca que vejo aí dentro. Uma pequena brasa ardente, prestes a explodir.

— Estou curiosa para saber se o senhor já conheceu essa lagarta em particular, sr. Gato, porque me lembro claramente de que ela tinha algo muito semelhante a um nariz, e garanto que o torcia. Quanto às outras lagartas, não sei dizer se têm ou não nariz, afinal, que eu me lembre, só conheci uma.

A monarca sentiu sua irritação se transformar em raiva e quis repreendê-lo por ousar falar com sua Rainha de forma tão atrevida. Mas estava

determinada a ser educada. Determinada a fazer pelo menos um amigo naquele dia, além do Coelho Branco.

— Bem, agora que sei que pelo menos um gato falante gosta de bolo, adoraria que você se juntasse a mim para um chá com bolo no castelo — prosseguiu ela, tentando ao máximo ser simpática. A última coisa que queria era provar que aquele gato estava certo.

— E quanto à minha senhora — disse ele maliciosamente —, ela é bem-vinda?

— E quem seria ela? — perguntou a Rainha, imaginando como era possível que um gato como aquele tivesse uma senhora quando ele parecia exatamente o tipo de gato que fazia o que bem entendia.

— A Duquesa, é claro.

— Claro, ela seria muito bem-vinda — garantiu a Rainha, sem ter ideia de quem era a Duquesa, mas ainda assim se esforçando para ser educada. Rapidamente concluiu que a atitude cortês e majestosa a tomar era convidar a Duquesa e seu gato para um chá.

— Vossa Majestade, está bem tarde e escuro. Realmente deveríamos levá-la de volta ao castelo.

— De fato, Coelho! Foi um prazer conhecê-lo, Gato. Estou ansiosa para conhecer sua senhora. — Com isso, a Rainha pegou a mão do coelho e se virou para ir embora.

— E o bebê? — acrescentou o gato, fazendo-a se virar e encará-lo.

— Desculpe, o quê? Você disse bebê?

— Sim, o bebê, ela nunca está sem ele.

— Então, insisto que ela leve o bebê.

— Maravilhoso. Ficaremos atentos ao seu convite.

— Por favor, façam isso! — disse a Rainha, enquanto ela e o Coelho Branco voltavam, encontrando o caminho que os levaria ao castelo. Mas logo sua irritação com o gato se transformou em nervosismo. E ela mal conseguia pensar com clareza por causa do som de cantos vindos de um jardim próximo enquanto passavam. De vez em quando, a cantoria parava, e duas vozes gritavam de um lado para o outro:

— Um feliz desaniversário para você…

— E um feliz desaniversário para VOCÊ!

— O que, no país das maravilhas, é um desaniversário? — questionou a Rainha.

— Eu não saberia dizer, Vossa Majestade. Melhor ignorar e ir direto para o castelo.

— Suponho que, sejam quem forem, não fossem recusar nosso bolo, já que parecem muito festeiros. Em contrapartida, como saber se há bolo em uma festa de desaniversário? Imagine só: se houvesse bolo em uma comemoração de desaniversário, isso significaria comer bolo quase todos os dias? Como eu queria que ainda tivéssemos nossos bolos.

— E os criados.

— Sim, claro. Os criados também. Mas você acha que as pessoas cantando no jardim gostariam de um bolo?

— É difícil dizer. Investigarei essas ponderações e lhe darei um retorno nos próximos dias.

— Não me oporia a um relatório semelhante sobre todos no meu rainhado.

— Eu já imaginava, Vossa Majestade.

— Você é bom demais para mim, Coelho. Para ser franca, estou com medo de retornar para o castelo. Como vou contar aos outros criados o que aconteceu?

— Por que não deixa isso comigo, Vossa Majestade?

— Você realmente faria isso, Coelho?

— É meu dever servi-la, minha Rainha.

— Só se você quiser, Coelho. Só se isso o fizer feliz.

— Nada me faria mais feliz. Além disso, acho que não tenho outro lugar para ir.

— É mesmo! Hoje também é o seu primeiro dia! Bem, nesse caso, por favor, chame o castelo de seu lar. Encontraremos para você os aposentos mais suntuosos e um belo escritório, e como agora você está em um tamanho incomum para um coelho, não deverá ter problemas para arrumar os móveis.

— Não se esqueça, minha Rainha, de que sou um coelho e sei pular! — ele disse, rindo.

Mas a Rainha não compartilhou de seu humor. Continuou pensando nos criados e em como deve ter sido terrível ser devorado por um dragão. Não conseguia imaginar como poderia contar isso ao Rei; seguia ensaiando tudo na mente, mas nada parecia capturar o verdadeiro horror da situação. Nada transmitia sua culpa adequadamente, e ela se perguntava como o enfrentaria, ou aos outros criados. Sentiu-se escorregando para um lugar

sombrio de medo e ansiedade, apreensiva com o que aconteceria em seguida.

— Minha Rainha, podemos não ter alcançado tudo o que nos propusemos a fazer hoje, mas acho que conseguimos um nome para este lugar. País das Maravilhas! O que você acha?

— Acho que é perfeito! — O brilhantismo do coelho continuava a deslumbrá-la. Que nome melhor poderia haver além de País das Maravilhas? Ela não fizera nada além de se maravilhar com suas perplexidades, aborrecimentos, frustrações e disparates desde que chegara. — País das Maravilhas, de fato!

— Excelente, então conseguimos uma coisa boa hoje.

— Mais de uma, acredito eu — corrigiu ela, sentindo-se mais uma vez encorajada pelas palavras de estímulo do coelho. — Até agora, temos em nossa posse poções incríveis de crescimento e encolhimento; fizemos amizade com um gato falante, e muito possivelmente com uma duquesa, e, o que é improvável, com um bebê; e sabemos que nunca mais pisaremos na Floresta Tulgey.

— Devíamos colocar uma placa advertindo os viajantes para não entrarem lá — sugeriu ele.

— Ótima ideia, Coelho. Agora, vamos para casa.

CAPÍTULO VII

A DUQUESA

Os dias seguintes da Rainha no País das Maravilhas foram um pouco melhores do que os primeiros, mas apenas porque ela não saiu do castelo. Em vez de se aventurar lá fora novamente, familiarizou-se com os jardins, a criadagem e a guarda, e tentou conhecer o Rei, mas logo se cansou daquele esforço infrutífero. No lugar disso, ocupou-se planejando um chá farto para a Duquesa, seu gato e, aparentemente, seu bebê. A Rainha não fazia ideia de como receberia um bebê e esperava que a Duquesa se contentasse em ter uma das criadas cuidando dele enquanto tomavam chá. Quanto ao gato, estava ansiosa para conversar mais com ele. Ainda não havia decidido se gostava ou não do seu comportamento atrevido e apreciava a ideia de conhecê-lo melhor, bem como suas intenções.

Como haviam se passado apenas alguns dias desde o primeiro dia da Rainha, pouco aconteceu além do planejamento do chá e de ouvir os relatos do Coelho Branco sobre os vários habitantes do País das Maravilhas que ele conseguira compilar naquele curto período. Levaria algum tempo até que ele pudesse conhecer todos no rainhado e contar suas histórias à Rainha; talvez a Duquesa compartilhasse algumas de suas próprias impressões.

A Rainha providenciou para que o chá fosse servido no solário. Aguardava a chegada da Duquesa e de sua comitiva a qualquer momento. Os criados haviam preparado vários bolos de aparência apetitosa e um bule de chá bastante rechonchudo com um padrão xadrez preto e branco. As xícaras eram vermelhas, os pires pretos e os pratinhos de bolo combinavam com o bule. Jamais passaria pela cabeça da Rainha misturar e combinar os pires, as xícaras e os pratos, mas funcionou perfeitamente. Havia bolos de todos os tamanhos, com mais sabores do que se poderia experimentar em um dia: bolinhos de limão, bolos de lavanda, grandes bolos de chocolate,

bolos de coco, bolos com marzipã rosa, bolos com florezinhas roxas, bolos de avelã, bolos de especiarias e bolos de frutas embebidas em conhaque. Eram muitos bolos. Também prepararam uma deliciosa variedade de sanduíches para acompanhar o chá e scones, com potinhos de creme de leite e coalhada de limão, além de biscoitinhos redondos com centro de geleia em formato de coração.

A Rainha mal conseguia se decidir por um vestido entre a quantidade de peças deslumbrantes que encontrou no guarda-roupa do seu quarto. Não se lembrava disso, mas aparentemente tinha muito bom gosto! Por fim, optou por uma roupa que considerou adequada para a ocasião, com joias que combinavam. A Rainha usava um vestido bonito, no intuito de impressionar a Duquesa. Era de veludo preto com corações vermelhos delicadamente bordados e uma tiara de ouro com corações de rubi. Ao descer as escadas, percorreu a sala verificando se tudo estava perfeito para a chegada da Duquesa, certificando-se de que os belos doces estavam dispostos corretamente e tentando ignorar a atitude fria dos seus criados.

Desde que ela e o coelho retornaram ao castelo na noite da sua malfadada aventura na Floresta Tulgey, nenhum dos criados olhou a Rainha nos olhos. Fazia menos de uma semana desde o infortúnio, e era evidente que os criados ainda sentiam a dor da perda dos seus amigos. Mas a Rainha não entendia por que evitavam seu olhar. O Coelho Branco lhe garantiu que esse era o protocolo habitual e que ninguém a responsabilizava pelo desagradável encontro com o dragão. No entanto, ela não conseguia deixar de sentir que os criados de fato a culpavam e, embora tivesse admitido isso apenas para o Coelho Branco, compartilhava da opinião deles.

O Coelho Branco não apenas a poupou de ter que dar a notícia aos criados, como também de ter que encarar o Rei naquela noite. O monarca pareceu concordar quando o coelho lhe informou que a Rainha estava exausta demais após sua provação e que iria direto para seus próprios aposentos, explicando que as aias prepariam um quarto separado para ele. A Rainha adorava o jeito como o Coelho Branco conseguia fazer qualquer coisa parecer oficial, como se ele fosse a autoridade em regras da corte e protocolos adequados. Quando a Rainha refletiu sobre isso, o ato de dormir em quartos separados realmente soava como algo que reis e rainhas faziam, e como o Rei não se opôs, ela presumiu que o Coelho Branco soubesse do que estava falando, ou pelo menos ele era muito bom em demonstrar que sabia do que estava falando.

A Rainha estava tendo dificuldades para se adaptar à vida no castelo, especialmente com os criados olhando-a de soslaio e cochichando sobre ela quando achavam que a monarca não estava olhando. Levou um tempo para persuadi-lo a falar, mas ela finalmente conseguiu arrancar do coelho que a cozinha inteira entrou em pânico quando ela ordenou o preparo de tamanha quantidade de bolos para a visita da Duquesa. A Rainha percebeu que era imprudência de sua parte pedir tantos, e não era de admirar que estivessem convencidos de que ela os levaria para a Floresta Tulgey, onde também seriam devorados pelo dragão. Parecia que, não importava o que ela fizesse, era sempre a coisa errada, o que a deixava perpetuamente com os nervos à flor da pele. Via-se ficando furiosa quando o rosto de seus criados empalideciam de medo ao falar com eles. Queria gritar com todos: NÃO ESTOU TENTANDO MATAR VOCÊS, SEUS IDIOTAS! Ela mantinha a compostura, mas por dentro era como uma tempestade se formando, desesperada para desabar dos céus. Isso quase a fez querer matá-los *de fato*, porque conter a raiva o tempo todo só parecia tornar o sentimento ainda mais intenso.

Supôs que houvesse reis e rainhas que faziam coisas como gritar com os criados e ameaçar sua vida, mas ela não era um deles. Não conseguia se imaginar sendo esse tipo de governante, mantendo a ordem por meio do medo e da violência. A única pessoa em seu entorno que a Rainha queria que tivesse medo dela era o Rei. E não porque ele houvesse feito algo de errado, não de verdade, ela simplesmente não o conhecia. E, considerando tudo, não era culpa dele o fato de a Rainha não conhecê-lo, mas isso também não o tornava querido por ela.

Lembrou-se de uma conversa que ela e o coelho tiveram em uma de suas caminhadas diárias pelo labirinto de sebes, o único lugar no reino onde ela parecia encontrar um pouco de paz, longe dos criados e, principalmente, do marido.

— Sabe, Vossa Majestade, é bastante comum que monarcas não se conheçam antes de se casarem. Não é nada inusitado.

— Mas somos casados, Coelho! E ele me conhece! Ele se lembra de mim! Está apaixonado por mim, Coelho, e não tenho nenhuma lembrança dele!

— Poderia ser pior, eu acho. Ele poderia conhecê-la e não amá-la. Ele poderia odiá-la, na verdade.

— É intolerável, Coelho. Ele me segue por aí declarando seu amor, enviando-me bugigangas e pequenos poemas. Detesto admitir, mas me dá

arrepios.

— Ele está apaixonado por você. Não consegue evitar.

— E não consigo evitar achar seus galanteios repulsivos. Ele é muito abusado. Para mim, é um estranho que toma muitas liberdades.

— Eu me pergunto como é possível ele se lembrar de você, e você não se lembrar dele.

— Quem sabe como as coisas funcionam neste lugar infernal, Coelho? Você parece saber como reinos, ou melhor, rainhados, funcionam, e aqueles Tweedle parecem saber… coisas… eu acho. E aquele chapeleiro louco, ou seja lá qual for o nome dele, parece saber tudo sobre festas de desaniversário, e o gato, bem, ele parece saber muito mais do que deixa transparecer.

— O nome dele é Chapeleiro Maluco. E você tem razão, alguns dos habitantes parecem saber mais do que outros. Ouvi dizer que o Rei está caçando na Floresta Tulgey hoje. Está determinado a matar o Jaguadarte. Isso deve mantê-lo ocupado. Claro, é bem provável que passará a noite sozinho, esperando você ir até ele.

— Eu sei! Não entendo o que há de errado comigo. Ele é realmente gentil e compreensivo, mas não consigo superar o terror daquele primeiro dia, despertando ao lado de um homem desconhecido. Estava convencida de que ele me condenaria pelo que aconteceu com os criados, mas não demonstrou outra coisa senão compaixão.

— Ele nem comentou nada sobre o quanto você está mais alta do que ele.

— Eu sei! Há uma parte de mim que quer se lembrar dele, retribuir o seu amor, mas simplesmente não consigo, Coelho. Acho que somos muito diferentes. E, para ser sincera, ele é chato, e um bocado irritante. Nada parece incomodá-lo. Está sempre tão… feliz. Sempre aproveitando ao máximo tudo. Nem pareceu magoado quando você lhe contou que eu queria quartos separados.

— Acho que ele está esperando que você se lembre dele. Esperando que você retribua o seu amor.

— Mas e se eu nunca me lembrar?

— Talvez ele fosse chato demais para ser lembrado — respondera o coelho, fazendo a Rainha rir.

— Viu? Isso, sim, é engraçado! Você nunca me deixa entediada, coelho.

Os devaneios da Rainha foram interrompidos pela entrada do Coelho Branco na sala. Ela se viu repentinamente sendo transportada daquele dia

com o coelho, caminhando pelo labirinto do seu jardim, de volta à espera da Duquesa no solário. A visão do Coelho Branco na entrada a pegou de surpresa. Ele parecia cômico no uniforme que agora usava para atender às obrigações oficiais da corte. Enquanto estava ali, de gibão branco e vermelho com um grande coração vermelho no centro e gola azul-clara de babados, a Rainha se perguntou se ele não deveria simplesmente voltar a usar o terno de tweed de sempre.

— Coelho! Você se sente confortável com esse traje? Não tenho certeza se lhe serve.

— É o traje adequado para os meus deveres, Vossa Majestade.

— Não deveria ser eu quem decide qual traje é adequado ou não, Coelho?

— De fato, Vossa Majestade. Só vim para avisar que o Rei saiu para caçar hoje e espera que você se junte a ele para o jantar.

— Obrigada, Coelho. Talvez eu devesse. Acha que fui injusta com ele?

— Não, injusta não, Vossa Majestade, mas talvez descubra que, se conhecer o Rei, seu coração pode amolecer em relação a ele. O Rei parece amá-la muito.

— Acho que o problema é esse, Coelho. Não o conheço. Nem conheço a mim mesma. Ele me ama, e não faço ideia do porquê.

— Você não está curiosa sobre a vida de vocês dois antes do primeiro dia?

— Tudo bem, Coelho, diga-lhe que jantarei com ele esta noite. Talvez você possa lhe dar algumas dicas de como não ser chato! — falou ela, esperando que o Coelho Branco risse da piada, mas em vez disso suas orelhas se contraíram como se ele tivesse ouvido ou sentido algo que ela não conseguia compreender.

— Será que foi a carruagem da Duquesa que ouvi parar enquanto conversávamos? — O Coelho Branco estava mais uma vez fazendo coisas de coelho, o que lembrou a Rainha de que ele era de fato um coelho, e não uma pessoa, o que a divertiu.

— Espero que sim, Coelho. Quem sabe, até o dia terminar, eu tenha outra nova amiga — disse a Rainha.

— Talvez sim. Agora, se me dá licença, preciso ir receber a Duquesa no pátio e acompanhá-la até aqui.

Mas antes que o Coelho Branco pudesse sair da sala, a porta foi escancarada, revelando a mulher de aparência mais peculiar que a Rainha já

havia contemplado. Seus olhos eram muito pequenos e bem próximos um do outro, e suas orelhas bastante grandes e proeminentes como as de um morcego. Porém o aspecto mais notável de sua aparência desfavorável era o tamanho da cabeça e do rosto, maiores, na verdade, do que qualquer outro que a Rainha já vira desde que chegara ao País das Maravilhas. Enfatizando isso, a Duquesa usava um enorme toucado coberto por um longo véu drapeado que lhe caía sobre os ombros. Para piorar a situação, segurava um bebê chorão, e ao seu lado estava, ao que tudo indicava, sua cozinheira, embora a Rainha não entendesse por que a Duquesa traria a própria cozinheira.

No pouco tempo que a Rainha conhecera o Coelho Branco, aprendera que ele não gostava desse tipo de coisa, de violação do protocolo — invadir o recinto desse jeito sem ser anunciada, trazer uma cozinheira para o solário —, mas esperava que ele não ofendesse a Duquesa com uma de suas repreensões logo no primeiro contato. Antes que o Coelho Branco pudesse dizer qualquer coisa, no entanto, a Duquesa dominou a sala.

— Pela expressão de vocês, acredito que as apresentações se fazem necessárias — anunciou alto a Duquesa, para ser ouvida em meio aos berros do bebê. A Rainha nunca tinha ouvido um bebê chorar de maneira tão estridente. Na verdade, não estava certa se já tinha conhecido um bebê, ou ouvido um chorar, e decidiu que não era nada agradável. — Eu sou a Duquesa, este é meu bebê e esta é minha cozinheira. Ela está aqui para garantir que tudo esteja do meu agrado. — A Rainha achou isso um tanto rude, já que a Duquesa era uma convidada no castelo, e ela era, afinal, a Rainha, mas estava determinada a não deixar que aquele dia mergulhasse no caos. Estava determinada a não perder a paciência. Deixaria essa falta de decoro passar despercebida, embora a achasse bastante percebível.

— Eu lhe garanto, Duquesa — disse o Coelho Branco, esbanjando compostura —, que não há necessidade disso. A Rainha tem os melhores cozinheiros e padeiros desta terra. — Apesar de sua atitude calma, o pé do Coelho Branco batia, o que a Rainha interpretou como uma leve irritação, e seu nariz estava enrugado, algo que ela só podia imaginar ser contrariedade. Esperava que o coelho se controlasse; se um deles fosse explodir de raiva, achava que deveria ser ela, a Rainha.

— Bem, isso pode ter sido verdade, mas correm boatos de que a Rainha fez com que muitos de seus criados fossem comidos pelo Jaguadarte, então todo cuidado é pouco. — A Duquesa riu do próprio comentário, como se

achasse que era a piada mais engraçada que já ouvira, e não uma de péssimo gosto, se é que aquilo poderia ser chamado de piada. Mas a Duquesa não parou por aí, apenas continuou falando enquanto passeava pela sala, sem deixar que a Rainha ou o Coelho Branco dissessem uma palavra sequer.

— É como eu disse ao meu gato: não dá para saber quem ela tem na cozinha preparando e assando coisas agora, então é melhor não arriscar. — Isso era um disparate, pois dificilmente seria apropriado levar os próprios cozinheiros e padeiros em uma viagem para entregar bolos, e de fato era sua comitiva de viagem que havia, possivelmente, sido devorada. O sangue da Rainha começou a ferver. Enquanto a Duquesa perambulava pela sala comentando sobre isso ou aquilo, parecia procurar por algo. Virou almofadas, olhou embaixo das cadeiras e espiou atrás das cortinas, mas voltou de mãos vazias. Quando ficou claro que não havia encontrado o que procurava, parou e olhou enojada para a Rainha.

— Nada de rei? — Seu rosto se contorceu em um sorriso malicioso.

— É isso que você estava procurando? — perguntou a Rainha, surpresa. — O Rei? Você espera encontrá-lo debaixo de uma almofada?

— Bem, ouvi dizer que ele é menor que você. Não é? Depois das suas peripécias com as poções. Bem, se ele não está aqui, arrisco dizer que deve estar caçando novamente o dragão. Suponho que *alguém* tenha que fazer algo a respeito da ameaça — alfinetou a Duquesa. A Rainha e o coelho apenas a encararam pasmos, observando-a agir como se fosse a coisa mais normal do mundo se comportar de forma tão rude enquanto seu bebê chorava de modo igualmente rude, se a Rainha admitisse com franqueza. Era verdade que ela não se lembrava de muita coisa, mas não chorar o tempo todo ao ser convidado para almoçar parecia um sinal de bom senso.

— Com licença, Duquesa, mas foi a Rainha quem ordenou ao Rei que caçasse a fera — esclareceu o coelho, batendo o pé ainda mais rápido.

— Verdade? Bem, suspeito que a Rainha Vermelha ficará muito interessada em ouvir isso — disse a Duquesa, lançando um olhar enigmático para a Rainha, que achou a situação toda muito estranha. Não que devesse esperar algo diferente, depois de tudo o que já havia vivenciado naquele lugar confuso e enfurecedor. Mas presumira que alguém com o título de Duquesa fosse conhecer o decoro adequado, e o fato de o oposto ser verdade a pegou de surpresa.

A Rainha queria perguntar quem era essa *outra* rainha, essa tal de Rainha Vermelha, e por que ela se importaria se o Rei de Copas caçasse o Jaguadarte. Queria perguntar o que dava à Duquesa o direito de entrar em seu castelo e insultá-la, todavia ficou sem palavras. Tudo o que pôde fazer foi prestar atenção às palavras enfadonhas que saíam da boca da Duquesa. A Rainha de Copas achou a Duquesa uma mulher extremamente perturbadora e irritante, não apenas grosseira e mal-educada, mas também desproporcional em todos os sentidos. Mas a aparência desagradável e o comportamento rude da Duquesa não foram os únicos motivos que levaram a Rainha a se distrair do que aquela mulher odiosa e grotesca dizia; havia o bebê chorão que se contorcia nos braços da Duquesa. A Rainha, até onde sabia, nunca estivera na companhia de um bebê e, à primeira vista, concluiu que provavelmente era melhor assim. Na verdade, quanto mais o tempo passava, mais se convencia de que detestava bebês, e podia ver que o coelho havia notado essa repulsa pela expressão no rosto dela.

— Por que não acompanho sua cozinheira até a cozinha e peço a uma das criadas que cuide do bebê para que você possa aproveitar o chá? — sugeriu o coelho, puxando o cordão para a criada e, ao mesmo tempo, lançando à Rainha um olhar que transmitia que não tinha certeza se era sensato continuar com aquela loucura, mas que cumpriria seus deveres reais até que lhe dissessem o contrário.

— E onde está o seu gato falante? — questionou a Rainha, tentando mudar o rumo da conversa. A última coisa que queria era brigar com a Duquesa. Afinal, ela era da nobreza, pelo menos até onde sabia, embora mais tarde se perguntaria se a Duquesa por acaso não havia intitulado a si própria assim, da mesma forma louca com que todos no País das Maravilhas se davam vários títulos por capricho.

— Meu gato? Ah, ele provavelmente está por aqui em algum lugar. Aparecerá quando lhe convier. Ele sempre aparece. — A Duquesa colocou o bebê nos braços da criada assim que ela entrou na sala.

— E cozinheira, antes de ir, por favor, inspecione a comida e certifique-se de que esteja de acordo com nossos padrões habituais. Depois, pode descer com os outros criados — instruiu a Duquesa.

— Claro, Vossa Graça — disse a cozinheira, enquanto tirava um pimenteiro comicamente grande da bolsa. Antes que o coelho pudesse fazer qualquer coisa para impedi-la, ela começou a apimentar generosamente todos os bolos e sanduíches, chegando inclusive a tirar a tampa do bule e

apimentar também o chá. A Rainha estava convencida de que aquilo era algum tipo de brincadeira. Ou então a Duquesa e sua cozinheira sofriam de algum tipo de distúrbio mental, porque a Duquesa permaneceu ali parada, observando a cozinheira jogar cada vez mais pimenta, como se fosse a coisa mais normal do mundo, até que finalmente o coelho foi forçado a lidar com a situação.

— O que exatamente você está fazendo? — A Rainha adorava a expressão de indignação do coelho. E adorava que ele estivesse sempre lá em sua defesa.

— Apimentando os bolos, é claro! Você não espera que a Duquesa coma bolos sem pimenta! — A pergunta do coelho pareceu fazer a cozinheira sacudir a pimenta com mais vigor ainda, como se soubesse que seu tempo para apimentar estava acabando e precisasse se certificar de que apimentaria tudo o suficiente antes de ser mandada para fora da sala.

— Devo insistir que pare de apimentar imediatamente! Como ousa tomar tais liberdades? — protestou o coelho, arrancando o pimenteiro da mão da cozinheira.

— Devolva já essa pimenta! — A Duquesa atravessou a sala correndo e agarrou o coelho pela nuca branca e peluda. Naquele momento, foi como se as comportas se abrissem dentro da Rainha. Sem pensar, ela agarrou a Duquesa pelo longo véu e o puxou com tanta força que lhe arrancou o toucado e a peruca da cabeça. A Duquesa gritou e soltou o Coelho Branco, que cambaleou para trás, quase perdendo o equilíbrio.

— Tire as mãos do meu coelho, Duquesa, ou corto sua cabeça! — vociferou a Rainha, subitamente incapaz de controlar o acesso de raiva. Assim que as palavras escaparam de sua boca, não conseguiu acreditar no que dissera. Até o coelho pareceu nervoso.

— Por acaso acabou de me ameaçar? — perguntou a Duquesa, quebrando o pimenteiro no chão, fazendo-o estilhaçar em cacos de vidro. Tudo estava um caos. O solário estava cheio de pimenta, a Duquesa lutava furiosamente para recolocar a peruca e o toucado, e o bebê ainda chorava nos braços da criada, que estava parada ali, em choque, diante do espetáculo.

— Ameacei, de fato, sua mulher detestável. Olhe para você rastejando no chão, como a criatura miserável que é! Como ousa entrar no meu castelo e me encher de insultos, e meus bolos de, bem, pimenta! E pior de tudo, você maltrata meu coelho? Bem, não vou tolerar isso! Ordeno que você, sua

cozinheira desvairada e seu bebê insuportável deixem meu castelo agora mesmo! E se você *voltar* a ameaçar meu coelho, enfiarei sua cabeça numa lança!

— Não tenho certeza se temos lanças fortes o suficiente para segurar a cabeça da Duquesa, Vossa Majestade — observou o coelho, olhando para o enorme toucado que a Duquesa ainda lutava para recolocar.

— De fato! Diga ao ferreiro que precisamos de lanças mais resistentes, então, Coelho. E chame os guardas para escoltar essas péssimas pessoas até a carruagem. — A Rainha cobriu a boca para conter o riso que ameaçava escapar ao imaginar a cabeça da Duquesa em uma lança, com a peruca e o toucado tortos.

— Nunca fui tão humilhada, nem tratada tão mal, por nenhum ser vivente! E veja o que você fez com o meu bebê: você fez meu precioso fofucho espirrar! — A Duquesa estava em frenesi, mimando o bebê, que, de fato, não havia espirrado.

— Seu bebê não está espirrando — zombou a Rainha. — Embora, pela primeira vez desde que você entrou nesta sala, ele tenha parado de chorar. — Mas antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, não é que o bebê começou a *espirrar*? E em uma sucessão tão rápida e violenta que a Rainha temeu que o bebê espirrasse para fora dos braços da criada.

— Viu só? Eu lhe disse, você fez meu bebê espirrar!

— Não fiz nada disso! É toda essa pimenta! E quem põe pimenta em bolos, afinal? Ah, este lugar é ultrajante. Homens com chapeuzinhos engraçados brigando por um chocalho, uma lagarta arrogante, dragões mortíferos, gatos falantes e agora uma duquesa que põe pimenta em bolos e maltrata coelhos, com um bebê que muda de forma e se transforma em um porco!

— *Porco?* Você ousa chamar meu doce fofucho de porco? Como ousa?!

Os relatos do que aconteceu em seguida variam dependendo de quem conta a história. Na versão da Duquesa, a criada deixou o bebê cair no chão quando, segundo a serviçal, ele pulou como um porco de seus braços após um grande espirro e correu por toda a sala. Tudo estava um caos, e enquanto a Duquesa perseguia o porco, ou o bebê, dependendo da história que se ouvisse, derrubou as mesas e cadeiras e quebrou a maioria das xícaras de chá. De acordo com qualquer relato, como todos na sala concordariam, o encontro foi um desastre, e, apesar das esperanças

anteriores da Rainha, nenhuma amizade foi estabelecida naquele dia. Aliás, nunca mais a Duquesa, o bebê e a cozinheira pisariam no castelo da Rainha.

Enquanto a Rainha de Copas e o Coelho Branco estavam parados ali, em meio à bagunça que a Duquesa deixou para trás, ambos suspiraram.

— Lembre-me, Coelho, de nunca mais confiar em gatos falantes com sorrisos de Cheshire. — Ela balançou a cabeça, olhando para todas as xícaras de chá viradas, chá derramado e bolos estragados.

— Você acha que era isso que o Gato de Cheshire pretendia, Vossa Majestade?

— Agora, acho que sim. Essa é mais uma prova de que não se deve confiar em ninguém encantador no País das Maravilhas. Você é o único aqui em quem posso confiar, Coelho.

— E o Rei? Tenho a sensação de que você pode confiar nele. Você lhe dará uma chance?

— Não sei, Coelho. Acho que não estou pronta. Quanto a esta noite, por favor, diga a ele que tive um dia difícil e que prefiro jantar sozinha.

— Como quiser, Vossa Majestade. — A Rainha podia ver que o Coelho Branco estava decepcionado, mas ela não queria encarar o Rei, não por enquanto.

— Não é culpa sua, Coelhinho. Não poderíamos ter previsto o caos que se abateu sobre nós hoje. — Ela fez uma pausa, pensando melhor. — Ou talvez pudéssemos ter previsto, mas não queríamos acreditar.

— É verdade, mas acho que, no futuro, deveríamos tomar um mínimo de precaução ao convidar pessoas para o chá ou ao nos aventurarmos lá fora.

— Acho que você tem razão, Coelhinho. Mas, pensando bem, qual seria a graça disso? — questionou ela, fazendo o coelho rir com o sorriso atrevido que lhe deu. Algo no Coelho Branco a fazia conseguir buscar e encontrar dentro de si até os menores vislumbres de diversão.

— Vossa Majestade, o Rei me pediu para lhe dar um pequeno presente. Não tenho certeza se este é o momento certo, mas ele estava muito animado para que você o recebesse. — Com um floreio, ele lhe entregou uma caixinha preta com uma fita vermelha e uma etiqueta em formato de coração.

A Rainha pegou a caixa da pata dele e a abriu, revelando um par de brincos de ouro que pareciam longas lágrimas. Eram bastante comuns, bastante simples, na verdade, e ela não conseguia entender por que ele

estava tão animado para lhe dá-los. Não eram exatamente dignos de uma rainha, pelo menos ela achava que não.

— Ele disse que os ganhou de uma figura misteriosa e que planejava contar a história para você no jantar. É uma história maluca. O Rei diz que há bruxas envolvidas.

— Era só o que me faltava: brincos amaldiçoados.

— Eu não disse nada sobre os brincos serem amaldiçoados. Você tem uma mente desconfiada. Não quer deixar o próprio Rei lhe contar a história por trás dos brincos hoje à noite, no jantar?

— Boa tentativa, Coelho. Você pode dizer ao Rei que ele pode usar os brincos amaldiçoados se quiser, mas não pretendo correr riscos.

— Vossa Majestade!

— Não me venha com essa de “Vossa Majestade”! Coloque-os com o restante do lixo que ele me deu e peça para alguém limpar essa bagunça. E diga aos cozinheiros que não quero ver nem um grão de pimenta na refeição desta noite.

— Há algo mais que eu possa fazer por você, minha Rainha?

— Sim, Coelho, um abraço não me faria mal.

CAPÍTULO VIII

UMA CARTA DA RAINHA BRANCA

A carta da Rainha Branca chegou cedo numa manhã, com a Rainha de Copas ainda em seus aposentos. O Coelho Branco foi encontrá-la enquanto ela tomava o chá matinal e mordiscava os cantos de uma torrada, um novo e estranho costume que o Coelho Branco havia notado. A Rainha parecia de bom humor, provavelmente porque ainda não precisara falar com ninguém naquele dia, nem mesmo com a criada que lhe trouxera o chá e a torrada.

Fazia bastante tempo que a Duquesa, a cozinheira e o porco haviam visitado o castelo. Quanto tempo, exatamente, era uma questão irrelevante, ainda mais em um lugar como o País das Maravilhas. O que não era tão irrelevante era que a Rainha não falava com os criados agora, a menos que fosse necessário, e, na verdade, ela nunca se deparou com uma ocasião como essa, graças ao Coelho Branco, que estava sempre disposto a falar com eles em seu nome.

Desde o primeiro dia da Rainha, quando tudo deu terrivelmente errado na Floresta Tulgey, ela se convencera de que os criados não confiavam nela, e não havia gentilezas, tardes de folga ou comportamento distinto que conseguisse mudar a opinião deles sobre ela. E como o Coelho Branco era um coelho cavalheiro, tentava proteger a Rainha dessas verdades, pois sabia que elas a perturbariam.

Mas não havia como protegê-la da carta que chegara ao castelo naquela manhã, enviada pela Rainha Branca. Então, com a pata trêmula, ele tirou a correspondência do bolso e a entregou à Rainha de Copas.

— O que é isso, Coelho? Esta carta já foi aberta. O lacre está rompido — disse ela, examinando-a de um lado e do outro. — Ah, vejo que era endereçada a você. O que a Rainha Branca quer com o meu coelho? — Mal havia lido a primeira linha da carta quando já perdeu a paciência. — Bem,

isso é puro disparate! Qual é o significado disso, emitir um mandado de prisão para o meu coelho! Presumo que as alegações dela sejam falsas. — A Rainha olhou para ele, confusa e irritada, em busca de confirmação.

— Eu não saberia dizer, Vossa Majestade, já que, como vê, ela me acusou de fazer algo no futuro.

— Isso é tolice, pura bobagem, um disparate do mais alto nível!

A Rainha adquirira o hábito de usar várias palavras com significados semelhantes na mesma declaração. Desde a visita da Duquesa, ficara abalada e perturbava-se facilmente com quase todo mundo, exceto com o Coelho Branco, e, na verdade, ele não podia culpá-la.

O País das Maravilhas provara ser um lugar irritante e intolerável. Ainda assim, ela fizera o possível para não deixar que as catástrofes que a haviam atingido até então a desencorajassem de convidar os outros monarcas e súditos para um baile suntuoso, aberto a todos os habitantes de seu rainhado. Até os irmãos Tweedle, a Lagarta e o Gato de Cheshire estavam entre os convidados; no entanto, a Rainha não conseguia se convencer a convidar a Duquesa, sua cozinheira ou o porquinho.

Ao pensar em suas escolhas no primeiro dia, sentiu que havia cometido erros terríveis. Jamais deveria ter tentado cumprimentar todos em seu reino no mesmo dia em que se viu no País das Maravilhas. O Coelho Branco a *havia* advertido. Ele aconselhou que a Rainha mandasse uma mensagem para que todos viessem até ela, mas a monarca estava muito animada. Muito curiosa. E muito impaciente. O que ela não havia levado em consideração era o quanto estava furiosa. O quanto estava assustada e ansiosa. Sem dúvida, foi essa a razão de tudo dar tão errado. E sem dúvida foi assim que ela conseguiu transformar seu rainhado em um desastre.

Desde aqueles primeiros percalços, contentava-se em permanecer em seu próprio castelo e seus terrenos. Vivia em sublime silêncio, sem ser incomodada por ninguém, sem falar com ninguém, exceto com o Coelho Branco. Havia paz, tranquilidade e equilíbrio nisso. Ela era capaz de controlar suas emoções sem as irritações ou incômodos do reinado. O Rei cuidava dos deveres diários da corte e do reino, e sabia que não devia compartilhar nenhum dos disparates do País das Maravilhas com ela. A Rainha não queria ouvir sobre o destino das ostras, ou como o chapeleiro estava confuso sobre o aniversário real da Lebre de Março, ou como a Falsa Tartaruga estava chorando porque pensava ser uma tartaruga de verdade.

As únicas notícias que recebia vinham do Coelho Branco, e somente quando ela perguntava. Foi ele quem lhe contou que a Duquesa andava espalhando fofocas a respeito dela, motivo pelo qual nenhum dos monarcas havia aceitado seus convites anteriores para um chá. Mas ela logo começou a se sentir negligente em seus deveres de rainha e tola por não acertar as coisas com os outros reis e rainhas, deixando tudo para o marido resolver enquanto se isolava de todos por medo de ter outro acesso de raiva como o que tivera contra a Duquesa. A verdade era que ela temia a própria raiva e fazia tudo ao seu alcance para tentar evitar sucumbir a ela. No entanto, ao mesmo tempo, sabia que não podia se esconder dos súditos para sempre. Precisava encontrar uma forma de fazer as pazes com eles e consigo mesma. Ou, pelo menos, encontrar um jeito de tolerá-los melhor. E, claro, o Coelho Branco encorajou isso.

Então, juntos, planejaram o baile mais espetacular, tão atraente e tão mágico que ninguém seria capaz de declinar do convite, nem mesmo os súditos desmiolados. A Rainha providenciou que o faz-tudo do País das Maravilhas, Abílio, o Lagarto, trabalhasse dia e noite para construir as várias barracas ao ar livre que apresentariam jogos nos jardins, bem como salas temáticas por todo o castelo. Tais criações eram tão elaboradas que era como se todo o País das Maravilhas estivesse reproduzido no castelo da Rainha. Graças às explorações do Coelho Branco pelo rainhado, ele pôde aprender tudo o que havia para saber sobre todos no País das Maravilhas. Com poucas exceções, não havia uma só pessoa, animal falante, rei ou rainha que ele não tivesse conhecido e com quem não tivesse conversado longamente. E, claro, o coelho levou todas essas informações para a Rainha, o que não contribuiu em nada para torná-la afeiçoada ao País das Maravilhas nem aos que lá viviam, e apenas conseguiu fazê-la detestar ainda mais a todos.

Apesar disso, a Rainha garantiu que haveria diversão para todo mundo e não poupou esforços ou despesas. A sala matinal estava enfeitada com uma abundância de decorações e presentes de desaniversário. Havia nada menos do que cinquenta bules, todos contendo as misturas de chá favoritas do chapeleiro e da Lebre de Março. E a Rainha até reservou alguns bules vazios para o Leirão, embora tenha pedido a Abílio que construísse uma casinha para ele no formato de um bule. A pequena construção, do tamanho de um rato, abria-se como uma casa de bonecas, e lá dentro havia uma

cozinha, um quarto e uma sala de estar, todos pequeninos, cada qual ricamente decorado para uma celebração de desaniversário.

Na sala de música, a Rainha providenciou uma infinidade de chocalhos para os Tweedle, pendurados em uma réplica da árvore onde os encontrara na encruzilhada. Ela decidiu que era melhor não convidar o corvo, mas, em vez disso, pedir a Abílio que criasse um de papel machê. As habilidades de Abílio com papel machê eram tão boas que ela também lhe pediu para construir os cogumelos, as árvores e as flores gigantes para a toca da Lagarta, que exibia seu novo narguilé adornado com pedras preciosas, orgulhosamente disposto no mais alto dos cogumelos. E cada cômodo tinha diferentes árvores floridas para o Gato de Cheshire se empoleirar. Eles haviam espalhado várias mesas de xadrez pelo castelo para aqueles que quisessem jogar em duas pessoas e mandaram construir um tabuleiro de xadrez gigante no jardim para aqueles que preferissem jogar como as próprias peças. E o Coelho Branco, que notou a recente obsessão da Rainha de Copas por jogos de cartas, cuidou para que fossem montadas várias mesas de jogos e baralhos para aqueles que desejassem desfrutar de uma partida entre si, e talvez contra a Rainha, que não resistiria, especialmente se fosse uma partida de copas.

A Rainha teve a ideia genial de enviar o Coelho Branco em uma missão para perguntar sobre os pratos favoritos de todos, entre as muitas outras expedições de investigação em que o despachou, e garantiu que os convidados tivessem cada um deles em abundância. As mesas da sala de jantar estavam afundando sob o peso das fartas delícias, e ela tinha certeza de que todos ficariam encantados com sua consideração e planejamento meticuloso.

O coelho achou extremamente brilhante da parte da Rainha atender aos interesses específicos de cada convidado, não apenas para convencê-los a ir à festa, mas também para deixá-los contentes e entretidos enquanto estivessem lá. Essa era uma qualidade da Rainha que o Coelho Branco admirava. Quando queria, ela podia ser uma pessoa bastante atenciosa, com a mais vívida imaginação e uma intuição magistral, e era muito boa em ler a natureza dos outros, mesmo que nem sempre aplicasse esses talentos para seu próprio aperfeiçoamento e bem-estar. Seus dotes realmente se mostraram no planejamento do Baile do País das Maravilhas, com uma verdadeira ânsia em agradar a todos os presentes nos mínimos detalhes. Para o Coelho Branco, não havia como a noite não ser um sucesso.

Na manhã do baile, eles caminharam juntos pelo castelo para inspecionar cada cômodo e cheirar todos os bolos, assegurando-se de que tudo estava em ordem, além de sacudirem os chocalhos e se certificarem de que o narguilé estava polido e reluzente. A Rainha até instruíra Abílio, o Lagarto, a construir uma mesa especial para o salão de jantar, uma que não fosse apenas enorme, mas também redonda, para que nenhum dos outros monarcas se sentisse em um lugar inferior aos demais — todos iguais entre si, exceto, é claro, a Rainha de Copas, que sentaria em uma almofada de veludo vermelho em forma de um coração rechonchudo, em um elaborado trono de madeira escura. Ademais, não passaria despercebido que o castelo inteiro estava cuidadosamente decorado com muitos enfeites de corações. Os jardins estavam ornados com lanternas de papel vermelhas em formato de coração e correntes de papel vermelho com corações pendurados, e todos os salões do castelo estavam repletos de rosas vermelhas, a flor preferida da Rainha.

O Coelho Branco, também um observador atento da natureza alheia, mais precisamente da Rainha, percebeu que, embora a monarca tivesse se esforçado para decorar os vários cômodos do castelo de acordo com o gosto particular dos convidados, ela não havia pensado em algo para si mesma, e foi ele quem se certificou de incluir as mesas de jogos, as rosas e os corações. O coelho achou que o ato de misturar as rosas e os corações da Rainha com as outras decorações tão cuidadosamente planejadas para os convidados talvez, de alguma forma, os unisse.

— Bem, no mínimo, eles saberão quem é a rainha — comentou ela, rindo.

Mas os sorrisos e as risadas durante o planejamento do baile logo se dissiparam na data das festividades pretendidas. O Coelho Branco jamais esqueceria a expressão no rosto da Rainha de Copas naquela noite, parada nos degraus do castelo, aguardando ansiosamente que os convidados chegassem nas carruagens. Toda a guarda estava presente, enfileirada em uniformes elegantes que representavam os vários naipes de um baralho. A Rainha estava bastante obcecada com jogos de cartas e com as cartas em si, então o Coelho Branco imaginou que fosse ser um bom toque fazer os guardas usarem uniformes de modo a aparentar serem eles próprios as cartas de baralho.

Tudo estava perfeito, e o rosto da Rainha transbordava de esperança e expectativa pela noite. Dava para ver, notou o coelho, que a monarca se

sentia linda, e ele teve que concordar. Usava um vestido magnífico, de veludo vermelho coberto de rubis brilhantes em formato de coração, e uma peruca tão grande e impressionante que por si só era uma obra de arte, habilmente adornada com magníficas rosas vermelhas, plumas e mais rubis para combinar com seu colar e pulseiras. Ao olhar para o pátio, iluminado pelas lanternas de coração vermelhas, o Coelho Branco se encheu de orgulho e entusiasmo. Ele e sua Rainha haviam se superado.

— Você está tão bela esta noite, Vossa Majestade.

— Obrigada, Coelho! Você fez um trabalho esplêndido! Acho que esta vai ser uma grande festa, eu sei que vai! — Ela parecia mais feliz do que o coelho jamais a vira desde o primeiro dia, quando decidiram explorar juntos o País das Maravilhas.

— Só estava seguindo suas ordens irretocáveis.

— Fizemos isso juntos, meu amigo. A propósito, que horas são no seu relógio de bolso?

— Por volta de oito e quinze. Mas ouso dizer que os convidados estão atrasados como a elegância obriga.

— Bem, não tenho certeza de quão elegantes eles serão, especialmente aqueles irmãos Tweedle.

Ela riu por trás do leque, mas o Coelho Branco percebeu que ela fazia uso de humor e mordacidade para disfarçar o nervosismo. Ele não podia culpá-la por estar tensa. A Rainha não tivera um único encontro com um habitante do País das Maravilhas que não terminasse em aborrecimento. A menos que levasse em conta a si mesmo, mas o coelho tinha certeza de que não era daquele lugar irracional, assim como a Rainha. Ele a achou bastante destemida por oferecer aquela festa, ainda mais quando os habitantes do País das Maravilhas não haviam feito nada além de provocá-la, e se perguntou se agira certo ao encorajá-la. A última coisa que queria era vê-la novamente decepcionada, ou correr o risco de ela ficar furiosa e ameaçar decapitar todo o reino como fizera com a Duquesa. Entretanto, quando ouviu seus planos, viu todo o trabalho que tivera, a atenção aos detalhes e o quanto se importava, pensou que não havia como algum convidado não se divertir esplendidamente. Talvez, quem sabe, este momento fosse um divisor de águas para ela. Depois daquela noite, poderia até começar a aceitar seu novo lar e seu novo papel como rainha.

— Talvez os relógios funcionem de forma diferente aqui — refletiu ela, verificando o relógio de bolso do coelho. — Talvez não estivesse claro no

convite a que horas deveriam chegar.

— Isso me passou pela cabeça, Vossa Majestade. Então, visitei cada um deles pessoalmente e me certifiquei de avisá-los a que horas chegar e o que você havia planejado, tudo nos mínimos detalhes.

A Rainha e o coelho ficaram ali juntos por uma hora inteira, ou até mais, antes que, relutantemente, mandassem a guarda de volta para o castelo, chegando à conclusão de que ninguém compareceria. Nem um só súdito, animal falante, rei, rainha ou qualquer outra pessoa. Para o coelho foi de partir o coração ver toda a esperança e o entusiasmo extinguirem-se do rosto da Rainha e serem substituídos por tristeza e decepção.

— Por que eles não vieram, Coelho?

— Tenho certeza de que se trata apenas de mais um disparate do País das Maravilhas — disse ele, tomando-a nos braços. — O problema dos relógios, provavelmente.

— É porque eles não gostam de mim. A Duquesa se certificou disso. Tudo bem, também não gosto deles.

— Como eu disse, deve ser só um disparate do País das Maravilhas! Pessoalmente, nunca vi sentido em tentar me encaixar em um lugar ao qual não pertenço ou tentar agradar a pessoas que não gostam de mim. E me sinto tolo e envergonhado por encorajá-la a fazer isso. Acho que é hora de encontrarmos um jeito de sair deste lugar.

— Está falando sério?

— Estou! Prometo que, se houver uma saída daqui, eu a encontrarei.

Com essa declaração, a Rainha pareceu mais consigo mesma. Menos desanimada. Mais viva, com curiosidade e esperança. Inspirada por um propósito e planos para o futuro. E as coisas tinham ido bem novamente por um tempo, até a manhã em que a carta da Rainha Branca chegou.

A Rainha tremeu de raiva ao lê-la.

— Isso não vai ficar assim, Coelho. De jeito nenhum vou deixar essa peça de xadrez exagerada levá-lo embora! Como ela justifica acusá-lo de um crime que você ainda não cometeu?

— O tempo funciona de forma diferente para a Rainha Branca.

— Disparates do País das Maravilhas! Essa Rainha Branca acha que pode trazer seus guardas até o meu castelo e levar meu amigo mais querido? Bem, se ela tentar, terá uma guerra nas mãos. Não vou tolerar isso! Vou mandar massacrá-los onde estiverem antes de ver isso acontecer.

— Vossa Majestade!

— “Vossa Majestade” coisa nenhuma, Coelho! Já chega! Vou cortar a cabeça dela!

— A cabeça dela, Vossa Majestade?

— A cabeça dela, Coelho!

— Não tenho certeza se chegará a esse ponto, Vossa Majestade. Talvez eu deva visitar a Rainha Branca pessoalmente e ver do que se trata.

— Não, Coelho, ela virá até aqui, ao meu castelo, e me enfrentará. Você não deve se aventurar perto do castelo dela. Diga aos guardas para irem buscá-la imediatamente e trazê-la aqui para mim!

— Mas e se ela se recusar?

— Então, cortem a cabeça dela! Prepare as lanças, Coelho!

— As lanças, Vossa Majestade?

— Sim, as lanças! Não se lembra das minhas ordens para que o ferreiro forjasse lanças resistentes para nós? Pelo que sabemos, a Rainha Branca tem uma cabeça gigantesca como a da Duquesa!

— Achei que se tratasse de uma brincadeira, Vossa Majestade.

— Jamais brincaria sobre decapitar alguém, Coelho.

Passados alguns instantes, alguém bateu à porta. Era um dos mensageiros com outra carta da Rainha Branca. A Rainha de Copas arrancou-a da bandeja de prata e a abriu sem se dar ao trabalho de usar o abridor de cartas.

— Parece que *nós dois* seremos presos — disse a Rainha, jogando a carta para o alto.

— O quê? Posso ver a carta, Vossa Majestade?

— À vontade! Talvez você consiga entendê-la melhor do que eu.

— Diz que você será presa por matar todo mundo no País das Maravilhas!

— Que ideia boba, Coelho. De onde ela tirou uma coisa dessas?

— A Rainha Branca vê o futuro, Vossa Majestade. Ela diz que você vai decapitar a todos.

— Está me dizendo que eu faria uma coisa dessas? Decapitaria todo mundo no País das Maravilhas?

— Você acabou de dizer que decapitaria a Rainha Branca e já ameaçou decapitar a Duquesa em várias ocasiões.

— E eu vou, se ela insistir nessa loucura! Não sou a Rainha do País das Maravilhas? Ninguém neste lugar de cabeça para baixo me leva a sério? Eles levam alguma coisa a sério?

— Acho que não há muita coisa que alguém aqui leve a sério, Vossa Majestade.

— Bem, vão passar a me levar a sério quando eu começar a cortar a cabeça deles! — disse ela.

— Acho que eles não farão muita coisa sem a cabeça, Vossa Majestade.

— Ah, você sabe o que eu quis dizer, Coelho.

— Sim, Vossa Majestade, receio que sim.

CAPÍTULO IX

O ERRO DO COELHO BRANCO

A Rainha de Copas estava no labirinto de sebes quando o Coelho Branco foi a seu encontro. Fazia alguns dias desde que receberam as cartas da Rainha Branca, e a Rainha de Copas estava parada quase no mesmo lugar onde o coelho a conhecera no primeiro dia, só que desta vez ela não estava caindo da sebe alta ao tentar escalá-la. A Rainha sabia que seu amigo estava parado lá, observando-a enquanto ela permanecia perfeitamente imóvel e contemplava em silêncio qual caminho tomar no labirinto. Ultimamente, fazia isso com frequência, vagava pelo labirinto sozinha, apreciando a solidão e a serenidade. Provavelmente, era por isso que o coelho não havia feito suas saudações. Ele sabia melhor do que ninguém o quanto o silêncio havia se tornado precioso para ela. A Rainha não suportava nenhum tipo de barulho ou irritação. E os únicos lugares onde encontrava paz eram seus aposentos e o labirinto de sebes.

— Coelho, diga aos jardineiros que quero que todas estas sebes sejam substituídas por roseiras. Roseiras vermelhas, não amarelas, não cor-de-rosa, não roxas e, pelo amor de Deus, não brancas. Detesto rosas brancas. Quero roseiras cor de carmim, deixe isso bem claro — ordenou ela, sem se virar para ver se ele estava realmente ali. Sabia que estava. Podia senti-lo. Sempre sabia quando seu amigo mais confiável, seu único amigo, estava por perto.

— Claro, Vossa Majestade. Mas onde você fará suas caminhadas enquanto isso? Você já comentou mais de uma vez que este é um de seus únicos momentos de descanso. Talvez possamos plantar mais roseiras vermelhas fora do labirinto?

— Bem observado, Coelho. E como é um dos únicos lugares onde posso ficar sozinha, seguirei seu conselho e faremos dele um dos lugares mais

gloriosos do meu reino.

— De fato. E talvez no centro do labirinto deva haver um lugar para o seu repouso, um gazebo onde você possa sentar, tomar chá e jogar cartas.

— Essa é uma excelente ideia, mas como os criados me encontrariam para servir chá?

— Eu o trarei, Vossa Majestade.

— E às vezes se juntará a mim, espero?

— Isso seria muito agradável, Vossa Majestade.

— Coelho, por mais que eu goste de planejar jardins com você, presumo que esteja aqui por um motivo. Diga-me, que nova versão de tormento nos sobrevém agora?

— É tão óbvio assim?

— Suas orelhas e bigodes estão tremelicando, Coelho.

— De fato. Deixe-me ir direto ao ponto, então. Você se recorda das cartas que recebemos da Rainha Branca?

— Sem dúvida, Coelho, como eu poderia esquecer? Não tenho feito outra coisa senão formular planos para invadir o castelo dela.

— Bem, parece que não somos os únicos indivíduos com mandados de prisão emitidos pela Rainha Branca. O chapeleiro recebeu um hoje de manhã por algum crime que ainda não cometeu. E essa não é a primeira vez que ele é preso por algo de que foi acusado no futuro.

— Entendo. E com que autoridade essa Rainha Branca emite tais mandados e sentenças, posso perguntar? Claro, seria redundante dizer que este lugar é absolutamente confuso, mas não consigo entender nada. Quem é o governante desta terra? No meu primeiro dia, você disse que eu era a Rainha, e então descobri que existe uma Rainha Branca, que, ao que tudo indica, nada mais é do que uma peça de xadrez ambulante, portanto, não é uma monarca de verdade, mas, ainda assim, comporta-se como se fosse a governante do País das Maravilhas. E aparentemente temos uma Rainha Vermelha, que está de posse do dragão que devorou meus criados e que, aliás, nunca se preocupou em se desculpar ou mesmo se apresentar a mim. Pelo que sei, o País das Maravilhas está cheio de reis e rainhas desvairados, todos pensando que são de fato os governantes desta terra. Então, qual é a verdade, Coelho? Somos todos os governantes do País das Maravilhas? Governamos apenas nosso cantinho? Será que importaria se realmente encontrássemos uma saída do País das Maravilhas e o deixássemos para trás, como tantas vezes desejamos?

— Se você fosse embora, duas coisas terríveis aconteceriam, Vossa Majestade, sendo a menor delas me deixar para trás.

— A menor delas? Jamais o deixaria para trás, Coelho. Como pôde pensar uma coisa dessas? Pensei que tivéssemos concordado em deixar este lugar juntos.

— Concordamos. E eu deixaria. Mas percebi que, se fôssemos embora, as coisas não seriam as mesmas, Vossa Majestade. Eu seria apenas um coelho comum.

— Como sabe disso, Coelho? O que descobriu?

— É só um pressentimento, Vossa Majestade.

O Coelho Branco odiava esconder coisas da Rainha, mas não estava pronto para lhe contar que vinha procurando maneiras de sair do País das Maravilhas desde sua declaração de que deveriam partir. Que, na verdade, ele já havia encontrado uma forma de sair dali, através de — veja só, dentre tantas possibilidades! — uma toca de coelho. Sentiu-se péssimo por esconder isso da Rainha, pois sabia o quanto ela queria escapar, mas não tinha certeza se a terra para onde a toca do coelho o levara era o lugar certo para qualquer um deles.

Na primeira vez que atravessou a toca do coelho e visitou essa nova terra, e já havia feito várias visitas desde então, ele até gostou bastante. Mas logo percebeu, ao cruzar a passagem mágica, que se tornava muito menor do que quando estava no País das Maravilhas; na verdade, ele ficava, supôs, do tamanho de um coelho comum, ou seja, *um coelho de estatura normal*, e, para piorar as coisas, ninguém nessa nova terra parecia entendê-lo quando falava com eles.

Em todos os outros aspectos, Londres, que ele logo descobriu ser o nome dessa terra, era um lugar extremamente adorável, todo verde, com flores coloridas e grandes árvores sob as quais se pode tirar um cochilo, com damas belamente vestidas, em muitas cores e saias rodadas, empurrando carrinhos com bebês que não gritavam usando renda branca e cavalheiros de cartola, bengala e fraque. Era tudo muito civilizado. Era quase perfeito. Ele conseguia imaginar sua Rainha ali, feliz e tranquila, conversando com damas no parque, dando jantares em um elegante apartamento londrino, jogando cartas na sala de estar, mas não via um lugar para si na vida dela ali, não como estavam agora.

Em cada uma de suas visitas, o coelho aprendia mais sobre aquele lugar estranho ao ouvir as pessoas conversando em seus passeios ou lendo as

manchetes de jornais abandonados em bancos de parque. Parecia que aquela terra era governada por uma rainha trágica chamada Vitória, que, segundo todos os relatos, estava perdidamente apaixonada por seu príncipe. O povo daquela terra era bastante polido e muito mais reservado do que o do País das Maravilhas. Parecia ser o lugar perfeito para eles, na verdade, exceto por uma questão singular e intransponível: Londres não tinha animais falantes. Ele se perguntava: será que se *sua* Rainha de Copas passasse pela toca do coelho, ela se transformaria em uma daquelas pessoas que não conseguiam entender os animais? Pensar nisso partia seu coração, então ele continuou procurando. Pelo que sabia, havia muitas tocas de coelho no País das Maravilhas que levavam a outros mundos, e talvez encontrasse uma que fosse perfeita para ambos. Até lá, guardaria essas descobertas para si e faria o que pudesse para manter sua Rainha feliz e longe de problemas.

O coelho percebeu que a Rainha suspeitava que ele estivesse escondendo algo dela. Vira aquele mesmo brilho em seus olhos quando ela estava desconfiada de alguém, mas a monarca não disse mais nada e voltou à conversa, o que o deixou grato.

— Qual é a outra coisa terrível que aconteceria se eu deixasse o País das Maravilhas, Coelho? — questionou a Rainha, tirando-o de seus pensamentos e trazendo-o de volta ao labirinto de sebes com ela.

— O destino de todos estaria nas mãos das Rainhas Vermelha e Branca.

— Você ainda quer que encontremos uma saída daqui, não é, Coelho? Você não descobriu que estamos presos neste lugar como eu temia e está escondendo isso de mim, está?

— Claro que não, Vossa Majestade. Encontrar uma saída juntos é minha maior prioridade. Acho que eu estava apenas pensando no que poderia acontecer depois que você se for.

— Você quer dizer o que poderia acontecer depois que nós dois partirmos.

— Claro, Vossa Majestade. Mas o que eles farão sem um governante?

— Acho que você está se esquecendo do Rei.

— Por que não? *Você* sempre esquece — disse ele, fazendo os dois caírem na gargalhada.

— Mas falando sério, Coelho, você tem razão. Não podemos ir embora até termos certeza de que todos ficarão em boas mãos. Quer fiquemos ou vamos embora, precisamos matar as Rainhas Vermelha e Branca. A Duquesa também, pensando melhor. Não posso deixar este lugar um dia nas

mãos de uma adivinha que prende pessoas por capricho ou de uma rainha que não consegue controlar seu próprio dragão. E se formos forçados a ficar neste lugar miserável, se afinal não houver escapatória, não tolerarei compartilhar meu governo com essas rainhas perigosas! Então, Coelho, diga-me: quem devemos matar primeiro? Acho que deve ser a Rainha Branca, ela é a ameaça imediata.

— Vossa Majestade, por favor! Não deveríamos primeiro falar com o chapeleiro? Ele parece ter mais experiência com a Rainha Branca e pode ter algum conselho para compartilhar, alguma perspectiva.

— Ah, sim, essa é uma excelente ideia, Coelho. Isso pode nos dar uma vantagem na hora de invadir o castelo dela. Embora estivesse ansiosa para decepar a cabeça dela no meu próprio pátio. Detesto a ideia de ter que trazer a cabeça dela até aqui para ser exibida numa lança. Talvez não seja necessário matar as três. Talvez quando a Rainha Vermelha e a Duquesa virem a cabeça da Rainha Branca nos portões do meu castelo, elas andem na linha. Mas adoro a ideia de suas três cabeças…

— Vossa Majestade, não! Não foi isso que eu quis dizer! Gostaria de ver se conseguimos evitar qualquer decapitação, se possível.

— Isso não parece tão divertido.

— O chapeleiro foi preso pela Rainha Branca várias vezes e solto bem rápido. Ele sabe como tudo isso funciona. Pode ser só um disparate inofensivo do País das Maravilhas.

— Está bem. Vamos falar com o chapeleiro. Mas, se esse seu plano não der certo, prepare-se para a guerra, Coelho. Alerte os guardas! Se estivermos nos aventurando na loucura, quero a proteção dos meus guardas!

— O que você acha que vai parecer se marcharmos pelo País das Maravilhas com os guardas do castelo? Pretendo fazer uma visita amigável ao chapeleiro. Talvez levar-lhe um presente de desaniversário. Quero conversar com ele, aprender mais sobre este lugar e seus habitantes.

— Já tentamos assim, Coelho! Veja aonde isso nos levou! Além do mais, o que o faz pensar que seríamos bem-vindos à mesa de chá do chapeleiro se ele recusou o convite para se juntar à minha?

— Só há um jeito de descobrir. E, se você não gostar da companhia do chapeleiro, cortar a cabeça dele será sempre uma opção! — disse o Coelho Branco, fazendo a Rainha se dobrar de rir.

— Coelho! Você está caçoando de mim!

— De fato, Vossa Majestade.

— Adorei! Mas não esqueça de levar o machado, só por precaução.

CAPÍTULO X

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

UMA VIAGEM AO SUBMUNDO

Agora que residimos no Submundo com Hades, não apenas vivenciamos todo o tempo de uma só vez, como também podemos ler a mente, o coração e as emoções das pessoas, em cada linha do tempo, independentemente de estarmos ou não em sua companhia. Pense nisso por um momento, no que esse fato realmente significa e no poder e na responsabilidade que traz. Não somos mais meras bruxas, e sim deusas do Submundo, e até que Circe, Primrose e Hazel estejam prontas para assumir a tarefa de escrever o Livro dos Contos de Fadas, você permanecerá em nossa companhia.

E, portanto, cabe a nós compartilhar a jornada de nossa filha Circe ao Submundo. E já que podemos ler o coração e a mente dela, você também poderá, como se a própria Circe estivesse contando a história. E como todo mundo uma hora acaba descobrindo: todos os caminhos levam ao Submundo, e isso inclui tocas de coelho.

Circe tomou o longo caminho até o Submundo. Ficara sabendo de tal trajeto quando Hades foi à Floresta dos Mortos e compartilhou sua história do Livro dos Contos de Fadas. Antes de partir em sua jornada, ela abraçou Primrose, Hazel e Jacob, desejando-lhes boa sorte enquanto se preparavam para sua própria jornada a fim de encontrar Tulipa. Havia sinais demais indicando a possibilidade de um desastre para que não buscasse o conselho

de suas mães. Circe temia que outra forte mudança mágica pudesse destruir os mundos irreparavelmente.

Havia muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo: o problema com o antigo espelho de Grimhilde, Tulipa declarando guerra ao Rei Fera e agora o Jaguadarte desaparecido da Floresta dos Mortos. Algo estava em andamento, algo muito maior e mais complexo do que Circe conseguia ver com clareza sem abraçar todo o tempo de uma só vez. Via apenas flashes, vislumbres da destruição iminente, e não conseguia juntar todas as peças. Precisava de suas mães e, possivelmente, da ajuda de Hades também.

Ela não conseguia deixar de se perguntar como as coisas teriam sido se Hades não tivesse chegado aos Muitos Reinos tantos anos antes, quando suas mães ainda eram jovens, iniciando uma cadeia de eventos que afetaria o destino de todos. Pensando bem, se não fosse por Hades, suas mães talvez não tivessem causado tanto terror, derramamento de sangue e sofrimento. Mas, em contrapartida, se não fosse por aqueles eventos, Circe não existiria.

Ela não sabia ao certo como, mas pressentia que tudo o que estava acontecendo agora nos Muitos Reinos, e nos mundos além, estava conectado ao rompimento dos mundos e à poderosa magia que Hades realizou para arrancar Circe do Lugar Intermediário a fim de consertar as coisas com suas mães. Ela temia que, ao mudar seus destinos, ele houvesse colocado em movimento outra cadeia de eventos que poderia causar mais mal do que poderiam compreender. E se havia alguém que sabia o que de fato estava acontecendo, eram suas mães. Então foi por isso que Circe tomou o longo caminho até o Submundo para vê-las. Era hora de refletir e se preparar para encontrá-las pela primeira vez desde que Hades as levara para lá.

Era difícil para Circe imaginar suas mães felizes, pensar nelas lúcidas e sábias. Era especialmente difícil para ela confiar nas três, mesmo sabendo em seu coração que podia. Mas, por outro lado, seu coração já havia mentido para ela antes.

A verdade era que Circe estava exausta. Não houvera tempo para processar ou se curar entre um trauma e outro. Ainda tinha pesadelos sobre o que acontecera com suas mães até Hades levá-las para o Submundo. Tudo havia sido tão horrível e doloroso antes de ele intervir. Antes de salvar a todos.

O único sono que Circe verdadeiramente conseguiu ter foi por intervenção mágica. Um poderoso encantamento que a fez dormir,

enviando-a para o mundo dos sonhos. Mas, mesmo lá, não estava livre dos pesadelos. Reviveu os horrores de ver Ruby e Martha se libertarem do corpo de Lucinda enquanto ela urrava de terror e dor, amaldiçoando Circe por uni-las em uma só, amaldiçoando-a por causar seu tormento e loucura, momentos antes de Hades levá-las embora e as tornar inteiras novamente. Em um instante, voltaram a ser felizes, sábias e belas, não mais bruxas assassinas e sanguinárias, mas as bruxas que sempre foram destinadas a ser, sem nenhum traço de loucura, nenhum traço das mulheres destruídas que haviam sido.

E, no entanto, Circe ainda tinha medo de vê-las. Uma coisa era encarar suas mães no espelho mágico, outra era vê-las pessoalmente. Abraçá-las, confiar nelas e talvez até se permitir amá-las de novo. Circe sabia que precisava deixar tudo isso de lado, porque, no fundo, precisava ver suas mães e conversar com elas sobre o que estaria por vir.

Depois de se despedir de Primrose, Hazel e Jacob, ela parou no pátio principal da Floresta dos Mortos. Olhou para o solário no topo da mansão, perguntando-se se algum dia voltaria a vê-lo. Era uma sensação estranha, como se devesse se despedir daquilo agora. Sentiu algo semelhante ao atravessar os vastos cemitérios e os anjos em prantos. Enquanto se dirigia às catacumbas do outro lado da Floresta dos Mortos, lamentou pelo exército esquelético que havia sido despertado para lutar naquela guerra de Tulipa. Antes do chamado dessa Rainha, Circe sonhava em libertar os mortos do contrato de servir às Rainhas dos Mortos, deixá-los descansar em paz e nunca mais serem ressuscitados para lutar outra batalha. E embora eles não fossem como Jacob, brilhando com a mesma vida ou autoconsciência, Circe ainda derramava lágrimas por eles, pois não lhes era concedida a paz que mereciam.

Ela não tinha certeza de quanto mais precisaria andar até encontrar a entrada da cripta subterrânea onde as antigas Rainhas dos Mortos estavam enterradas. Circe nunca havia se aventurado naquela parte da Floresta dos Mortos e só visitara a cripta em sua imaginação, quando Hades compartilhou suas vívidas lembranças de ter esbarrado com o local por engano enquanto explorava as catacumbas sob sua fortaleza na Montanha Proibida. Supôs que a fortaleza fosse dele novamente, agora que Malévola havia partido da terra dos vivos. Mas ela não podia deixar seu coração se ater a Malévola por tempo demais, senão nunca pararia de chorar.

Todas as beldades trágicas do Livro dos Contos de Fadas pairavam em seu pensamento naquele dia, e Circe sentia em seu coração que todas mereciam algo melhor. Queria de modo desesperado mudar seus destinos, se pudesse. Em sua cabeça, vislumbrava finais felizes para cada uma delas tão vividamente que tinha certeza de que havia algo que ela, Primrose e Hazel poderiam fazer.

Nunca havia realmente apreciado a vista impressionante da Montanha Calva antes daquele dia. Ficava no ponto mais distante do reino, bem longe de sua mansão, terrenos, jardins e cemitérios, bem na fronteira. Circe tinha vergonha de admitir que nunca soube que ela estava lá antes de recentemente avistá-la à distância, do solário; as belas faixas de luz azul e verde dançavam no céu, criando uma silhueta da montanha que, de outra forma, estaria protegida pela escuridão e pela névoa. Era estranho, porém, como seu nome lhe veio à mente quando a viu naquela noite, como se soubesse de sua existência mesmo sem se lembrar como. Ela poderia ter pensado que simplesmente surgira do vazio, se não fosse pela sensação de que sempre estivera ali.

Circe sentia o poder daquele lugar, algo muito mais imponente do que as rainhas que residiam abaixo dele, e se perguntou se esse era um dos motivos pelos quais Jacob a incentivara a ler o Livro dos Contos de Fadas na íntegra. Ela tinha a sensação de que era algo provável.

Na base da montanha, havia degraus de pedra que levavam às profundezas sob a eminência impressionante do local, e ela sentiu uma mudança de temperatura ao descê-los. Apertou o xale com mais força em volta dos ombros, o frio penetrando seus ossos.

Havia momentos em que Circe, ultimamente, não conseguia se lembrar de quando sua vida começara e quais histórias do Livro dos Contos de Fadas eram dela ou da Circe original. Não era de admirar que estivesse tão cansada com sua vida e suas responsabilidades. Parecia que já havia vivido múltiplas vidas e se perguntava se outras bruxas se sentiam assim, especialmente Primrose e Hazel, que também eram mais velhas do que qualquer uma delas conseguia se lembrar. Não era de espantar que as Irmãs Esquisitas estivessem tão prontas para a morte, felizes por residirem no

Submundo. Ser bruxa era exaustivo, não importava o caminho que escolhessem.

Quando Circe entrou na câmara que abrigava as antigas Rainhas dos Mortos, parte dela se perguntou se o ambiente tremeria com a ira das Rainhas Espectrais. Esperava que elas estivessem como antes, cheias de fúria e ira, mas Hades cuidou disso com um pouco de sua magia, e as damas da Floresta dos Mortos finalmente tiveram um pouco de paz. A câmara era exatamente como Hades a descrevera.

Enquanto estava no centro da sala, observando o rosto de todas as rainhas que a antecederam, imaginou sua própria estátua entre elas, serena e tranquila, sempre vigilante sobre seu reino, e esse pensamento lhe deu mais paz do que esperava. Mas não se demorou muito nos aposentos das rainhas; um dia descansaria lá, porém, embora exaurida, hoje não seria esse dia.

Ainda havia tanto para Circe fazer. Tanto para discutir com suas mães. Aventurou-se pelas catacumbas sentindo-se um espectro, deslizando pela alvenaria que mudava de um lugar dos mortos para outro, e sabia que logo cruzaria as catacumbas sob a Montanha Proibida. Viu que havia mais caminhos, os quais, suspeitava, levavam a outros lugares dos mortos, mas não havia tempo para explorar nem para satisfazer sua curiosidade.

Era um pensamento egoísta, mas gostaria que Branca de Neve ainda estivesse em sua companhia; ela se debruçaria alegremente sobre o Livro dos Contos de Fadas em busca de qualquer coisa que pudesse lhes dar uma ideia do que estava acontecendo. Mas então se lembrou de Hazel, e provavelmente era isso que estava fazendo. Supôs que estivesse apenas sentindo falta de Branca de Neve, falta de sua companhia e de seu efeito calmante. Algo em Branca dava vida a Circe, além da sensação de que tudo acabaria bem. Embora não pudesse deixar de se preocupar com Branca de Neve em seu próprio reino, logo Circe estaria com ela, e juntas descobririam o mistério do espelho de Grimhilde.

Finalmente, Circe estava nas catacumbas sob a antiga fortaleza de Hades e Malévola na Montanha Proibida. Reconheceu a mudança na alvenaria e logo chegou à parte das catacumbas onde no passado Hades mantivera Malévola em forma de dragão, tantos anos antes. Circe subiu sorrateiramente os degraus de pedra até a sala do trono da masmorra, sentindo as vibrações do castelo para ver se conseguia perceber alguém, e, para sua surpresa, notou uma presença. Não tinha certeza do que poderia ser. Não pressentiu perigo e se perguntou se seria apenas alguém

explorando a velha relíquia abandonada na esperança de ver os fantasmas daqueles que permaneciam ali desde o passado. Sentiu vontade de chorar ao ver aquele lugar antigo, belo e lamentável em sua decadência, coberto de teias de aranha e poeira.

E, então, uma coisa inesperada aconteceu, uma que ela jamais imaginaria: reparou em algo branco que passava rapidamente por sua visão periférica. Era um coelho grande, caminhando sobre as patas traseiras. Nunca tinha visto nada parecido nos Muitos Reinos. Já vira coisas extraordinárias neste reino, mas jamais um coelho como aquele, e concluiu que seus olhos deviam tê-la enganado.

— Olá? Coelho? — Circe apressou o passo, esperando alcançar a criatura, que havia dobrado uma esquina às pressas. — Ah! — Circe ficou surpresa ao perceber que estava certa e agora se via cara a cara com um coelho de dimensões colossais, quase da sua altura, vestindo um terno de tweed bastante interessante e carregando um guarda-chuva e um relógio de bolso.

— Desculpe, senhorita, mas não tenho tempo a perder. É tarde.

— Mas quem é você? Você não é desta terra.

— De fato, não sou, mas estou surpreso em descobrir que o povo desta terra consegue me entender. Mas me perdoe, estou realmente atrasado para um encontro muito importante. A Rainha precisa de mim.

— Qual rainha precisa de você?

— A Rainha de Copas. Preciso encontrar outra terra para vivermos, ou então ela entrará em guerra com as Rainhas Vermelha e Branca.

— Já ouvi falar da Rainha Vermelha, mas receio não conhecer as outras. Na verdade, estou tentando localizar o dragão dela, o Jaguadarte.

— Ah, foi o que começou isso tudo, aquele dragão maldito! O Jaguadarte nos atacou quando Sua Majestade e eu saímos para distribuir bolos para todos no nosso primeiro dia no País das Maravilhas, e desde então as coisas têm dado terrivelmente errado. Perdão, não me apresentei, que negligência da minha parte. Sou o Coelho Branco, mas meus amigos me chamam de Coelho.

— É um prazer conhecê-lo. Sou Circe, Rainha da Floresta dos Mortos, Dama da Luz.

— É uma honra conhecê-la, Rainha Circe — disse o coelho, curvando-se.

— O que você quis dizer com “primeiro dia”?

— Ah! É simples: era o nosso primeiro dia. O primeiro dia em que nos encontramos no País das Maravilhas. Quase ninguém lá se lembra de nada antes do primeiro dia.

— Intrigante. Diga-me, Coelho, e isso é muito importante: como você chegou da sua terra à minha?

— Ah, por uma toca de coelho. Existem muitas tocas assim no País das Maravilhas, que levam a diferentes mundos. Ou pelo menos acho que existem. Até agora, encontrei apenas duas. — Ele olhou nervosamente para o relógio antes de continuar. — Desculpe, gostaria de poder ficar e conversar com você. Tenho tantas perguntas, mas temo que, se eu não for embora agora, as coisas possam dar terrivelmente errado. Nunca deixo minha Rainha sozinha por muito tempo, com medo de que ela faça algo de que se arrependa. Mas gostaria de voltar e conversar com você em breve; isto é, se não se importar. Estou ansioso para descobrir se esta seria uma boa terra para minha Rainha e eu vivermos — disse, tentando se abaixar para entrar em uma pequena passagem.

— Tenho certeza de que poderíamos chegar a um acordo se essa sua Rainha for tão amável quanto você. Mas temo que você seja grande demais para entrar naquele buraco, Coelho. Como conseguiu vir por ali, para começo de conversa?

— Ah! Com isto! — Ele tirou um pequeno frasco do bolso. — Quase esqueci minha poção de encolhimento!

— E como você cresceu deste lado? — questionou ela com um sorriso.

— Com um pedaço do cogumelo da Lagarta, é claro.

— Entendo. Bem, foi uma grande sorte eu tê-lo encontrado aqui, Coelho, porque, por acaso, estou procurando o Jaguadarte da Rainha Vermelha. Parece que ele escapou do meu reino e está aterrorizando o seu. Pretendo pôr um fim nisso. Esse País das Maravilhas é um lugar amigável? Sua Rainha estaria disposta a receber uma visita minha?

— Você seria muito bem-vinda, pelo menos pela minha Rainha, desde que não a aborreça com charadas. Embora não esteja preocupado, afinal já dá para ver que você é mais sensata do que qualquer indivíduo em nossa terra. Depois de passar pela toca do coelho, vá direto para o castelo da Rainha de Copas. É aquele cercado por roseiras vermelhas e um elaborado labirinto de sebes, e lembre-se disto: no trajeto, não fale com ninguém sobre o seu propósito.

— Eu o verei em breve, Coelho! Agora, vá. Desculpe por tê-lo atrasado tanto. Espero que tudo fique bem com a sua Rainha.

— Ah! Vossa Majestade. Devo deixar a poção de encolhimento aqui com você? Não conseguirá entrar no túnel sem ela.

— Não vou precisar, Coelho. Tenho minha própria magia, mas obrigada.

— Oh! Você é uma bruxa! Não sabia que bruxas existiam de verdade. Precisa nos contar mais sobre você e seu lar quando vier nos visitar. Estamos ansiosos para deixar o País das Maravilhas. Você entenderá depois de ter estado lá.

— O País das Maravilhas parece um lugar interessante.

— Pode-se dizer que sim, Vossa Majestade. Agora, preciso mesmo ir. Fique à vontade para ficar com a poção. É grande demais para eu conseguir carregá-la com facilidade depois de tomá-la. Geralmente, eu as deixo para trás. Adeus — disse ele, tomando um gole e correndo para dentro do buraco.

Circe riu enquanto guardava o frasco no bolso. Havia algo no Coelho Branco de que ela gostava. Talvez fosse a sua sinceridade, ela não tinha certeza, mas estava ansiosa para revê-lo e conhecer aquela rainha. Não estava certa se os Muitos Reinos precisavam de outra rainha, especialmente uma que planejava entrar em guerra contra as monarcas de sua própria terra, mas algo lhe dizia que ela tinha bons motivos. Todavia, por sua vez, Tulipa também tinha bons motivos para iniciar o conflito.

Ela suspirou e voltou para a sala principal do trono. As chamas eternas de Hades ainda ardiam no fosso diante do trono de pedra, como nos tempos de Hades e Malévola. Circe respirou fundo, caminhou em direção às chamas e, em um instante, estava diante de suas mães no Submundo.

As três estavam ali sorrindo, como se soubessem que a filha estava chegando, o que, claro, sabiam. A última coisa que Circe esperava era chorar, mas não conseguiu se conter ao ver os belos rostos das mães, tão felizes e tão parecidas com as jovens bruxas que Hades descrevera a partir de suas lembranças. Isso a fez se debulhar em lágrimas enquanto desabava em seus braços.

CAPÍTULO XI

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

A BELA ADORMECIDA

Circe não tinha ideia de quanto tempo dormira no Submundo. Acordou em uma cama grande e ricamente entalhada, cercada por almofadas e travesseiros macios, e sob um aconchegante edredom de veludo. Quando seus olhos encontraram o foco, lembrou-se de onde estava. Sentou-se e recostou-se na pilha de travesseiros apoiada na cabeceira, então viu que Pflanze estava enrolada na ponta da cama, dormindo. Nesse momento, uma de suas mães entrou no quarto, e Circe soube que era Lucinda.

— Boa noite, minha bela adormecida. Descansou bem?

— Como não faço há muito tempo. Quantas horas dormi?

— Não importa. Você precisava descansar. Mas olhe para você agora, sua luz voltou — disse Lucinda, sentada ao lado de Circe na cama. — Ela não parece muito melhor, Pflanze?

Parece. Pflanze se levantou, espreguiçou-se e atravessou a cama para se aninhar no colo de Circe, ronronando. *Estávamos todas tão preocupadas, mas você parece bem agora. Tudo o que precisava era descansar*, disse a gata, voltando a dormir.

— Ruby e Martha estavam em pânico, é claro, tensas e agitadas, tagarelando, então pedi para Hades levá-las para um passeio até o rio. Elas adoram receber novas almas no Submundo. Ficarão tão felizes em ver você acordada e bem outra vez…

— Há quanto tempo estou aqui, mãe?

— Isso não importa, querida. O que importa é que seja você mesma novamente. Você está se esforçando demais, Circe. Está carregando um

fardo muito pesado e precisa da nossa ajuda. Os eventos que estão se desenrolando podem ser desastrosos para todos os mundos, não apenas para os Muitos Reinos.

— Senti que alguma coisa estava para acontecer. É por essa razão que estou aqui. — De repente, Circe lembrou-se de algo da história de Hades, e isso a deixou em pânico. — Espere! Não pensei… Anos estão se passando nos Muitos Reinos enquanto estou aqui. Como pude cometer um erro tão grande?

— Do que você está falando, querida?

— Quando Hades vivia nos Muitos Reinos, ele retornou ao seu próprio mundo por apenas alguns dias e, assim que voltou, anos haviam se passado nos Muitos Reinos, tudo mudou. Foi o que começou tudo isso, e fiz a mesma coisa. Como pude ser tão tola?

— Hades consertou isso, querida. Mas há linhas do tempo que ele não consertou. Gostaria de ver o que aconteceu?

— Não! Espere. O que você quer dizer com “linhas do tempo”?

— Circe, existem múltiplas versões da realidade. Nossas escolhas são relevantes, e, quando as fazemos, elas mudam nosso destino. Há linhas do tempo em que você nunca nasceu e outras em que minha mãe nunca me dividiu em três. Há linhas do tempo em que Grimhilde derrotou o pai no espelho sozinha e jamais tentou matar a filha, e outras em que Aurora se transformou em um dragão em seu décimo sexto aniversário, assim como sua mãe. Esta é a nossa linha do tempo. A única que deveria importar para nós.

— Como é que só agora estou sabendo disso?

— Acho que sempre houve uma parte de você que sabia. Mas não lhe contei antes porque a conheço, minha doce filha. Porque está na sua natureza tentar ajudar a todos, e eu sabia que partiria seu coração admitir que não consegue. Preciso que me escute, por favor. Apenas se contente com o fato de que, em outras realidades, Cruella e Anita viajaram o mundo juntas e Lady Tremaine nunca chegou aos Muitos Reinos; que Malévola se tornou uma fada realizadora de desejos e que James foi acolhido na Terra do Nunca como um Garoto Perdido. Você vê esses destinos porque eles são reais, o que a faz querer mudá-los em sua própria realidade, e talvez consiga transformar alguns deles. Mas há algumas coisas que você não pode reverter, não importa quão poderosa seja, porque isso causaria danos

irreparáveis. É sua vocação proteger aqueles que você ama *aqui*, nesta realidade, e deixar os outros com seus próprios destinos.

Lucinda podia ver Circe tendo dificuldade para aceitar os fatos. Podia ouvir os protestos e questionamentos revolvendo-se em sua mente.

— Escute, Circe, sei que é muita coisa para assimilar, mas não temos tempo para falar de outras realidades ou debater se é nosso dever intervir. Talvez um dia, quando *nossos mundos* não estiverem em risco, possamos nos sentar, conversar e discutir nossos argumentos uma com a outra. Sei que é seu instinto querer ajudar, mas a única razão pela qual lhe contei tudo foi para fazê-la entender por que você enxerga outros destinos possíveis com tanta clareza. E queria ser sincera com você. Agora, minha doce menina, Ruby e Martha voltarão em breve, e há muito mais que quero lhe mostrar antes que elas comecem a se alvoroçar ao seu redor. Você me faria um favor e guardaria suas perguntas e teorias para outra hora, e confiaria em mim?

— Acho que não tenho escolha. Você não é a mesma. Consigo sentir isso. Talvez pareça estranho, mas quase sinto sua falta.

— Minha queridinha! Ainda sou eu mesma! Não sou sempre tão séria. Acredite, não mudamos tanto. Quando Ruby e Martha voltarem, você verá. Só não estamos mais tão bravas, somos…

— As bruxas que Hades conheceu antes de eu nascer.

— Sim, minha querida. Agora, chega de tudo isso. Assim que Ruby e Martha entrarem por aquela porta, soltarão gritinhos estridentes, cobrindo-a de beijos e fazendo um estardalhaço à sua volta. Receio que ainda estejam bastante agitadas. Não são perigosas, veja bem (bom, pelo menos não muito perigosas), mas excêntricas e animadas. É adorável, na verdade. Nós nos divertimos muito aqui, Circe.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Parte meu coração dizer, mas não há tempo para nada dessas coisas. Eu queria que fosse diferente… Queria isso há tanto tempo. Agora, não ria, mas Hades conjurou muitas roupas para você, mais do que você conseguiria usar nesta visita, quando contamos a ele sobre a sua vinda. Estão ali no guarda-roupa. E alguém virá preparar um banho para você. Encontre-me quando estiver pronta, e a levarei ao salão dos espelhos. Acho que é o melhor lugar para começar. E lembre-se da sua promessa.

— De que promessa está falando?

— De confiar em mim.

— Ainda não prometi isso.

— Sim, prometeu. Senti isso no seu coração. Agora, tome banho e se arrume. Não temos muito tempo.

CAPÍTULO XII

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

DE VOLTA À ANTIGA CASA

Depois de tomar banho e se trocar, Circe saiu do quarto e se deparou com algo completamente inesperado. A antiga casa. Estava ali, no vasto corredor que conectava os muitos salões da fortaleza do Submundo, como se sempre tivesse estado lá.

Foi estranho ver a casa onde cresceu com suas mães. Tudo era igual, até o mínimo detalhe. A pequena cerca branca e o jardim, a macieira de Branca no quintal lateral, bem em frente à grande janela redonda da cozinha. Até os vitrais eram os mesmos. Circe simplesmente ficou parada ali, dominada por tantas lembranças que a inundavam. Não tinha certeza se queria entrar. Não tinha certeza se queria se sentir como a pessoa que um dia morou lá, com receio de ficar com muita saudade dela.

— Ah. Parece que a casa percebeu que você sentia falta de seu lar e veio até você — disse Lucinda, aproximando-se por trás de Circe.

— Acho que não quero entrar.

— Não temos mesmo tempo, mas não é linda? Foi ideia de Hades. Ele a fez para nós. — Lucinda envolveu a cintura da filha por trás, abraçando-a com força.

— Então, esta não é a nossa casa de verdade? Onde ela está?

— Descansando, no local de sua criação. Você pode reclamá-la quando quiser. Ela pertence a você agora que não estamos mais entre os vivos.

— Você está triste por estar morta? Sente-se privada da vida que deveria ter tido?

— Não, minha querida. Estamos tendo a vida que sempre quisemos. Bem, não exatamente a *vida*, mas você sabe o que quero dizer. — Lucinda pegou Circe pela mão. — Agora, vamos lá. Gostaria que pudéssemos entrar, que tivéssemos mais tempo juntas, mas você precisa voltar para os Muitos Reinos o mais rápido possível — disse ela, conduzindo Circe para o salão dos espelhos.

O salão dos espelhos era exatamente como se poderia esperar. Uma vasta câmara de espelhos, circular e aparentemente interminável. Circe logo reparou que muitos dos espelhos estavam quebrados e, em alguns, havia partes faltando. Mas um espelho em particular era estranho, com peças que não pareciam se encaixar direito, como se o espelho fosse composto de outros espelhos, criando um mundo inteiramente novo. E nele ela viu alguém conhecido.

— Conheço esse coelho! — Circe avistou o Coelho Branco e uma mulher de aparência majestosa que presumiu ser a Rainha de Copas. Estavam descendo os degraus do castelo e atravessando alguns jardins. A Rainha parecia uma mulher furiosa, cheia de propósito, e dava para perceber que os dois discutiam sobre algo.

— Nunca deveria ter permitido que você me convencesse a deixar o machado em casa, Coelho! Tenho a sensação de que vamos precisar dele!

— A última coisa de que você precisa em uma festa de desaniversário é um machado, Vossa Majestade — argumentou o coelho.

— Acho que é exatamente do que vamos precisar, Coelho!

— Como sabe quem é esse coelho? Onde o conheceu? — perguntou Lucinda enquanto observava a dupla pelo espelho.

— Eu o encontrei nas catacumbas sob a antiga fortaleza de Hades. O Jaguadarte e sua dona, a Rainha Vermelha, estão desaparecidos dos Muitos Reinos, mãe. Vim aqui pedir sua ajuda para encontrá-los e, no caminho, topei com esse coelhinho engraçado, que disse que ambos estão na terra dele.

— Não me surpreende a Rainha Vermelha acabar em um lugar com coelhos falantes — disse Lucinda.

— Ele me pareceu um coelho muito agradável. Está procurando um novo lar para ele e sua Rainha.

— Como ele chegou aos Muitos Reinos?

— Veio por uma toca de coelho. Eu disse que iria ao reino dele para ajudar com o Jaguadarte e encontrar a Rainha de Copas. Por quê?

— Ela nunca deve deixar aquele lugar, Circe, nunca! Você precisa fechar a toca do coelho que conecta o País das Maravilhas aos Muitos Reinos e convencer o coelho a fazer o mesmo com quaisquer outras que ele possa ter encontrado.

— Por que isso é tão importante? Chega de segredos, mãe. Quero saber tudo.

— Estamos de olho na Rainha de Copas há algum tempo, desde que descobrimos que foi criada pela nossa raiva e loucura. Quando Hades rompeu os mundos, produziu fraturas em muitos deles, e o País das Maravilhas é feito dessas fraturas. É por isso que nada ali faz sentido: porque aquele lugar é fruto de peças que não se encaixam. Antes de se encontrar no País das Maravilhas, a Rainha de Copas era apenas uma carta de baralho. Não se lembra de sua vida anterior porque não tinha vida até que um caco de Londres se separou e se fundiu às outras peças que criaram o País das Maravilhas.

— Londres! Onde em Londres? Qual era o tamanho do caco?

— Pequeno. Apenas um baralho de uma gaveta na sala de estar de alguém. No entanto, se os mundos se romperem novamente, mais de Londres pode se separar e se unir ao País das Maravilhas, ou quem sabe onde mais.

— Mas como você descobriu que a Rainha de Copas foi criada pela sua raiva?

— Era óbvio. Havia um mundo inteiramente novo no salão dos espelhos, e residindo nele estava uma mulher com a nossa fúria. Nós a reconhecemos no mesmo instante. Não se pode viver com algo por tanto tempo sem se familiarizar intimamente com ele, minha querida.

— E ela não se lembra de nada de si mesma antes de seu tempo no País das Maravilhas? Percebi que o Coelho Branco também não tem lembranças anteriores àquele lugar.

— Acho que a Rainha de Copas tem lembranças vagas, como as de uma carta de baralho, pelo menos. Quanto ao coelho, ele serviu à Rainha Branca em outra terra, antes de um fragmento daquele mundo se fundir ao País das Maravilhas. A Rainha Branca vê o futuro, Circe, mas todos presumem que ela seja louca.

— E o que você sabe sobre esse Jaguadarte? Acho que devo trazê-lo de volta para a Floresta dos Mortos. Não posso ter uma criatura do meu reino aterrorizando outras terras.

— O Jaguadarte está onde deveria estar, Circe, com a Rainha Vermelha. Deixe isso para lá, minha filha. Você não pode ajudar essa Rainha nem o coelho dela.

— Não seja ridícula, mãe, é claro que vou ajudá-los. Você acabou de me dizer que essa mulher está cheia da sua raiva, da sua loucura. Temos que fazer alguma coisa.

— Nós tentamos, Circe. Lembra dos itens amaldiçoados na loja de antiguidades? Os brincos de Cruella, o broche de Lady Tremaine, as fivelas das botas de James?

— Sim, claro que lembro. O que tem eles?

— Há mais objetos amaldiçoados. Um deles é um par de brincos destinado à Rainha de Copas.

— Então, você sabia que isso aconteceria? Você sabia que Hades destruiria os mundos e criaria o País das Maravilhas. Sabia que essa pobre mulher seria afligida pela sua loucura?

— Sabíamos que era uma possibilidade. As coisas são diferentes agora. Tudo mudou. Nós mudamos. Removemos a maldição dos brincos e os encantamos com um feitiço para ajudá-la! Até encontramos um jeito inteligente de entregá-los a ela, mas a Rainha de Copas se recusa a usá-los.

— Então temos que fazer um feitiço para libertá-la de sua loucura.

— Sem esse sentimento, ela não seria nada! É tudo o que ela é. A Rainha não existiria sem a nossa loucura — explicou Martha, que acabara de entrar na sala.

— Certamente isso não é verdade, Martha. A Rainha é gentil com o Coelho Branco. Acredito que foi o País das Maravilhas que a deixou tão brava, não nós — falou Ruby, que seguiu Martha para o interior da sala.

— Então, por que ela está sempre com vontade de comer bolo? No espelho do País das Maravilhas, eu a vejo comendo o tempo todo — respondeu Martha.

— Falando em bolo, alguém já preparou um em função da visita de Circe? Não é uma visita de verdade sem bolo! Ah, como eu queria que Hades estivesse aqui. Ficará tão decepcionado por não a encontrar, mas você sabe o quanto ele gosta de banquetes com as almas recém-chegadas. Hades a teria convidado para jantar, é claro, mas aí você precisaria permanecer no Submundo. Mas deixa para lá. Estamos tão felizes em vê-la, Circe. Você nos deu tanto orgulho! — declarou Ruby, cobrindo-a de beijos.

— Ah, sim! Ruby tem razão, precisamos de bolo! — disse Martha. — Temos que comemorar! Olha só você, Circe, parece muito melhor depois do seu cochilo. Estávamos preocupadas com você, mas Hades disse que você ficaria bem, e veja só, não é que está? Ah, isso é simplesmente glorioso. Nossa Circe está bem! Vamos trazer o bolo!

— Irmãs, receio que não haja tempo para bolo, nem para festas, nem mesmo para paparicar nossa filha. Vocês precisam se acalmar e prestar atenção ao assunto em questão — falou Lucinda.

— Senti tanta falta de vocês. E amo o quanto vocês me amam. — Circe esforçou-se para não chorar. Não tinha se dado conta de como sentia saudade das mães. E se surpreendia por sentir falta até mesmo de momentos como aquele. — Mães, têm certeza de que não podemos tirar a raiva de vocês da Rainha de Copas? Tem que ser possível.

— Claro que é possível, mas ela deixaria de existir. Seria como matá-la. Ela voltaria a ser uma carta de baralho. É justo dar vida a alguém e depois tirá-la? Debatemos isso todas as noites, Circe, analisamos todas as possibilidades, e não há uma boa solução. Principalmente se ela se recusar a usar os brincos.

— Mas olhem para ela! A Rainha e o coelho estão procurando respostas. E ele sabe sobre as portas. Sem dúvida, se ela viesse morar nos Muitos Reinos, seria mais feliz. Talvez eu pudesse ajudá-la — disse Circe.

— Você voltaria a liberar a nossa fúria sobre os Muitos Reinos. Não podemos fazer isso depois de tudo que passamos, depois de tudo que Hades fez para nos trazer aqui. Você colocaria Branca de Neve em risco ainda maior? Colocaria todos em risco? Se você trouxer a Rainha de Copas para os Muitos Reinos, ela se lembrará de nossos rancores e pensará que são dela própria — explicou Lucinda. — Pense nisso, Circe, imagine a Rainha de Copas perambulando pelos Muitos Reinos e encontrando pessoas como a Fada Madrinha ou a Babá, ou até mesmo a Branca de Neve. Nossa raiva se inflamaria dentro dela como fogo de dragão. Ela não saberia por quê, mas as odiaria e desejaria que morressem. Seria alimentada por nossas antigas retaliações, vingando-se de atos há muito esquecidos por nós, porém que agora vivem com ela.

— Em vez disso, ela quer matar as Rainhas Branca e Vermelha.

— Pelo menos, ela tem uma boa razão para isso. Seus próprios motivos, que não têm nada a ver conosco.

— Ainda assim, acho que devo ir ao País das Maravilhas e convencê-la a usar os brincos — disse Circe.

— Não, você é necessária nos Muitos Reinos. Primrose, Hazel e Jacob precisam de você. Eles não podem impedir essa guerra sozinhos. Você precisa falar com Tulipa.

— Prometi a mim mesma que iria até Branca de Neve antes de me juntar aos outros. Ela me escreveu dizendo que havia algo errado com o antigo espelho de Grimhilde, mas não consegui partir até agora — contou Circe.

— Circe, não há tempo para você ir até Branca de Neve. Vimos o que acontecerá se vocês entrarem em guerra, e isso causará devastação por todos os Muitos Reinos e além. Produzirá um chamado para as outras terras dos mortos, despertará e trará criaturas monstruosas que não pertencem ao seu reino. Vimos a chegada do demônio da Montanha Calva, Circe. Se ele for libertado, todos os lugares serão terras dos mortos. Ele tem o poder de acordar os mortos de qualquer reino e, se o fizer, todas as linhas do tempo e mundos convergirão, e ficaremos tão loucas quanto a Rainha de Copas.

— Senti o poder desse demônio na Montanha Calva — falou Circe.

— Onde? Em seus sonhos? — perguntou Lucinda bruscamente.

— Não, a caminho daqui. Atravessei a câmara mortuária das Rainhas dos Mortos e passei pelas catacumbas. Por quê? O que está acontecendo?

— Não lhe ocorreu que a montanha não estava lá antes? Isso é algo que você deveria ter nos contado imediatamente, Circe.

— Desculpe, realmente pensei que ela sempre tivesse estado lá. Pensei que vocês soubessem de tudo.

— Ao que tudo indica, não sabemos. E as coisas estão muito mais avançadas do que imaginávamos. Circe, as linhas do tempo já estão começando a convergir na sua mente. Você não consegue distinguir a diferença entre a nossa linha do tempo e outras realidades. Não é de admirar que esteja tão tensa. Oh, isso é muito ruim.

Circe nunca tinha visto a mãe tão apavorada. As mãos de Lucinda tremiam enquanto ela apontava para o espelho da Floresta dos Mortos.

— Ali está! Uma rachadura! Uma rachadura na Floresta dos Mortos. Oh, como não vimos isso antes?

— O que isso significa? — Circe olhou mais de perto para o espelho e viu o caco irregular que não parecia pertencer àquele lugar.

Era a Montanha Calva.

— Onde estão Jacob, Primrose e Hazel? — perguntou Ruby.

— Estão despertando o restante dos mortos e em breve os levarão para se juntar a Tulipa. — Circe estava pálida.

— Quanto do seu exército foi despertado? Quantas criaturas de pedra?

— Todas elas, ou quase todas. Por quê?

— Um exército de mortos de tal magnitude pode despertar o demônio. Temos que parar essa guerra, Circe. Oh, isso é desastroso! Essa guerra não pode acontecer, e a Rainha de Copas não pode entrar nos Muitos Reinos!

— Não consigo fazer tudo isso sozinha! Não sou forte o bastante. É coisa demais para aguentar. Não vou dar conta. Não posso parar essa guerra, ir até o País das Maravilhas *e* ajudar Branca de Neve. Ela está desesperada pela minha ajuda, mães.

— Claro que você é forte o bastante. Mas não precisa ser. Vamos ajudá-la, querida. Falaremos com o Coelho Branco e veremos se ele consegue persuadir a Rainha de Copas a usar os brincos.

— Mas os brincos vão ajudá-la? Ela vai ficar feliz?

— Somente o tempo dirá, mas pelo menos eles ajudarão a controlar sua raiva.

— Acho que a melhor maneira de proceder é ser franca com o Coelho Branco sobre tudo isso e deixá-lo decidir. Talvez a Rainha de Copas fosse mais feliz se voltasse a ser uma carta de baralho. Talvez tivesse a paz que tanto almeja. Ela está arrasada — disse Ruby, apontando para o espelho do País das Maravilhas.

— Vejam! A Rainha Branca acabou de enviar guardas para prender a Rainha de Copas por decapitar a todos no País das Maravilhas.

— O Coelho Branco jamais deveria tê-la convencido a não confrontar a Rainha Branca — falou Ruby. — Eu a mataria e a todos os outros no País das Maravilhas se fosse ela — acrescentou.

— Exatamente. Ela está fazendo o que *você* faria — disse Circe.

— Estamos registrando a história da Rainha de Copas no Livro dos Contos de Fadas, e todos no País das Maravilhas são insuportáveis, Circe. Todos, exceto o Coelho Branco e a Rainha de Copas antes que aquele lugar a fizesse perder o juízo. Não tenho certeza se foi só a nossa raiva que causou isso. Qualquer uma de nós, até você, teria sido levada a cometer um assassinato em um local como o País das Maravilhas — assegurou Martha.

— Talvez sim. Todas temos pensamentos assassinos, mães, mas nem todas agimos de acordo com eles. Espero que a Rainha de Copas também não tenha, porém com a sede de sangue de vocês vivendo dentro dela eu

diria que é bem provável que sim. Acho que vocês deveriam conversar com a Rainha, e não deixar isso para o Coelho Branco, desde que acreditem que os brincos realmente vão funcionar — disse Circe.

— Acho que vão, sim, mas talvez seja melhor que a atitude parta do Coelho Branco. Ele deveria dar à Rainha de Copas a escolha. Se tentarmos explicar tudo isso, ela pode achar que é só mais uma loucura do País das Maravilhas e que estamos apenas tentando enganá-la ou algo assim — argumentou Lucinda.

— E se ela recusar os brincos e escolher existir consumida pela raiva? — perguntou Circe.

— O coelho precisa convencê-la a usar os brincos. Caso contrário, todos no País das Maravilhas morrerão — disse Lucinda.

— E como vocês chegarão ao País das Maravilhas? — questionou Circe.

— Através do espelho, é claro. — Lucinda sorriu. — Agora, dê-nos um beijo, filha. Tulipa ainda está nas florestas antigas, despertando mais árvores. Se você for embora agora, poderá falar com ela antes que o exército de Jacob a alcance. Vá direto até Tulipa, minha filha. Deixe Branca de Neve e o espelho da mãe dela comigo. Prometo que Branca estará bem segura, minha querida.

— Obrigada, mãe, eu irei. Obrigada por tudo.

CAPÍTULO XIII

O CHAPELEIRO MALUCO

A Rainha de Copas não se aventurara além dos terrenos do castelo desde o dia em que seus criados foram mortos na Floresta Tulgey. O País das Maravilhas parecia exatamente como em seu primeiro dia, exceto pela nítida ausência de distrações irritantes demorando-se pelos caminhos ou espreitando em arbustos ou árvores, prontas para surgir e aborrecê-la a qualquer momento.

Era como se todos no País das Maravilhas tivessem decidido ficar em casa naquele dia, ou tivessem sido levados por algum vento mágico, desaparecendo para sempre. Quem dera fosse esse o caso. Por mais revigorante que fosse ter o reino só para ela e o Coelho Branco, ainda era um pouco inquietante vê-lo tão vazio. Era a primeira vez que a Rainha conseguia apreciar o País das Maravilhas em todo o seu esplendor sem seus desconcertantes moradores vagando por lá, divagando com charadas e histórias sem sentido, e isso lhe proporcionou uma admiração maior pela beleza extravagante do lugar. A Rainha havia se esquecido de como as flores eram coloridas e da abundância de borboletas que dançavam em suas pétalas. Maravilhou-se com os cogumelos altos, as topiarias ricamente esculpidas e os distintos tons de azul e rosa que dominavam o céu àquela hora do dia. Surpreendeu-se com a beleza que o País das Maravilhas abarcava e abrandou-se pelo tanto que aquilo a cativava.

— Onde pode estar todo mundo? Será que encontraremos o chapeleiro em casa?

— Ele está sempre em casa, Vossa Majestade. Até mesmo hoje. — A Rainha soube de imediato que era a voz do Gato de Cheshire. E, previsível como sempre, materializou-se no galho de uma árvore próxima, exibindo o sorriso característico que a Rainha havia passado a desprezar.

— Ah, é você — disse ela, estreitando os olhos para o gato. — Você faz alguma outra coisa além de ficar por aí e causar caos?

— O que fiz para merecer tal saudação? — perguntou o gato lentamente, piscando os grandes olhos para ela e sorrindo.

— O que você fez, de fato! Você sabe muito bem, Gato! Não me avisou que a Duquesa era maluca, mandando aquela cozinheira apimentar tudo o que via e insistindo que seu porco era um bebê.

— Para sermos justos, às vezes o bebê é um bebê, às vezes é um porco.

— Disparate do País das Maravilhas!

— Isso é redundante, excessivo, desnecessário.

— Gato! Me faltam palavras para expressar o quanto você está me irritando! O que acho extremamente desnecessária é essa conversa.

— Obviamente, não faltam palavras à Vossa Majestade. Você acabou de usar um monte delas.

— Poderia me dizer onde todos estão hoje? Você é o único ser que vimos até agora neste passeio, e embora seja bastante agradável não ter que lidar com a quantidade habitual de disparates do País das Maravilhas, é também bastante inquietante.

— Ah, isso. É a festa no jardim da Rainha Vermelha. Absolutamente todos estão convidados. Bem, *quase* todos.

— Cuidado com o que diz, Gato! Diga-me, o chapeleiro está nessa festa? E, se não está, onde posso encontrá-lo? Em que direção ele mora?

— Siga por qualquer uma dessas direções e você encontrará loucura, mas a loucura que procura está naquela direção — disse o gato, olhando para o caminho que, esperava-se, os levaria à casa do chapeleiro.

— Sim, claro. Agora me lembro. O Coelho mencionou que passamos pelo jardim dele no nosso primeiro dia. E você tem certeza de que ele está em casa, não na festa da Rainha Vermelha?

— Ah, não, assim como você, ele não é bem-vindo. A lista de convidados da Rainha Vermelha é muito exclusiva.

— Evidentemente! Obrigada, Gato. Bom dia — declarou ela, indo embora sem esperar por uma resposta.

— Isso foi agradavelmente abrupto — disse o coelho, seus bigodes se contorcendo em divertimento.

— Ah, Coelho. Será que ainda não aprendeu? Quanto menos tempo levarmos para falar com os habitantes desta terra miserável, menos irritados ficaremos. Agora, vamos!

— Você me parece bastante irritada.

— E por que eu não deveria estar? — retrucou ela, parando e se certificando de que o Gato de Cheshire estava fora de vista. — Que audácia da Rainha Vermelha, fazer uma festa no jardim e não me convidar! E por que todo mundo vai às festas dela e não às minhas?

— Você se importaria se eu fizesse uma pergunta impertinente, Vossa Majestade?

— Claro que não! E desde quando precisa da minha permissão para me perguntar qualquer coisa?

— Você realmente se importa que os habitantes do País das Maravilhas não queiram ser seus amigos? De verdade? Eles não parecem ser o seu tipo de amigo. E, se são diferentes de qualquer pessoa com quem você gostaria de passar o seu tempo, pouco importam.

— Para ser sincera, tudo parece terrivelmente injusto, o fato de eles acharem que sabem quem eu sou sem nem me conhecerem, apenas com base na palavra da Duquesa. Mas você tem razão, Coelho, eles não parecem ser o tipo de pessoa com quem eu me relacionaria. Acho que só senti que deveria me esforçar porque sou a Rainha.

— Palavras sábias, minha Rainha, só odeio vê-la desnecessariamente chateada por não ter sido convidada para uma festa no jardim à qual você detestaria ir.

— Exato, Coelho. E, felizmente para nós, esse chapeleiro parece ter algum bom senso, também sendo excluído dessas reuniões arrogantes.

— Eu não contaria que o chapeleiro vá ter muito bom senso, Vossa Majestade. Afinal, ele é chamado de Chapeleiro *Maluco*.

— Claro que é — disse a Rainha com um grande suspiro.

Finalmente, chegaram a um portão de madeira, através do qual ouviram os sons característicos de vozes jubilosas elevando-se numa cantoria. Parecia “Parabéns pra você”, mas a letra era sem sentido. A Rainha suspirou. Lá se ia a possibilidade de aquilo ser diferente do restante do País das Maravilhas.

— Parece que estamos no lugar certo, Vossa Majestade.

— Você acha, é? — indagou a Rainha, cruzando os braços com um bufo.

— Vamos lá, Vossa Majestade. — O coelho riu enquanto empurrava o portão com a pata. — É uma festa de desaniversário, é melhor sermos educados.

Após atravessarem o portão de madeira, desceram os degraus de pedra que conduziam a um caminho de paralelepípedos dentro de um jardim exuberante cercado por topiarias, flores coloridas e árvores adornadas com lanternas de papel. No centro do jardim, via-se uma longa mesa de banquete repleta de inúmeros bules e xícaras que tremiam e saltavam. E, à cabeceira da mesa, uma régia cadeira com espaldar recortado, mas ainda assim não havia ninguém ocupando o lugar de honra. A fonte da cantoria parecia ser a dupla mais estranha que a Rainha já vira. Era uma cena insuportável, com a cantoria, a troca de cadeiras e o barulho dos bules assobiando e borbulhando. A Rainha precisou se conter para não se virar e ir embora.

— Não estou com paciência para isso hoje. Já dá para ver que vai ser uma perda de tempo, Coelho. Que orientação eles podem nos dar? Vamos embora.

— Você ainda está irritada com a festa da Rainha Vermelha? Não entendo por quê — sussurrou o coelho, lançando-lhe um de seus famosos olhares enquanto se afastavam, observando o chapeleiro e a Lebre de Março, que por sua vez estavam tão absortos pela companhia um do outro que nem perceberam que a Rainha e o coelho haviam chegado.

— Vossa Majestade, achei que a ideia de tomar chá com aquelas bruacas intrometidas fosse intolerável, então por que está tão aborrecida?

— Porque a Rainha Vermelha nunca se desculpou! O dragão dela comeu meus criados! Estou me culpando desde a Floresta Tulgey, e a única coisa pela qual sou culpada é por não ter confrontado a Rainha Vermelha!

— Quieta. Fale baixo.

— Não me mande ficar quieta, Coelho. Lembre-me, por que estamos aqui? É claro que não teremos respostas desses palhaços idiotas!

— Quieta! Você não vai querer ofendê-los!

— Você me mandou mesmo ficar quieta, Coelho, logo depois de eu proibi-lo expressamente? Esses tolos não reconheceriam um insulto nem se ele saltasse de um bule e os derrubasse da cadeira.

— Garanto que sim, Vossa Majestade — disse o chapeleiro. — Eu a convidaria para se juntar a nós, mas não há lugar à mesa. — O chapeleiro não era nada do que a Rainha esperava. Tratava-se de um homem mais velho, com um nariz grande, dentes salientes e tufos de cabelos brancos e

rebeldes escapando das laterais de uma cartola verde que combinava com sua calça. A Rainha não conseguia tirar os olhos de sua gravata-borboleta azul, que contrastava com o paletó marrom-mostarda.

— Não! Não há lugar! Não há lugar mesmo! — Os protestos partiram da Lebre de Março desta vez. Seus olhos eram excessivamente grandes e desvairados. Ele usava um paletó vermelho largo, uma gravata-borboleta e calça marrom.

— Bobagem, tem bastante lugar! — disse o coelho, conduzindo a Rainha até a cadeira elaborada à cabeceira da mesa e puxando-a para ela.

— Mas é falta de educação juntar-se a nós sem termos convidado vocês! — As sobrancelhas da Lebre de Março pareciam quase sinistras quando ele apontou para o coelho e a Rainha. Era difícil dizer se estava falando sério ou apenas brincando.

— É muita, muita falta de educação mesmo! — falou o chapeleiro. — Muita, muita, muita, muita falta de educação!

— Lembre-me de arranjar um dicionário de sinônimos para o chapeleiro. Isso já passou da conta, Coelho. Já não estava inclinada a vir aqui, mas o fato de eles não deixarem que nos juntemos a eles é de tirar qualquer um do sério. — A Rainha jogou as mãos para o alto em frustração enquanto andava de um lado para o outro ao longo dos paralelepípedos que ladeavam a comprida mesa de jantar, então parou e olhou o chapeleiro nos olhos.

— Agora, escute aqui, seu lunático, sou a sua Rainha, e se eu quiser tomar chá com você, então tomarei.

— Ninguém gosta da nossa cantoria! É por isso que não fomos convidados para a festa no jardim da Rainha Vermelha! Então, diga-nos, o que ela não gosta em você?

— Olhe como fala, Chapeleiro, ou cortarei sua cabeça! — A Rainha procurou seu machado, então se lembrou de que o coelho a havia convencido a deixá-lo em casa. — Por que mesmo estamos aqui, Coelho? Que tipo de insanidade nos levou a esta confusão infernal? Diga-me, porque não consigo me lembrar por que concordei em me submeter a este tormento sem sentido.

— Não se lembra, Vossa Majestade? Você disse que queria passar seu desaniversário com o Chapeleiro e a Lebre — disse o coelho com um sorriso astuto.

— Do que você está fa… — a Rainha começou a dizer, mas deteve-se ao ver a intensa animação do Chapeleiro e da Lebre. Estavam tão eufóricos

que pularam de seus assentos, batendo palmas e correndo ao redor da mesa, levantando a tampa dos bules freneticamente a fim de verificar se precisavam de mais água quente.

— Por que não nos contaram que era o desaniversário da Rainha? Claro que vocês dois são bem-vindos! Que coincidência, é o nosso desaniversário também!

— Não é coincidência alguma! Ouso dizer que hoje é o desaniversário de quase todo mundo! Coelho, isso é de enlouquecer! Vamos embora daqui!

— Se é mesmo o desaniversário de todo mundo, então por que nem todo mundo está aqui? — O rosto do Leirão parecia realmente perplexo quando ele colocou a cabeça para fora de um bule e entrou na conversa. É claro que o Coelho Branco contara à Rainha tudo sobre o Leirão, o amiguinho do chapeleiro e da lebre que dormia nos bules, por isso não foi uma grande surpresa, mas a essa altura uma aranha gigante ou um crocodilo poderiam ter pulado do bule, e ela não teria se abalado.

— Não precisamos de todo mundo aqui para comemorar o desaniversário da Rainha! Vamos, cantemos todos!

O Chapeleiro e a Lebre cantavam tão alto sobre soprar velas e fazer pedidos que a Rainha achou que estivesse ficando louca. Entre os bules assobiando e quicando pela mesa, o barulho da louça, a algazarra e os estrondos, o canto e as trocas de assento, a cabeça da Rainha girava. Seu peito estava tão oprimido que ela não conseguia respirar. E quanto mais alto cantavam, mais rápido seu coração disparava.

Era por isso que nunca saía, a razão de preferir ficar sozinha, sempre em seu quarto ou no silêncio do labirinto de sebes, porque, no momento em que saía de seus lugares seguros, sempre havia muito barulho. Ela não conseguia se ouvir pensando e era difícil falar, sua mente fervilhava com o que queria dizer, e não importava quão educadamente tentasse se expressar, sempre soava rude. Isso, por sua vez, a deixava tão furiosa que ela gritava ou, pior, chorava descontroladamente. Hoje, ao que parecia, seria um dia de gritos.

— CALEM A BOCA ANTES QUE EU ENLOUQUEÇA! — A Rainha nem reconheceu a voz que saiu da sua boca. Não sabia que ia gritar com eles até fazê-lo, mas a voz simplesmente explodiu como um trovão, assustando tanto ela própria quanto todos os outros à mesa.

— Acho que o que a Rainha de Copas quis dizer é que viemos aqui hoje por um motivo diferente do seu desaniversário.

— Por favor, pare de se referir a mim como se eu não estivesse aqui, Coelho! E pare de lhes explicar o que eu estava querendo dizer! Estava querendo dizer exatamente o que falei! Agora escutem, suas matracas loucas bebedoras de chá exasperantes, não viemos aqui para comemorar nada com vocês, nem meu desaniversário nem qualquer outra coisa. Viemos para ver o que vocês sabem sobre a Rainha Branca, embora, agora que estamos neste lugar, eu não consiga entender por que faríamos isso. Mas já que parecemos ser prisioneiros do seu chá da tarde maluco, um chá da tarde, devo acrescentar, no qual os anfitriões não nos serviram nem chá nem bolo, podemos muito bem ouvir suas opiniões, tais como são, sobre essa louca que se autodenomina Rainha Branca.

O chapeleiro pareceu não entender o que a Rainha perguntava, e a monarca percebeu pela expressão no rosto do coelho que ele não queria falar por ela com medo de irritá-la, por isso reformulou a pergunta.

— Sabemos que a Rainha Branca o puniu por crimes que ela previu que você cometeria no futuro. Isso é verdade?

— Ah, sim! Muitas vezes.

— E você continuou cometendo esses crimes? — questionou a Rainha.

— Claro que não! — respondeu o chapeleiro.

— Então, por que você mereceu a punição? Ah, isso é só mais um disparate do País das Maravilhas! — A Rainha bateu os punhos na mesa com tanta força que todos pularam em seus assentos. O bule do Leirão tombou, fazendo o roedor cair.

— Não adianta tentar conferir sentido a algo sem sentido, isso só vai deixá-la louca — disse o chapeleiro, que agora olhava para algo atrás da Rainha enquanto falava com ela. O que era, a Rainha não sabia nem se importava. A julgar por suas experiências anteriores, devia ser algum tipo de animal dançante determinado a irritá-la. — Todos passamos a aceitar que isso é exatamente o que a Rainha Branca faz. Ela prende pessoas por crimes que prevê que cometerão no futuro. Se cometem o crime ou não, isso tem pouca importância, porque, veja bem, elas já sofreram as consequências.

Algo naquela loucura fazia sentido para a Rainha. Eles estavam pagando o preço por seus crimes antecipadamente.

— Então, por que você não cometeu o crime se já pagou o preço?

— Porque tive tempo para pensar sobre isso. Mudei de ideia. Talvez, com o tempo, você mude de ideia também? — falou o chapeleiro com um

sorriso estranho, enquanto a Rainha se viu sendo arrancada de seu assento com violência.

— Isso é loucura! Insanidade pura! É um pandemônio incompreensível! Soltem-me! Sou a Rainha de Copas! Não vou ser dominada por peças de xadrez ambulantes! Vou cortar-lhes a cabeça por isso! — A Rainha agitava os braços e as pernas, chutando e socando os guardas. — E soltem o meu coelho! Como ousam tocá-lo? — vociferou, enquanto os guardas a arrastavam, com o chapeleiro e o coelho, para fora do jardim. — *Vou* cortar a cabeça de todos por isso! Anotem o que eu digo!

— É exatamente por isso que você está presa! — disse o guarda. — Por ordem da Rainha Branca!

CAPÍTULO XIV

A MASMORRA DA RAINHA BRANCA

O Coelho Branco odiava ficar separado da Rainha. Não importava quantas vezes perguntasse por ela ou exigisse vê-la, ninguém respondia. Sentou-se em silêncio na masmorra da Rainha Branca, imaginando quando alguém lhe contaria o que estava acontecendo. A masmorra estava quase completamente mergulhada na escuridão, exceto por uma vela, e nada lhe fora trazido desde que chegara, nem mesmo uma xícara de chá. Esperava que, para onde quer que tivessem levado a Rainha de Copas, ela estivesse sendo tratada melhor do que ele. Estremeceu ao pensar em como a Rainha estaria furiosa naquele momento, a raiva a invadindo, e nas ameaças que deviam estar saindo de seus lábios, sem dúvida contribuindo em absolutamente nada para melhorar sua situação. Se ao menos a Rainha Branca os tivesse colocado na mesma cela, ele estaria lá para ajudá-la a se acalmar. E o que aconteceria quando fossem a julgamento? Será que estaria ao lado da Rainha de Copas para impedi-la de ofender a Rainha Branca? Oh, isso era um desastre.

— Você é um coelho muito gentil. Nossa filha, Circe, estava certa. — O Coelho Branco procurou pela estranha voz vinda da escuridão, mas soava como se estivesse distante, como se a escuridão pertencesse a outro mundo.

— Quem está aí? — O coelho olhou para as sombras, tentando enxergar quem falava com ele. E, então, ele as viu, três sombras tomando forma, rodopiando e se transformando em algo mais distinto, três mulheres idênticas com cabelos negros como breu e olhos assombrosos. O coelho ficou absolutamente enfeitiçado por aquelas mulheres, eram tão diferentes de Circe, mas de alguma forma sabia que eram iguais a ela. Bruxas.

— Viemos em nome da nossa filha, que tem uma mensagem para você, Coelhinho. E receamos que você tenha uma escolha difícil a fazer. É uma

responsabilidade enorme para um coelho tão pequeno — disse a bruxa do meio.

— Não sou tão pequeno — respondeu ele, indignado. — Ela já decidiu se minha Rainha e eu podemos viver em suas terras? Ela enviou vocês aqui para me avisar?

— Temo que isso não seja possível. Seria desastroso para os Muitos Reinos. Poderia fazer com que todas as outras terras se despedaçassem e fossem destruídas.

— Mas por quê? Tem certeza? Visitei outras duas terras e nada disso aconteceu. Sei que a Rainha pode ser difícil, mas acho que, se ela conseguisse escapar do País das Maravilhas, poderia voltar a ser ela mesma.

— A fúria da sua Rainha só vai aumentar com o tempo, Coelho. Você já viu isso acontecer. É evidente pela profecia da Rainha Branca. Um dia, ela decapitará todos no País das Maravilhas, a menos que você a ajude.

— Tenho tentado ajudá-la. Por que não posso levá-la para um desses outros mundos? Tenho certeza de que, se pudéssemos escapar, tudo ficaria bem.

— Fechamos todas as portas, exceto a que dá em Londres. E sabemos que você não quer levá-la para lá.

— Como vocês sabem disso?

— Somos bruxas, querido. Sabemos das coisas, especialmente sobre como a magia funciona em mundos não mágicos. Circe quer que você saiba que temos o poder de remover a fúria da Rainha de Copas. — As orelhas do coelho ficaram em pé.

— Então façam isso! — gritou, animado. — Façam isso agora!

— Não tão rápido. Se fizermos isso, ela deixará de existir. Retornará à sua existência anterior à chegada ao País das Maravilhas. Uma carta de baralho, guardada em uma gaveta escura e usada apenas para festas e reuniões familiares — disse Lucinda.

— Essa é a escolha? Matá-la ou vê-la se tornar ainda mais infeliz? — perguntou o coelho, batendo o pé ansiosamente.

— Sempre há a opção dos brincos. Os brincos de ouro em forma de lágrima, o presente do Rei. Colocamos um encantamento neles para controlar o impulso que ela tem de derramar sangue — contou Lucinda.

— Ótimo. Manteremos sua sede de sangue sob controle. Isso será útil. Mas e quanto à raiva dela? Ela será mais feliz? Será como a Rainha que conheci no nosso primeiro dia?

— Às vezes. Talvez? Não sabemos — confessou Lucinda.

— Vocês são bruxas! Não podem tentar fazer um feitiço que a deixe novamente feliz? Que a torne curiosa e aventureira, que a torne a Rainha que conheci? Por favor.

O coelho percebeu que havia dito alguma coisa que tocou o coração das bruxas. Alguma coisa nas palavras que escolheu significava algo para elas.

— Olhe dentro do seu coração, Coelhinho. A Rainha de Copas sempre foi raivosa, desde o seu primeiro dia no País das Maravilhas. Foi você e sua amizade que a ajudaram a controlá-la. Eu queria que pudéssemos ajudá-lo mais, nosso coração se condói por você, de verdade. Queria que houvesse uma forma de extinguir a raiva da Rainha sem extinguir sua própria existência. Mas isso é literalmente tudo o que ela é — falou Lucinda, com uma expressão triste, quase de culpa, no rosto.

— Eu me recuso a acreditar nisso. Ela era muito mais do que sua raiva, não era assim no começo.

— Tem certeza, Coelhinho? Ela ficou com raiva no primeiro dia, e só piorou. E sabemos que não é culpa dela. Os habitantes do País das Maravilhas são insuportáveis. Eles alimentam a raiva dela dia após dia. Sinceramente, acho que a Rainha seria mais feliz naquela gaveta da sala de estar, onde é escuro e silencioso e não há ninguém para incomodá-la, mas essa escolha deveria ser dela. Você vai contar a ela, Coelhinho? Vai lhe dar a escolha? Pegue. — Lucinda entregou ao coelho um espelhinho de bolso redondo.

— Ela sente alegria com a mesma intensidade. Testemunhei isso — assegurou o coelho.

— E você fez um trabalho admirável tentando guiá-la em direção à alegria. Ela tem muita sorte de tê-lo como amigo. Assim que tiver a resposta da Rainha, chame-nos nesse espelho mágico, e respeitaremos a vontade dela, seja qual for, desde que ela concorde em colocar os brincos e prometa nunca tirá-los.

— Falarei com ela.

— Muito bem. E não se aflija por não encontrar um novo lar nos Muitos Reinos. Mesmo que houvesse a possibilidade de você e sua Rainha morarem lá, em breve o lugar será devastado pela guerra. Não é um ambiente seguro, especialmente para coelhinhos. Há criaturas naquelas terras ainda mais perigosas que o seu Jaguadarte.

— Vocês ouviram isso? — perguntou o coelho, virando a cabeça na outra direção. — Acho que alguém está vindo.

— Sim, Coelhinho, receio que sim, e está vindo atrás de você — disse Lucinda.

O Coelho Branco piscou várias vezes, perplexo, perguntando-se se as três bruxas que estiveram lá momentos antes eram fruto de sua imaginação. Certamente *não* as imaginara; por sua vez, começava a entender que quase tudo era possível no País das Maravilhas. Ouviu o tilintar de chaves e passos pesados vindo em sua direção, então se levantou e se preparou para o que viria a seguir, fechando os olhos. Ao abri-los, viu um jovem magro, vestido de branco, parado diante de sua cela, segurando um grande aro de metal que continha uma enorme chave-mestra.

— A Rainha Branca está pronta para vê-lo agora.

— A Rainha de Copas estará lá?

— Este é o seu julgamento, Coelho Branco, não o da Rainha de Copas.

O jovem enfiou a longa chave-mestra na fechadura e a girou, abrindo o portão da cela e gesticulando para o coelho sair.

— Venha, Coelho, a Rainha Branca o está aguardando.

— Ela não é minha rainha! — retrucou o coelho, lançando um olhar fulminante para o guarda.

— O tempo dirá.

O guarda conduziu o coelho para a sala do trono. O local tinha paredes de mármore branco e piso de mármore xadrez preto e branco, com grandes colunas brancas que se elevavam até tetos abobadados que revelavam o céu noturno claro e estrelado. A Rainha Branca estava sentada em um trono de veludo branco, vestida de branco. Seus cabelos eram crespos, espetados em ambos os lados de sua enorme e desajeitada coroa, que não combinava com sua cabeça. Tinha o cenho franzido e bolsas sob os olhos, como se mal dormisse. Seu traje aparentava estar surrado, lembrando mais um lençol do que vestes reais, e ela os agarrava como se estivesse com frio. Para o coelho, a Rainha Branca parecia bem mais desagradável do que a Rainha de Copas, e possivelmente mais atormentada. A única ornamentação na sala eram rosas brancas em grandes vasos de mármore dispostos ao redor. Era o espaço mais desinteressante que o coelho já vira, e mal podia esperar para comentar sobre ele durante o chá com a Rainha de Copas assim que saíssem dali.

Os guardas conduziram o Coelho Branco até o centro da sala, a uma boa distância da Rainha Branca, que o fitava placidamente.

— Exijo ver minha Rainha! — disse ele, assustado com o eco de sua voz reverberando por todo o salão cavernoso.

— Silêncio! Coelho Branco, você é acusado de negligência com os deveres para com a coroa.

— Servi fielmente à Rainha de Copas desde o meu primeiro dia.

— Entendo. Então, é verdade, você não tem recordação de ter estado na minha corte. Não ordenarei que você volte para mim, Coelho Branco, mas o lembrarei dos futuros crimes graves da Rainha de Copas, e, portanto, é meu dever avisá-lo de que você mesmo um dia pode acabar no bloco de decapitação.

— Você vê o futuro, não é? Então, deve estar ciente de que, se a Rainha de Copas acabar matando todos no País das Maravilhas, a culpa será sua.

— Isso é ridículo.

— É mesmo? Você não acha que isso tem alguma coisa a ver com a Duquesa sussurrando em seu ouvido? Ela colocou você e a Rainha Vermelha contra a Rainha de Copas. E o que minha rainha fez para merecer isso?

— Ela tratou a Duquesa de forma terrível.

— De que forma? Não permitindo que sua cozinheira perturbada apimentasse os bolos? Vindo em minha defesa? A Duquesa é quem deveria ser responsabilizada pelos crimes cometidos, não a Rainha de Copas. Ela me agarrou pelo pescoço e me ameaçou.

— Não puno por crimes que aconteceram no passado. O passado é o passado, Coelho.

— Se isso é verdade, então por que estou aqui? Qual é o meu futuro crime que a compeliu a me arrastar para cá?

— Sua cumplicidade — disse a Rainha Branca. E o coelho entendeu. De alguma forma, ele teria um papel nisso, mas não sabia como.

— Se você e as outras monarcas tivessem tentado ser amigas dela, indo a qualquer uma de suas reuniões, talvez isso não estivesse acontecendo. Pelo amor do País das Maravilhas! O Jaguadarte da Rainha Vermelha matou os criados da Rainha de Copas, e nada foi feito a respeito! Nem mesmo um pedido de desculpas.

— A Rainha de Copas deixou claro em seu primeiro dia que não tinha intenção de se encaixar aqui no País das Maravilhas. Acordou um dia e se

viu aqui, assim como todos nós, e, em vez de dançar conforme a música e tentar se adaptar, seguiu seu próprio caminho. Agora, está pagando o preço. Então, qual é a sua decisão, Coelho? Você voltará para a minha corte ou permanecerá leal à Rainha de Copas?

— Você já conhece o futuro. Por que não me conta?

— Você pode ir, Coelho Branco, mas sua Rainha fica.

— Você já parou para pensar que esse ato, essa prisão, será o que a levará ao limite, o motivo pelo qual ela matará todos vocês?

— É exatamente esse o motivo, Coelho.

— Então você admite? Ainda assim, você a punirá, forçando-a a cometer seus atos futuros? Por que está fazendo isso?

— Porque é meu dever punir crimes futuros.

— A Rainha de Copas está certa. Vocês são todos loucos!

— A insanidade está nos olhos de quem vê.

— Isso deveria significar alguma coisa? — indagou o coelho, batendo o pé com raiva. — Então posso ver a Rainha antes de ir?

— Você está na presença da rainha, Coelho Branco.

— A rainha de verdade, a Rainha do País das Maravilhas, não uma peça de xadrez arrogante brincando de rainha!

— Meça suas palavras, Coelho. Eu poderia acusá-lo de desacato.

— Não, não pode. Meu desacato aconteceu no passado. Agora, posso ver a Rainha de Copas?

— Não, não pode. Os crimes dela são tão graves que ela não terá permissão para receber visitas.

— O Rei e eu não deixaremos isso assim!

— Lembre-se, Coelho Branco, vejo o futuro. Segurarei a Rainha de Copas pelo tempo que eu quiser, e ela não verá ninguém enquanto residir na minha masmorra.

— Qual é a duração da sentença dela?

— Indeterminada. O Rei receberá a notícia assim que for decidido. Agora vá, antes que eu o jogue de novo na masmorra.

O coelho não discutiu. Não havia como argumentar contra a loucura. A Rainha Branca sabia o que estava fazendo ao prender a Rainha de Copas e isolá-la: ela levaria a Rainha de Copas a cometer o exato crime pelo qual estava sendo punida. Ao coelho, só restava uma coisa a fazer: reunir as forças da Rainha de Copas e libertá-la da masmorra da Rainha Branca. Parecia que a Rainha de Copas conseguiria o que queria, afinal.

CAPÍTULO XV

PINTE AS ROSAS DE VERMELHO

O Coelho Branco achava o Rei irritante e insuportável, tanto quanto a Rainha achava, e ela só falava com ele quando necessário. O coelho agora se sentia culpado por ter tentado convencer a Rainha de Copas a dar uma chance ao Rei, quando estava claro que eram pessoas completamente diferentes e incompatíveis. No dia em que o Coelho Branco retornou ao castelo após ser libertado da masmorra da Rainha Branca, ficou extremamente evidente que o Rei não tinha nada do entusiasmo ou da bravura de sua esposa.

— Ora, ora, Coelho Branco, sei que você gosta muito da nossa Rainha, mas não podemos nos precipitar em uma guerra, não quando todos os outros monarcas apoiam a Rainha Branca — disse o Rei entre os bocados da comida que devorava à mesa de jantar.

— A guarda da nossa Rainha supera em número a da Rainha Branca, meu Rei. E, pelo que sei, a Duquesa e a Rainha Vermelha não têm guarda. Temos todas as chances de vencer esta contenda.

— Não nos esqueçamos do Jaguadarte. A Rainha Vermelha tem uma vantagem aí. Não posso colocar ninguém da nossa casa em risco, entende? E não devemos fazer nada que possa perturbar nenhum dos outros reis e rainhas.

— A Rainha Circe prometeu vir buscar o Jaguadarte e levá-lo de volta para suas terras. Se ela fizer isso, você concorda?

— Quem é essa Rainha Circe? De que terras você está falando?

— Ela é uma bruxa de um lugar chamado Muitos Reinos.

— Uma bruxa? Bruxas não existem. Vai me dizer também que fadas existem, só falta! Vamos lá, sr. Coelho, você realmente espera que eu acredite que você fez amizade com uma bruxa e que ela o ajudará nisso?

O Coelho Branco suspirou e balançou a cabeça.

— Vossa Majestade, por favor, reflita. Vivemos em um mundo cheio de coisas mais estranhas do que bruxas, ou mesmo fadas. Você ao menos insistiria para que a Rainha Branca me deixasse ver a Rainha de Copas?

— Por que a Rainha de Copas deixaria que você a visse se ela nem permite que eu, seu marido, a visite? Não seja um coelho tão tolo. Talvez isso faça bem à nossa Rainha. Talvez, depois de passar algum tempo na masmorra da Rainha Branca, ela fique feliz por estar de volta ao castelo. Talvez ela…

— Você se lembra do quanto ela o ama?

— Não há necessidade de ser imprudente! Isso não é da sua conta.

— Se *fosse* da minha conta, eu acharia que a melhor chance de fazer a Rainha se apaixonar por você seria tirá-la daquela masmorra.

— Felizmente, não sou tão impetuoso e impulsivo quanto você ou nossa Rainha. De que adiantaria eu ficar preso também? Recuso-me a levar esta discussão adiante, senão a Rainha Branca nos jogará na masmorra dela por conspirarmos para derrubá-la. Agora, por favor, deixe-me jantar. Tive um dia muito difícil e estou desolado com a situação da minha Rainha.

— Percebe-se! — disse o coelho, batendo o pé antes de sair do salão de jantar.

Anos haviam se passado desde a prisão da Rainha e aquela conversa inicial com o Rei. O Coelho Branco se cansara de viver no castelo e se mudara para uma pequena cabana própria, visitando-o diariamente para implorar ao Rei que invadisse o castelo da Rainha Branca a fim de que pudessem libertar a Rainha de Copas, mas o monarca sempre se recusava a entrar em guerra.

Parecia que ninguém além do Coelho Branco sentia falta da Rainha de Copas ou se preocupava com seu estado de espírito em isolamento. Ele lhe escrevia todos os dias, apenas para receber de volta suas cartas com as palavras “RETORNE AO COELHO BRANCO, POR ORDEM DA RAINHA BRANCA” rabiscadas no envelope. Diariamente, no caminho de casa para a Corte de Copas, o coelho parava nos portões do castelo da Rainha Branca e falava com os guardas.

— Posso ver a Rainha de Copas hoje? — perguntava.

— Não pode, Coelho Branco. Nem hoje, nem em nenhum outro dia. Não até que a Rainha Branca esteja pronta para libertá-la.

— E quando será isso? A Rainha de Copas está aqui há anos! Anos! Por um crime que não cometeu. Vocês precisam me deixar falar com ela. Tenho que vê-la.

Mas eles sempre recusavam, não importava o quanto o Coelho Branco implorasse. Sentia-se preso em um pesadelo, incapaz de distinguir um dia do outro, pois todos os dias eram iguais. Depois de ser rejeitado no portão, voltava ao castelo e apelava ao Rei de Copas novamente, e quando este lhe dizia não, o Coelho Branco sentava-se à sua mesa e redigia outra carta para a Rainha, apesar de saber que ela jamais a receberia. Ele fez isso todos os dias enquanto a Rainha de Copas se encontrava na masmorra da Rainha Branca.

Então, um dia, algo estava diferente. Nesse dia atípico, ele notou, ao passar pelo jardim da Rainha de Copas, que as rosas nos jardins e no labirinto de sebes estavam brancas.

— Oh, não! Isso não é bom! Isso não é nada bom. Quem autorizou isso? — O Coelho Branco fervia de raiva enquanto percorria o caminho que levava à escadaria do castelo ladeada por roseiras brancas. E, para piorar a situação, quando entrou na sala de estar, as rosas também estavam brancas.

Havia algo errado.

Encontrou o Rei acomodado em seu assento de costume, que por acaso era a cadeira favorita da Rainha, e grande demais para ele. Era o ritual diário deles, o do coelho e o do Rei: o coelho ia até o Rei para perguntar se ele havia mudado de ideia sobre confrontar a Rainha Branca, e o monarca continuava sentado ali como uma criança petulante balançando os pés pendurados. Mas desta vez o Rei parecia especialmente satisfeito consigo mesmo.

— Coelho Branco, aí está você. Bem na hora, como sempre. Tenho uma notícia esplêndida! A Rainha será libertada hoje.

— É verdade? Acabei de chegar do castelo da Rainha Branca. Seus guardas disseram que não a libertariam até que a Rainha Branca estivesse pronta.

— Suponho que ela esteja pronta!

— Mas por quê? Por que agora? O que mudou?

— Não seja bobo. São as rosas, claro! Eu as substituí! A Rainha de Copas vai adorá-las. Você não acha que será uma bela surpresa?

— Uma bela surpresa teria sido atacar o castelo da Rainha Branca e libertar a sua Rainha da masmorra! Uma bela surpresa teria sido trazê-la

para casa, para o lugar ao qual ela pertence, em vez de deixá-la apodrecer naquela masmorra úmida! Mas suponho que rosas vão ter que servir. Ah, espere, não servirão, porque a Rainha prefere rosas vermelhas! Como pôde cometer um erro tão primário? — O coelho, a essa altura, já havia dispensado qualquer formalidade ao se dirigir ao Rei e não se preocupou em esconder seu desprezo.

— A Rainha Branca afirmou que as brancas são as favoritas da minha Rainha agora. Ela deve saber, Coelho.

— Já lhe ocorreu que a Rainha Branca estivesse mentindo? — O coelho sabia que o Rei passava a maior parte do tempo alheio aos acontecimentos, mas isso era algo completamente novo. O Coelho Branco sempre sentiu que a única qualidade redentora do Rei era sua devoção à Rainha de Copas; no entanto, ele vinha questionando isso havia algum tempo. Na verdade, desde o momento em que o Rei tinha se recusado a tomar qualquer atitude em relação à prisão da Rainha de Copas.

— E quando você teve a oportunidade de falar com a Rainha Branca? Desde quando você tem relações amigáveis com ela? — questionou o coelho, batendo o pé de raiva. A ideia do Rei de Copas e da Rainha Branca conversando sobre rosas ou qualquer outra coisa deixou o coelho furioso. Ficar com raiva era uma sensação rara para o Coelho Branco, mas se viu experimentando isso com muito mais frequência ao lidar com o Rei.

— Se quer mesmo saber, não sou, de fato, amigo das Rainhas Branca ou Vermelha, nem amigo da Duquesa. As três são mulheres horríveis. Trancando nossa Rainha, espalhando boatos sobre ela, deixando de convidá-la para festas no jardim. São mulheres detestáveis. Como pode pensar que sou amigo de alguma delas?

— Então, por que você estava falando com a Rainha Branca sobre flores? E como, pelo amor do País das Maravilhas, você pode acreditar que a Rainha de Copas prefere rosas brancas agora? Oh, isso é um desastre! Todo mundo sabe que a Rainha prefere rosas vermelhas! Quanto tempo temos para mudar tudo? Quando ela vai chegar?

— A qualquer momento — disse o Rei, balançando os pés freneticamente. — Oh, isso é tão emocionante! Meu amorzinho estará de volta ao lugar ao qual pertence, em casa conosco! Ela ficará tão feliz! Tão satisfeita! Tão exultante!

O coelho parou de ouvir o Rei. Estava mais do que em pânico. Não havia tempo. Não havia tempo para trocar as rosas, não havia tempo para preparar

um banquete, não havia tempo para preparar bolos, não havia tempo para receber sua Rainha apropriadamente, não havia tempo, não havia tempo, não havia tempo.

Enquanto ele estava ali, tremendo e furioso, uma legião de criados entrou na sala carregando buquês de rosas brancas para presentear a Rainha em sua chegada. O Coelho Branco rapidamente arrancou o máximo de buquês de rosas que pôde das mãos dos criados, perguntando-se por que todos estavam ali parados como estátuas, como se congelados no tempo, com os olhos arregalados e tomados pelo terror.

Então, ele entendeu. A Rainha estava em casa. Estava lá, naquele exato momento. E, agora, o coelho também estava congelado no tempo, e com tantas rosas brancas nas patas que mal conseguia enxergar por cima delas. Era um desastre. Estava tudo errado. Ele havia imaginado este dia por quase três anos, e não era para ser assim.

— Vossa Majestade, bem-vinda ao lar. — O coelho queria tanto correr até ela, dar-lhe um abraço e dizer o quanto sentia sua falta, mas ficou ali parado, sentindo-se péssimo por não ter tido tempo de organizar uma recepção adequada.

— Então, o que é tudo isso? — A Rainha olhava ao redor da sala, franzindo o cenho para as rosas brancas. Estava com uma aparência um tanto desgrenhada, seu outrora adorável vestido de veludo agora estava puído, com pedaços de veludo faltando, e a borda das saias estava esfarrapada, como se o brocado que um dia estivera ali tivesse sido arrancado. O rosto da Rainha estava pálido, assustadoramente pálido, e havia olheiras carregadas ao redor dos olhos inchados, vermelhos de tanto chorar. Seus lábios estavam rachados, suas mãos pareciam dolorosamente vermelhas e os nós de seus dedos estavam machucados, cobertos de crostas rachadas e sangrando.

— Minha Rainha, o que fizeram com você? — quis saber o coelho, as palavras saindo com dificuldade.

— Mais uma vez, pergunto: o que é tudo isso? Por que há rosas brancas no meu castelo?

— O Rei achou…

— O Rei nunca teve um pensamento sensato na cabeça. São estas as minhas boas-vindas? Rosas brancas? Você não falou para ele que odeio rosas brancas, Coelho? E onde você estava? Passaram-se todos esses anos e

você não veio me ver uma vez, nem uma única vez? Eu esperava isso do Rei, mas não de você! Estou muito decepcionada com você, Coelho!

— Eu queria, Vossa Majestade! Eu tentei!

— Bem, você não se esforçou o suficiente. Vou para o meu quarto. Diga aos criados para removerem todas essas flores asquerosas e que tocarei a sineta para que me levem bolo! — Ela girou nos calcanhares e fez menção de sair da sala, mas pareceu pensar melhor. — Não.

— "Não", Vossa Majestade? — perguntou o coelho, tremendo, esperando que ela se virasse.

— Não — repetiu ela, virando-se para encará-lo. — Quero que *você* retire todas essas flores, Coelho, e, quando terminar, quero que leve para o pátio todos os criados que colocaram flores brancas no meu palácio e providencie a execução deles!

— Mas, Vossa Majestade…!

— Nunca mais ouse me desobedecer ou me dar conselhos, Coelho! Agora, CORTEM-LHES A CABEÇA!

Mais tarde naquela noite, quando a Rainha tocou a sineta para pedir bolo, o Coelho Branco se ofereceu para levá-lo pessoalmente. Todos os criados do castelo estavam histéricos e de luto pelas decapitações em massa no pátio logo após o retorno da Rainha. Ele ficou do lado de fora da porta, com medo de bater, com medo de ver a decepção em seu rosto. Com medo de sua reprovação. Procurou por toda parte uma rosa vermelha para colocar na bandeja, mas o Rei tolamente acreditou na Rainha Branca quando ela sugeriu que ele arrancasse todas as rosas vermelhas e as substituísse por brancas. O coelho desejou nunca ter se mudado para sua própria cabana. Se estivesse ali quando o Rei ordenou que as rosas fossem trocadas, poderia ter impedido. E estaria lá quando o Rei recebesse a notícia de que a Rainha estava retornando para casa. Sentia que grande parte daquilo tinha sido sua culpa. Fechou os olhos e tentou calar a voz em sua cabeça que o condenava por não ter dado ouvidos à Rainha quando ela quis declarar guerra à Rainha Branca, antes de sua prisão. Em vez disso, o coelho a convencera a ver o chapeleiro. Se ele não tivesse se metido, a Rainha nunca teria sido presa nem passado todos aqueles anos sozinha. E estaria usando os brincos que as bruxas prometeram que salvariam sua vida.

— Coelho! Estou ouvindo você do outro lado da porta! Pare com essa bateção de pé e entre! — gritou a Rainha de dentro do quarto. — Ah, vejo que você me trouxe um bolo — disse ela quando ele entrou. — Ouvi dizer que você se estabeleceu fora do castelo. Então, estava certa: você me abandonou. Nunca pensei que fosse ver este dia, Coelho. — A Rainha havia tomado banho e trocado de roupa. Parecia mais consigo mesma do que quando chegara, mas não havia alegria dentro dela.

— Não é verdade! Eu não a abandonei. Contei os dias até o seu retorno.

— E quantos dias foram esses, Coelho? Quantos dias definhei nas masmorras da Rainha Branca, sozinha e desorientada, perguntando-me por que meu estimado amigo me abandonara?

— Não sei, Vossa Majestade.

— Não sabe o quê?

— Quantos dias.

— Então, você não estava contando. Entendo. Agora podemos acrescentar mentiras à sua lista de traições.

— Nunca a traí. Todos os dias eu pedia aos guardas do portão para vê-la, e todos os dias me mandavam ir embora. Implorei ao Rei para invadir o castelo da Rainha Branca, pedi a ele para enviar os guardas e a trazerem para casa, mas o Rei não me ouviu. Até pedi ajuda às bruxas do Submundo! Tentei de tudo!

— Bruxas? Submundo? Do que você está falando, Coelho? Você ficou tão louco quanto todos os outros aqui? Se diz que tentou me ver, então acredito, mas ainda digo que você não se esforçou o bastante. Quanto ao Rei, ele é um tolo, e não esperava nada melhor dele. Mas de você, Coelho, eu esperava mais. Esperava meu amigo mais querido e leal, e VOCÊ NUNCA VEIO! O que está acontecendo por aqui? Você se mudou do castelo e permitiu ROSAS BRANCAS NO MEU JARDIM? Rosas brancas na minha sala de estar? Como pôde deixar isso acontecer? Não consigo nem olhar para você.

— Minha Rainha, eu juro, não tive nada a ver com as rosas. Vou mandar os jardineiros consertarem isso imediatamente. E juro, continuo tão leal como sempre fui. Todos esses anos devem ter sido terríveis para Vossa Majestade. Não houve um dia em que eu não pensasse em você, que não me perguntasse como estava e desejasse que estivesse de volta em casa.

— Não quero mais falar sobre esse assunto, Coelho. Nunca mais quero que isso seja mencionado. E decidi que não quero mais que sejamos do

mesmo tamanho. Faça os ajustes necessários antes da próxima vez que eu o vir.

Isso partiu o coração do coelho. Ela não queria mais que eles fossem do mesmo tamanho. Isso o deixou chocado. O coelho podia ver que o confinamento tinha sido terrível para a Rainha. Podia ver que algo dentro dela havia se partido, e ele se preocupava por não haver nada que pudesse falar ou fazer para consertar as coisas. Havia tanto que queria lhe dizer, queria explicar que realmente *tinha* contado os dias no início, mas se tornou doloroso demais não saber quanto tempo levaria até que ela retornasse para casa. Queria lhe dizer como não suportava ficar no castelo sem ela lá, e que esse era o verdadeiro motivo de sua mudança para a cabana. Queria lhe dizer que havia caminhado pelo labirinto de cercas-vivas desejando que ela estivesse ali para trocarem gracejos, que cada dia que a Rainha estava fora era um sofrimento e que por isso havia se mudado do castelo. Ele saíra de lá para ficar mais perto dela, não mais longe. Não a havia abandonado.

— Você era meu único amigo aqui, Coelho. A única pessoa… criatura… em quem eu podia confiar neste lugar miserável e solitário. Você o tornou melhor, Coelho, você *me* tornou melhor. Mas, agora, estou verdadeiramente sozinha.

— Você não está sozinha, minha Rainha, eu juro. Vou lhe mostrar. Por favor, me dê uma chance de provar que pode confiar em mim. Não me descarte.

— Oh, não vou descartá-lo, Coelho. Tenho planos para você. Agora, vá embora. E mande remover todas as rosas brancas do meu castelo imediatamente! Vejo você na sala matinal em uma hora.

— Mas, Vossa Majestade, há algo muito importante que precisamos discutir. — Ele colocou a pata no bolso para verificar se os brincos ainda estavam lá. Carregara-os consigo todos esses anos, aguardando o dia em que poderia entregá-los a ela.

— Eu decido quando algo é importante, Coelho! Faça o que digo, ou *corto sua cabeça*!

CAPÍTULO XVI

A FESTA NO JARDIM

O Coelho Branco retornou após entregar todos os convites para a festa da Rainha. Estava nervoso e sem fôlego por ter sido perseguido por aquela garotinha horrível, Alice. Ela o seguira o dia inteiro, e tudo que ele conseguia pensar era em como voltaria tarde ao castelo, quando o que queria mesmo era agradar a Rainha, ainda que ela não fosse mais a mulher que ele conhecera antes de ser presa pela Rainha Branca. Por mais que ele tentasse, a Rainha de Copas se recusava a falar com o coelho de forma privada para que ele pudesse lhe contar sobre a oferta de escolha das Irmãs Esquisitas — não que ele esperasse que a Rainha fosse acreditar nele. No mínimo, precisava tentar convencê-la a usar os brincos. Mas, em vez disso, ela enfiou na cabeça que deveria fazer aquela festa no jardim, e ele foi enviado para entregar os convites. E considerando que a Rainha convidara todos no reino, a tarefa tomou-lhe muito tempo, sem mencionar ter que lidar com Alice, a pequena e precoce destruidora de casas que o perseguiu por todo o País das Maravilhas, quando tudo o que ele desejava era voltar ao castelo a fim de pôr um pouco de juízo na cabeça da Rainha de Copas, embora temesse ser tarde demais. Afinal, acabara de entregar os convites para a festa de decapitação.

As Irmãs Esquisitas o advertiram de que ele corria contra o tempo. Que poderia chegar um momento em que os brincos não funcionariam mais. E enquanto estava ali na sala matinal, de volta ao tamanho normal de um coelho e olhando para sua Rainha, viu o que aqueles anos em confinamento tinham feito com ela, anos sem nada além de raiva para lhe fazer companhia. Anos sem os brincos encantados das bruxas para ajudá-la. Era tarde demais. E era tudo culpa dele. Ele só podia esperar que ninguém, nem

mesmo no País das Maravilhas, fosse tão tolo a ponto de aceitar um convite para sua própria destruição.

E, então, como num passe de mágica, a solução mais magnífica veio à mente do coelho.

Alice!

Ela estava a caminho do castelo naquele exato momento. Certamente, estava quase lá; a menina o seguira o dia inteiro enquanto ele se apressava para entregar os convites. Assim que aquela tagarela insípida chegasse, a Rainha ficaria muito distraída. Muito irritada com as perguntas atordoantes e a vozinha afetada de Alice. Sim! Alice a distrairia. Talvez a Rainha se contentasse em simplesmente decapitar Alice, e isso satisfaria sua sede de sangue o suficiente por uma tarde.

E enquanto ele estava diante de sua rainha, nervoso e sem fôlego, ainda irritado com a monstrinha loura pela devastação que ela vinha causando por todo o País das Maravilhas, decidiu que a melhor coisa a fazer era contar à Rainha sobre Alice, a horrível garotinha que havia arruinado sua casa e que agora estava abrindo caminho pelo labirinto de cercas-vivas enquanto conversavam.

— Você entregou todos os convites, Coelho? Até o último? — A Rainha não lhe dispensou um olhar sequer. Encarava fixamente a porta, sem dúvida esperando os criados chegarem com o bolo. Desde que retornara para casa só fizera comer bolo e exigir decapitações. Estava ficando mais instável a cada momento e não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer para acalmá-la. O coelho podia ver o ódio das Irmãs Esquisitas como uma tempestade se formando dentro dela e assumindo o controle. Era como assistir a uma mulher lutando consigo mesma. Ele precisava encontrar uma forma de falar com ela a sós, de fazê-la ouvir, ou pelo menos inventar um jeito de fazê-la usar os brincos.

— Sim, minha Rainha, entreguei todos os convites. Todos, exceto um — disse ele, fazendo-a virar a cabeça em sua direção.

— Qual deles? Quem não recebeu o convite? — exigiu saber a Rainha.

— O da menininha. Descobri que o nome dela é Alice, Vossa Majestade. Ela me seguiu por toda parte. No começo, pensei que fosse minha criada, Mariana. Mas Mariana jamais cresceria absurdamente de tamanho e destruiria minha casa, ou assustaria o Leirão, ou confundiria o Chapeleiro e a Lebre de Março com charadas sobre corvos e mesas.

— Pare com essa conversa sem sentido imediatamente, Coelho! Eu me recuso a ouvir disparates do País das Maravilhas!

— Claro, Vossa Majestade. A questão é que não vi um convite para Alice com os outros.

— Ora, é claro que não, ela não mora aqui, seu coelho estúpido! Onde no País das Maravilhas você o entregaria? Não importa, certifique-se de que ela venha para cá hoje. CERTIFIQUE-SE DE QUE TODOS VENHAM.

— Acredito que pode ser um tanto desafiador trazer *todos* aqui tão em cima da hora. Seus súditos podem ser bastante excêntricos e espirituosos…

— E mortos — disse ela, assustando-o. — Isto é, eles estarão mortos *se* não comparecerem. *Não* será como da última vez. Diga a eles que sem a cabeça não haverá mais palhaçadas nem brincadeira de pular carniça, danças bobas ou charadas absurdas. Diga a eles que sem a cabeça não poderão mais tomar chá, comer bolo ou fazer perguntas grosseiras. Porque, querido Coelho, ter a cabeça cortada será a penalidade para qualquer um que não comparecer à minha festa hoje. Certifique-se de que tomem conhecimento.

Acho que essa será a penalidade se eles na verdade comparecerem, pensou o coelho.

— Acredito que estava escrito no convite, Vossa Majestade — falou ele. — Todos no reino estão cientes.

— Muito bem, muito bem, mas isso fará com que meus súditos desmiolados compareçam? Todos devem vir! — gritou ela, a voz ecoando. Ele queria estender a pata para confortá-la. Podia ver que ela estava sofrendo, tão consumida pela raiva que cravava as unhas na palma das mãos, tirando sangue. Podia ver as gotículas vermelhas escorrendo pelas lajotas brancas.

— Eles são, como você diz, *excêntricos*, Vossa Majestade — disse o coelho, baixando os olhos e querendo lhe entregar seu lenço de bolso. Mas, ao fitar aquela mulher, esforçava-se para enxergar algo de sua Rainha dentro dela. Ela apenas permanecia ali, ardendo de raiva, presa em seus próprios pensamentos, sem dúvida sonhando com a cabeça de todos em estacas.

— Ela está quase aqui, minha Rainha — anunciou ele, tentando tirá-la de seu tormento. Tentando fazê-la se concentrar em Alice.

— Quem? Quem está quase aqui? Do que você está falando agora? — perguntou a Rainha, tremendo de raiva e agindo como se tentasse clarear a

mente.

— A garotinha, minha Rainha. *Alice.* Ela está quase aqui.

— Claro! Sim! A garotinha! Certo. Pois bem, Coelho, providencie para que os criados preparem o campo de croquet e afiem o machado real! — Ela passou pelo diminuto marido, quase o derrubando, o que fez o coelho sorrir. — E preparem os flamingos! E reúnam os ouriços e todas as outras bobagens necessárias para jogar croquet neste lugar maldito. Faremos nossa festa no jardim, e a pequena Alice se juntará a nós! — disse, levantando as mãos dramaticamente e prosseguindo antes que ele pudesse responder. — Sim! Uma festa no jardim! É o lugar perfeito.

— Ah, sim, Vossa Majestade! O jardim é o lugar perfeito! — O coelho fez uma careta ao pensar no motivo pelo qual ela preferia fazer a festa ao ar livre.

— O que você sabe sobre lugares perfeitos para uma festa no jardim? *O que você sabe*, Coelhinho? — indagou, estreitando os olhos para ele. A Rainha podia estar brava, mas conseguia perceber que o coelho sabia o que ela tramava.

— Bem, se alguém vai fazer uma festa no jardim, o jardim parece, de fato, ser o local perfeito — falou o coelho, olhando para ela.

— De fato! — disse ela quando dois criados entraram na sala com um bolo enorme em um carrinho de chá. Era o maior bolo que o coelho já tinha visto, grande o suficiente para acomodar quatro pessoas do tamanho do Rei dentro dele. — Tarde demais! Tarde demais! O bolo chegou tarde demais! CORTEM-LHES A CABEÇA! — berrou, enquanto pegava um punhado de bolo, enfiava na boca e jogava a cobertura dos dedos nos pobres criados, que a encararam aterrorizados. — Ah, não me olhem assim. Vocês sabem qual é a penalidade! Cortar a cabeça! — A Rainha sorriu quando os guardas entraram na sala e conduziram os criados ao pátio para a decapitação. O coelho ficou horrorizado e desolado ao ver quão alterada a Rainha estava após sua difícil experiência. A situação parecia desesperadora. Parecia terrível. Houve um tempo em que ele encorajava a alegria na Rainha, mas agora, agora ele esperava que, quando Alice chegasse ao castelo, a menina se mostrasse tão irritante e incômoda quanto fora até então naquele dia, e que a Rainha satisfizesse sua sede de sangue cortando a cabeça dela. Contudo, o coelho sabia em seu coração que isso era tolice. Estava claro que não havia nada que realmente satisfizesse tamanha sede de sangue a essa altura. — Ah, e Coelho Branco: espero que não pense que esqueci de

convidar *você* para a minha festa no jardim. Embora eu ouse dizer que não faz sentido você entregar o convite para si mesmo. Então, tome. — Ela tirou um envelope branco do bolso e o entregou a ele. O coelho o pegou com as patas trêmulas.

— Será uma… uma… honra comparecer, minha Rainha — gaguejou ele, quase certo de que ela pretendia cortar sua cabeça também. Só havia mais uma coisa que o coelho conseguia pensar em fazer. — E em homenagem ao seu regresso e ao sucesso de sua, sem dúvida magnífica, festa no jardim, permita-me presenteá-la. — Ele tirou do bolso a bolsinha de veludo vermelho com cordão que continha os brincos e lhe entregou.

— Ah, Coelho, não precisava! — disse ela, tirando os brincos da bolsinha e colocando-os imediatamente. A Rainha correu pela sala, parando em cada um dos espelhos para se admirar. O coelho olhou para o Rei, que estivera sentado ali em um silêncio inquieto, com receio de que ele reconhecesse os brincos, mas a Rainha percorria a sala tão alegremente e às tontas que o Rei não percebeu. — Alguém me dê um espelho de bolso, rápido! Quero vê-los de perto! E meu leque! Preciso de um leque. Não posso dar uma festa no jardim sem meu leque. Rápido, marido, vá buscá-lo para mim — ordenou ela, arrancando da mão do coelho o espelhinho que ele retirou do bolso. Fazia tempo que o Coelho Branco não via a Rainha agir daquele jeito. Ela se contemplava com adoração e estava absolutamente inebriada. Ele gostou dessa mudança em seu humor, ainda que fosse um tanto frenética; no momento, a monarca parecia distraída por um delírio animado, em vez de um sanguinário.

— Esses brincos são perfeitos para você, Vossa Majestade! E seu leque em formato de coração ficará lindo com seu vestido. Boa escolha, Vossa Majestade! — falou ele, enquanto a observava se olhar no espelho.

— Esses brincos são espetaculares, Coelho, obrigada! Tão discretos, tão fofos. Tão eu! — disse ela, rodopiando. — Agora, pegue sua trombeta, Coelho, e reúna os guardas. Quero fazer uma grande entrada quando a pequena Alice chegar! Esteja pronto em cinco minutos.

Ela girou nos calcanhares para sair, e ele se sentiu capaz de respirar. Finalmente, conseguira lhe dar os brincos. Tudo o que esperava era que os tivesse entregado a tempo.

Mas, antes que a Rainha saísse da sala, ela olhou para o coelho e lhe sorriu por cima do ombro.

— Ah, e, Coelho, não se esqueça de trazer o meu machado!

CAPÍTULO XVII

DO LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

ESPELHO, ESPELHO MEU

Lucinda estava no salão dos espelhos e procurava as vibrações de Grimhilde entre a infinidade deles. Ela a descobriu na terra entre os vivos e os mortos. Uma terra que era diferente para cada um, e de sua própria escolha. O Lugar Intermediário, como era chamado, era exatamente isso, o lugar entre a terra dos vivos e a terra dos mortos. Geralmente, a pessoa ficava lá antes de passar para o outro lado. Quando as Irmãs Esquisitas e Circe estiveram ali, conjuraram para si sua antiga casa, vivendo juntas em harmonia, felizes. Para Grimhilde, era uma floresta escurecida por seu ódio, uma lembrança da dor e do sofrimento que causara à sua filha, Branca de Neve. Uma terra que escolhera para si, onde poderia existir em perpétua dor e autocondenação. Dentro dessa floresta soturna, havia muitos espelhos pendurados nas árvores, cada um deles refletindo o rosto de Branca, contorcido de tristeza e desgosto. Grimhilde podia ouvir os suaves gritos e lamentos de sua filha ecoando por toda a região, e eles partiam seu coração.

Quando Grimhilde ainda estava viva e se casou com o pai de Branca de Neve, Lucinda, Ruby e Martha lhe deram um espelho mágico. Esse espelho era assombrado pelo pai de Grimhilde, um homem cruel e perverso que zombou e abusou de sua filha até levá-la à loucura. Ele manteve seu amor fora de alcance, a ponto de ela ficar obcecada em conquistá-lo. Isso colocou Grimhilde em um caminho sombrio que eventualmente a levou à morte, fazendo com que se tornasse o fantasma do espelho mágico. Com o tempo, ela aprendeu a se transportar para outros espelhos; tornou-se irada e possessiva com Branca de Neve, e as Irmãs Esquisitas não tiveram escolha

a não ser bani-la. Ela se perdeu e vagou, sem vontade de passar para o outro lado, buscando incansavelmente sua filha, Branca de Neve.

Quando Lucinda encontrou Grimhilde no Lugar Intermediário, ela estava escondida no espaço oco de uma árvore sombreada, tremendo e com frio. Dos galhos da árvore pendiam muitos espelhos de diferentes formatos e tamanhos, e em cada um ela podia ver o rosto de Branca de Neve. Além da presença fantasmagórica de sua filha, Grimhilde estava sozinha.

Lucinda ficou surpresa com o sofrimento e a tristeza que a invadiram ao ver Grimhilde naquele estado. Ver a dor em seus olhos e o quanto ela havia se tornado atormentada pela tristeza. Desse modo, Lucinda fez algo que não sabia ser possível até então: atravessou o espelho para o Lugar Intermediário e chamou Grimhilde. Lucinda a viu estremecer ao som de sua voz, e ficou com o coração partido ao vê-la recuar, com medo demais para segurar sua mão estendida. A pobre mulher apenas enterrou o rosto na curva do braço e chamou Branca de Neve repetidas vezes, chorando incontrolavelmente, à beira do colapso.

— Grimhilde, olhe para mim. É hora de você partir. É hora de libertar sua filha. — Lucinda colocou a mão delicadamente no ombro da mulher. Grimhilde tinha os cabelos longos, emaranhados e pretos, os olhos arregalados e escuros, e o rosto tomado pelo medo. Mesmo assim, ainda era a mulher mais linda que Lucinda já vira. A mais bela de todas.

— Lucinda?

— Sim, Grimhilde, sou eu. Estou aqui para ajudá-la, como deveria ter feito tantos anos atrás.

— Onde está minha filha? Não vou deixar que você a machuque! — exclamou ela, recuando outra vez, olhando ao redor freneticamente. — Corra, Branca de Neve! — gritou. — Corra o mais rápido que puder! Lucinda está aqui, ela e as irmãs nos encontraram e vão matá-la! — Grimhilde ficou em pânico e encolhida, a voz cheia de angústia. Lucinda podia ver a expressão de terror no rosto de Branca de Neve refletida nos espelhos, horrorizada com os gritos da mãe. Horrorizada como quando era pequena e tinha medo das Irmãs Esquisitas.

— Grimhilde, pare! Ela consegue ouvir sua voz através de todos os espelhos do castelo, e isso a está atormentando, deixando-a louca. Você precisa sair deste lugar. Branca não precisa mais que a proteja, não de nós. Estamos aqui para protegê-la de *você*.

— De mim! Você está falando em enigmas. Sempre falou. Este é um dos seus truques.

— Olhe para mim, Grimhilde. Olhe para mim de verdade. Você sabe, no fundo, que pode confiar em mim — disse Lucinda, e viu algo mudar no rosto de Grimhilde. Lucinda percebeu que Grimhilde sabia que ela dizia a verdade. Viu isso em seus olhos enquanto eles se suavizavam, e sentiu isso em sua mão quando Grimhilde finalmente segurou a mão de Lucinda, que não conseguiu evitar derramar lágrimas por aquela mulher triste e destruída, e por tudo o que fizera para trazê-la a este lugar.

— Por que me ajudar agora, depois de tudo o que você fez?

— Porque lhe devo pelo menos isso. Por favor, permita que eu lhe mostre o caminho para o outro lado. Permita que eu dê paz a você e à sua filha.

— Mas não posso deixá-la, Lucinda! Eu a amo demais. Ela precisa de mim.

— Não, minha amiga, ela precisa que você a liberte. Você está fazendo com que ela enlouqueça, assim como seu pai fez com você.

— É verdade?

— Receio que sim, querida. Venha, é hora de você atravessar para a terra dos mortos. É hora de você descansar para que sua filha possa viver. Ela ficará bem, eu prometo.

— Mas para onde eu irei? Como será? — Grimhilde apertou a mão de Lucinda, temendo o que aconteceria em seguida. Lucinda podia ver a consternação nos olhos da mulher, a culpa por tudo o que havia feito à filha, mas também via algo mais. Perdão. Lucinda não se sentia digna de seu perdão, todavia era grata por ele. Não havia percebido até aquele momento o quanto precisava dele e o que significava para ela.

— Oh, Grimhilde, é diferente para cada um de nós. Posso lhe dar o que você desejar — respondeu ela, sem saber que estava em seu poder fazê-lo antes de pronunciar as palavras.

— Quero recomeçar. Quero a chance de amar Branca de Neve como ela merecia.

— Então, assim será. — Lucinda estendeu a mão e a girou em um movimento circular, criando uma grande porta em arco. — Que tal isso? — perguntou, sorrindo para Grimhilde, que estava maravilhada com o pátio ensolarado de seu antigo castelo.

— Meu passarinho! Oh, Lucinda, isso é real? — Enquanto ambas olhavam pela porta mágica, viram Branca de Neve ainda menina, sentada à

beira do poço dos desejos que ficava do lado de fora no antigo castelo. Ela ouvia o canto dos pássaros azuis e sorria. Branca usava um vestidinho vermelho lindo, e seus cabelos reluziam ao sol como penas de corvo. Estava exatamente igual à imagem que Grimhilde guardava na mente: seu rostinho adorável, bochechas redondas e sorriso encantador.

— É real, Grimhilde, eu juro. Vá até ela, Branca está esperando por você.

— Espere! Este é o dia em que parti o coração da minha filha com a notícia da morte do pai dela! Por que me trouxe aqui?

— Grimhilde, escute-me, você é uma bruxa poderosa. Mais poderosa do que imagina, e este dia pode ser qualquer um que você escolher. Você tem a chance de fazer as coisas de forma diferente agora, minha amiga. Você pode viver a vida que merece. A vida que vocês duas merecem.

— Mas isso é real ou magia?

— É magia, mas isso não significa que não seja real. Estou lhe dando um presente, Grimhilde. Por favor, aceite — disse Lucinda, sorrindo para a mulher que agora considerava uma amiga, enquanto lamentava não terem tido a amizade que poderiam tantos anos antes.

— Esse é…? — Grimhilde aproximou-se da porta mágica, apertando os olhos para uma pessoa que se juntou a Branca de Neve e sentou-se ao seu lado no poço. — É mesmo ele? — perguntou. Lucinda nunca a vira tão feliz, olhando para Branca de Neve e o pai dela conversando no antigo jardim. Ela podia sentir a saudade no coração de Grimhilde, o quanto desejava reunir-se novamente com sua família.

— Sim, minha querida. Agora vá para sua família e seja feliz. — Lucinda beijou Grimhilde na bochecha antes de conduzi-la através da porta mágica. Ficou ali por mais alguns momentos, sorrindo para os três juntos outra vez, vendo a dor e as lembranças da vida de Grimhilde se dissiparem até ela esquecer tudo o que havia acontecido antes daquele dia, até que tudo o que restou foi a felicidade.

— Adeus, minha adorável amiga. Vivam felizes para sempre. — Lucinda acenou enquanto fechava a porta mágica com um floreio de sua mão, depois suspirou profundamente. E, quando se virou, viu que a floresta já não estava escurecida, e os espelhos pendurados nas árvores não estavam mais preenchidos com o rosto de Branca de Neve. Agora, era apenas uma floresta de espelhos. Lucinda não esperava se sentir tão grata pelo perdão de Grimhilde, ou tão feliz em lhe dar esse presente. Mas o que era ainda mais precioso para seu coração era quão feliz isso deixaria Circe. Era exatamente

o tipo de trabalho que a filha queria fazer, mas ficava claro para Lucinda que cabia a ela e às suas irmãs consertar as vidas que haviam destruído.

Ao atravessar o espelho que conectava o Lugar Intermediário e o Submundo, encontrou Ruby e Martha sentadas no chão, chorando. Não era uma visão incomum. Suas irmãs choravam com frequência. Mas desta vez era diferente. Não estavam rabugentas, maníacas ou preocupadas com bolos. Estavam comovidas pelo que viram no espelho.

— Lucinda! Aquilo foi lindo! Deveria ter nos deixado ir com você! — O rosto de Ruby estava manchado de lágrimas pretas, e ela segurava Martha, que chorava tanto que mal conseguia falar.

— Não sabíamos que estávamos dando finais felizes para sempre! Não é justo distribuí-los sem nós! Não é justo você levar todo o crédito!

— Eu também não sabia. Nem que isso estava ao nosso alcance. Simplesmente aconteceu — explicou Lucinda. — Devíamos isso a ela, não é? Por que deveríamos estar entre os poucos que podem passar o restante do tempo exatamente como gostariam? — indagou, percebendo quem sabe pela primeira vez a sorte que tinha. — Pressenti que Grimhilde estava por trás do problema com o espelho e, quando a vi lá e percebi o estado em que se encontrava, sabia que precisava ajudá-la a chegar ao outro lado, e só então Branca de Neve se livraria de sua mãe e Grimhilde finalmente estaria em paz.

— Mas como você fez para dar a ela o final feliz para sempre? — perguntou Ruby.

— Só pensei como seria maravilhoso se ela pudesse ir para o lugar onde seria feliz. Olhei em seu coração e descobri seu maior desejo, e o manifestei para ela. É claro que há outros que merecem isso, irmãs. Mas não há tempo para falar sobre esse assunto agora. Alguma de vocês teve notícias de Circe? — quis saber Lucinda, examinando os espelhos que se estendiam pelos Muitos Reinos e esperando vê-la de relance. Mas o que lhe chamou a atenção foi o espelho do País das Maravilhas. As irmãs viram a Rainha de Copas com os brincos enfeitiçados, marchando em direção aos jardins para cumprimentar Alice, cercada por guardas.

— Vejo que o coelho finalmente conseguiu fazê-la usar os brincos — falou Lucinda, examinando os espelhos mais uma vez em busca de Circe, mas suas irmãs ainda observavam os acontecimentos no País das Maravilhas.

— Pela primeira vez, tudo parece estar funcionando como deveria. Parece que *todos* terão seus finais felizes para sempre! — disse Ruby, girando e rindo. — A Rainha de Copas está usando os brincos, Grimhilde está com sua família, e nós estamos com Hades!

— Pergunto-me se esse é mesmo o caso. — Lucinda observou a Rainha. Reconheceu a raiva em seu rosto. Conhecia sua loucura; o sentimento um dia pertencera a ela.

— Quem anda pintando assim minhas rosas cor de carmim? Quem está pintando minhas rosas de vermelho? QUEM?

— O que aconteceu? Por que os brincos não estão funcionando? — gritou Martha.

— É tarde demais. Já passou muito tempo. Ela ficou na masmorra da Rainha Branca por tempo demais — disse Lucinda. Perguntou-se se tinha feito a coisa certa quando o Coelho Branco pediu ajuda, mas não conseguira pensar em uma forma que não causasse mais danos. Que não causasse morte, confusão e pânico. Lucinda não poderia tê-la tirado da masmorra sem provocar uma guerra nem levado a Rainha de Copas para os Muitos Reinos. Circe havia decidido o plano, e Lucinda queria segui-lo. Queria provar à filha que era confiável, mas não conseguia deixar de sentir que deveria ter se esforçado mais. E, agora, parecia que os brincos não funcionariam.

— Como isso é possível, irmã? Não faz mais de um dia, não é? — perguntou Ruby.

— O tempo funciona de maneira diferente em cada reino, Martha. Por que ainda preciso explicar isso? Muitos anos se passaram no País das Maravilhas, quase três, para ser exata. — Lucinda esforçava-se ao máximo para ser paciente com as irmãs, mas se via com dificuldades quando precisava esclarecer repetidamente a elas coisas simples. Porém, em contrapartida, Lucinda quase se esquecera disso também, quando se recriminou por não ter feito mais.

— Você disse que Hades consertou as coisas. Onde ele está? Diga-lhe para consertar! Não é justo. Prometemos a Circe que ajudaríamos a Rainha de Copas. Não podemos decepcioná-la! — Ruby rasgava a barra do vestido, soluçava profundamente e engasgava com as lágrimas.

— Sim, ele consertou, Ruby, mas não no País das Maravilhas, porque o País das Maravilhas não existia na época. Agora, acalme-se e ouça. A Rainha Branca trancou a Rainha de Copas por muitos anos porque ela ia

matar a todos no País das Maravilhas, e o coelho não conseguiu lhe dar os brincos até que ela fosse libertada.

— Ela matou todo mundo? Oh, isso é terrível! É horrível! É tudo culpa nossa — lamentou Martha, que se juntou a Ruby no chão, as duas chorando juntas.

— Bem, tecnicamente, a culpa é toda de Hades. Foi ele quem lançou nosso ódio no universo, sem se importar com o destino dele — disse Ruby em meio às lágrimas.

— Acalmem-se, vocês duas. Talvez os brincos ainda ajudem. Faz pouco tempo que a Rainha está usando, pode ser que eles só precisem de mais tempo para fazer efeito — declarou Lucinda, ajudando as irmãs a se levantarem. — Ela *ainda* não matou todo mundo. Vejam, a Rainha está jogando um jogo ridículo com aquela garotinha intolerável, Alice. Mas todos no País das Maravilhas estão a caminho de sua festa no jardim, e ela *vai* matá-los assim que chegarem. Foi por isso que a Rainha Branca a prendeu.

— Antes de ela cometer o crime? — perguntaram Ruby e Martha em uníssono.

— Sim, irmãs, antes de ela cometer o crime.

— Bem, então não vemos qual é o problema — disseram Ruby e Martha, desabando no chão novamente, rolando de rir.

— O problema, queridas irmãs, é que, como já discutimos inúmeras vezes, quanto mais a Rainha se entrega à sua sede de sangue, mais desequilibrada fica. Ela está vivendo em profunda tristeza, vocês sabem, já conversamos sobre isso em várias ocasiões. Por que sempre preciso lembrar vocês de tudo? — exasperou-se Lucinda.

— Desculpe, irmã, é claro que nos lembramos agora. Por favor, não nos repreenda — falou Martha. — Acho que estávamos tão animadas com Grimhilde tendo seu final feliz para sempre, e então pareceu que a Rainha de Copas também teria o dela, e eu estava pensando em como poderíamos comemorar, e imaginei que talvez fosse adorável comer um bolo na antiga casa com Hades, como nos velhos tempos, mas aí você começou a falar que era tarde demais para a Rainha de Copas, e eu simplesmente fiquei confusa. Por favor, não fique brava comigo.

— Não estou brava, Martha. Eu entendo — disse Lucinda com um suspiro. — Agora, por favor, parem de chorar. Preciso que vocês duas se recomponham e me ajudem. Não sei o que fazer. Prometemos a Circe que

não interferiríamos além de garantir que a Rainha recebesse os brincos e aconselhar o coelho a lhe dar a escolha. Circe nos fez prometer que não removeríamos nossa loucura a menos que fosse o que a Rainha de Copas quisesse, mas olhe para ela. A Rainha vai matar todo mundo, e, se isso acontecer, pode causar mais fraturas — explicou Lucinda.

— Por que o Coelho Branco não lhe deu a escolha? Acho que é porque ele é um coelho egoísta e não quer perdê-la! — falou Martha.

— Ele não conseguiu conversar com ela sobre isso, Martha, não é culpa dele. — Lucinda esfregava a cabeça. Sentia-se exausta, e elas estavam perdendo tempo. Precisavam resolver a situação com a Rainha e fazer o que pudessem para ajudar Circe.

— Mas você acha que o Coelho Branco teria contado a ela sobre a escolha, se tivesse tido a chance? — perguntou Ruby.

— Sinceramente, acho que não. Ele a ama demais. Vi isso no coração dele quando o visitamos em sua cela — disse Lucinda.

— Então, ele *é* um coelho egoísta! — exclamou Ruby.

— Olhem o que ele está fazendo! Está sacudindo aquela garotinha na frente dela como isca! Está tentando distrair a Rainha com Alice! — protestou Martha, apontando novamente para o espelho do País das Maravilhas.

— Uma garotinha insuportável a menos no mundo não fará diferença. Melhor ela do que todo o País das Maravilhas! — disse Ruby, enquanto observavam os eventos no espelho, ofegando quando a Rainha caiu no chão. Lá estava ela no campo de croquet com a saia sobre a cabeça e a calcinha estampada com coraçõezinhos exposta para todos verem. Isso, é claro, fez Ruby e Martha caírem de novo na gargalhada.

— Parem de rir agora mesmo, antes que eu as mande para outra sala! Não consigo ouvir o que está acontecendo no País das Maravilhas! — ralhou Lucinda, esforçando-se para entender o que o Rei dizia.

— Acudam! Salvem a Rainha! — O Rei estava em pânico, ordenando aos guardas que cercassem a Rainha para salvaguardar sua dignidade. Mas Lucinda sabia o que viria a seguir. A Rainha de Copas surgiu quase no mesmo instante de trás dos guardas, com o rosto vermelho e contorcido de raiva enquanto encarava Alice.

— Alguém perderá a cabeça por causa disto! Você! Cortem a…

Lucinda não podia culpá-la; pelo que a Rainha sabia, era Alice quem a estava fazendo de boba em seu próprio campo de croquet, em seu próprio

jardim, na frente de todos os seus criados. Acabara de retornar para casa e sua corte já estava cercada por um miasma de loucura. Lucinda suspirou, imaginando se havia algo que pudessem fazer para ajudar a Rainha, se havia alguma tecnicalidade ou brecha que lhes permitisse interferir sem perturbar ainda mais os mundos e, principalmente, sem decepcionar Circe.

— Ela vai matar Alice! Vai fazer isso! Olhem! — gritou Ruby, enquanto observava a Rainha de Copas explodir de raiva.

— Ela deveria matar aquele gato! Foi ele quem a fez de boba — zombou Lucinda, imaginando o mal que causaria revelar a cumplicidade do gato.

— O gato começou tudo isso! Se ele não tivesse enganado a Rainha para convidar sua preciosa duquesa para o chá, nada disso teria acontecido — disse Martha. Era estranho ver como as coisas tinham se desenrolado para a Rainha de Copas, e ainda mais estranho não poderem se intrometer, embora desta vez tudo o que Lucinda quisesse era ajudar. Embora desta vez ela pudesse ser confiável para fazer a coisa certa.

Ela despertou de seus devaneios e descobriu que suas irmãs ainda discutiam sobre quem culpar pela situação da Rainha. Quando, é claro, sabiam de quem era a culpa. Delas próprias.

— Acho que a culpa é da Rainha Vermelha. Foi o dragão dela que matou os criados da Rainha de Copas — apontou Ruby.

— Acho que a culpa é do Rei! Olhe só para ele. Espere, o quê? A Rainha ordenou a morte de Alice, mas ele quer um julgamento? Um *julgamento*? Isso é loucura. Quem está no comando ali, afinal? Se a Rainha quer decapitar Alice, quem é ele para propor um julgamento? — questionou Ruby.

— O Rei, suponho — falou Martha, fazendo Ruby rir histericamente.

— Acho que a Rainha está só fazendo a vontade dele e aumentando a tensão para Alice! Ah, gosto dessa Rainha — comentou Ruby.

— Espere! Achei que ela estivesse dando uma festa! Cadê todo mundo? Até agora, só vimos Alice e aquele gato miserável — disse Martha.

— Você iria a uma festa se soubesse que o anfitrião estava planejando cortar sua cabeça? — perguntou Lucinda, sem conseguir conter o riso diante do plano mal concebido. Nem mesmo a horda de lunáticos do País das Maravilhas era maluca o bastante para fazer fila e ser decapitada.

— É claro que iríamos a uma festa de decapitação, e sabemos que você também iria! Não me diga que está bancando a provinciana, Lucinda! — disseram Ruby e Martha.

— É claro que *eu* gostaria de ir! Só posso supor que os habitantes do País das Maravilhas tenham uma ideia de diversão muito diferente da nossa — explicou Lucinda.

— Mas não seria maravilhoso para a Rainha e para nós se todos comparecessem? Teríamos tantos personagens interessantes para conhecer na barca esta noite — considerou Ruby, fazendo Lucinda revirar os olhos e respirar fundo, frustrada.

Embora fosse verdade que as Irmãs Esquisitas estavam livres de sua raiva destrutiva e da deterioração de sua mente, ao que tudo indicava não haviam perdido todas as suas excentricidades ou, melhor dizendo, sua maneira pouco convencional de ver o mundo. Sua bússola moral ainda estava, como alguns diriam, um tanto distorcida, mas de forma alguma as três eram as bruxas que haviam sido antes de Hades levá-las para o Submundo. E se Lucinda fosse forçada a ser franca, precisaria admitir que suas irmãs ainda estavam um pouco desequilibradas. Era de esperar, mas ainda assim não menos irritante para Lucinda, que andava bem mais sensata ultimamente, embora ainda carregasse uma centelha de seu antigo eu dentro de si.

— Às vezes, eu me pergunto se Hades realmente nos libertou de toda a nossa loucura, irmãs. Agora, por favor, temos que nos manter focadas no País das Maravilhas. — Lucinda observou a Rainha de Copas liderando uma caçada, então acompanhada por todos os outros habitantes do País das Maravilhas, perseguindo Alice por uma toca de coelho. — Como isso aconteceu? Por que, pelo amor do País das Maravilhas, todo mundo apareceu para essa festa? Eu diria que as intenções dela eram óbvias. E quanto ao julgamento? Será que já aconteceu? Ah, que loucura! Cadê o coelho? Eu não o vejo! Que pesadelo! — desabafou Lucinda, percebendo que havia deixado as irmãs a distraírem dos acontecimentos no País das Maravilhas por tempo demais. — Peguem o Livro dos Contos de Fadas, agora mesmo! — Tinha um plano e, embora não tivesse tempo de explicá-lo às irmãs, sabia que elas insistiriam em saber de tudo. Assim, para evitar a enxurrada de perguntas que tinha certeza que viria, decidiu compartilhá-lo com as duas.

— Precisamos ler a mente da Rainha de Copas, irmãs. Precisamos saber se sua condição mental já está muito comprometida, para além de qualquer ajuda. Receio que ela tenha ultrapassado os limites enquanto estava na masmorra da Rainha Branca. Precisamos saber se os brincos vão mesmo

ajudar. Precisamos ver se há um ponto na história em que podemos ajudá-la sem perturbar o destino dos outros, sem fragmentar ainda mais os mundos.

— Mas o que Circe dirá?

— Se conseguirmos ajudar a Rainha de Copas sem prejudicar a ela ou a qualquer outra pessoa, ficará orgulhosa de nós — disse Lucinda. — Agora me tragam aquele livro — acrescentou com um olhar inconfundível que, esperava, deixaria claro às irmãs que ela não toleraria mais suas bobagens ou questionamentos.

— Mas vimos o que aconteceu no jogo de croquet! — falou Martha. — A Rainha foi humilhada. Por que precisamos ver o julgamento? Sem dúvida, a Rainha de Copas considerou Alice culpada, senão não a estaria perseguindo naquela toca de coelho, e todos no País das Maravilhas parecem concordar! Isso está se desenrolando exatamente como o Coelho Branco esperava. Alice está distraindo a Rainha de Copas da ideia de levar adiante o plano de decapitação. E conhecemos o estado de espírito dela. Olhem para a Rainha! Está possuída pela nossa raiva e, se alcançar Alice, cortará sua cabeça.

Lucinda ficou pasma: o que Martha dizia fazia todo sentido. Talvez ela não estivesse dando crédito suficiente às irmãs. Talvez precisasse prestar mais atenção quando conversassem. Mas elas ainda pareciam não entender a extensão total do que poderia acontecer.

— Concordo com Martha.

— Claro que sim, Ruby. Vocês duas sempre concordam. Mas tem uma coisa que vocês não estão levando em consideração. Como sabemos que a Rainha de Copas não vai se voltar contra todos os outros depois de cortar a cabeça de Alice? E se esse ato apenas liberar sua sede de sangue tão poderosamente de forma que ela nunca se recupere? O que faremos então? Temos que ver se há um lugar na linha do tempo em que podemos consertar isso. Temos que ver onde se encontra a mente dela, o que ela está pensando e sentindo.

— Por que voltar no tempo? Vamos fazer isso agora. Com certeza, se tivéssemos conseguido fazer algo para mudar os eventos passados, não estaríamos aqui assistindo à Rainha e a todos os outros perseguirem Alice por uma toca de coelho. Evidentemente, a hora de intervir é agora — declarou Martha.

Lucinda piscou de perplexidade várias vezes, tentando assimilar o que Martha acabara de dizer. Fazia todo sentido. A parte que ela estava tendo

dificuldade para entender era que suas irmãs, que geralmente eram desarrazoadas, estavam *esbanjando* racionalidade.

— Vocês têm razão — reconheceu Lucinda, chocando as outras duas. — Vamos fazer o feitiço agora. Assim como o Coelho Branco, não temos tempo a perder.

As Irmãs Esquisitas ficaram de pé, de frente para o espelho do País das Maravilhas, enquanto Lucinda pronunciava as palavras de poder.

— Pelo vento e pela escuridão e do lugar mais distante, juntamo-nos agora a ti num improvável instante. Em uma toca de coelho onde não deverias estar, a nosso feitiço remoto e suplicante irás se dobrar. Dá-nos um vislumbre de teu coração, para que nossos mundos não sofram devastação.

No mesmo instante, o rosto da Rainha de Copas apareceu no espelho do País das Maravilhas, mas desta vez as Irmãs Esquisitas sentiam tudo o que ela sentia. Era como se *elas* estivessem correndo atrás de Alice naquela toca de coelho e pudessem ouvir os pensamentos da Rainha. A monarca estava repassando os eventos em sua mente enquanto perseguia Alice pelo País das Maravilhas e para dentro da toca do coelho. Muitos dos que compareceram à festa no jardim participaram do julgamento de Alice e, embora na realidade não tivessem nada de relevante a dizer, a Rainha pareceu achar a participação bastante importante. Para as Irmãs Esquisitas, a Rainha de Copas havia sucumbido não apenas à sua sede de sangue, mas também às peculiaridades absurdas do País das Maravilhas. A cabeça da monarca era um turbilhão de caos zumbindo com barulho e tagarelice, vibrando de ansiedade e raiva. A Rainha não parava de repetir algo que Alice dissera durante o julgamento: “Você é uma velha boba, malcriada e tirana!”. Isso se repetia sem cessar na mente da monarca, com qualquer outra ofensa concebível que tivesse recebido. Sua mente era igualmente atormentada pelo terror e pelo trauma após os eventos que sofrera desde seu primeiro dia no País das Maravilhas. A Rainha repassou a manhã em que acordou e se viu deitada ao lado de um estranho que alegava ser seu marido e a noite em que o Jaguadarte devorou seus criados. Era como se vivenciasse tudo de novo; todo o terror, a confusão e a dor eram tão profundos como se os experimentasse pela primeira vez. Mas os pensamentos mais terríveis, viscerais e dolorosos que passaram por sua mente e coração foram os da solidão indizível que sentiu enquanto estava na masmorra da Rainha Branca. As Irmãs Esquisitas não conseguiam suportar o sofrimento que

fervilhava na Rainha de Copas ao se lembrar de estar sentada sozinha na cela, sentindo-se desolada, abandonada e esquecida. Foi nesse momento que ela explodiu. Foi aí que havia se perdido e ficara além da salvação. As Irmãs Esquisitas choraram pela Rainha de Copas enquanto ela corria atrás de Alice. Mas sabiam que a monarca não estava realmente correndo atrás da garotinha irritante: corria atrás de si mesma, ou talvez para longe de si. A Rainha já não saberia dizer. Tudo o que conhecia era a dor e o horror. Tudo o que conhecia era o desejo de matar e destruir todos que a haviam machucado. Alice seria a primeira.

— Você tem razão! Ela vai matar todo mundo depois de matar Alice! — disse Ruby, enquanto elas observavam a Rainha de Copas perseguir a menina pela toca do coelho, indo direto para a porta que as levaria para outro mundo. Alice se esforçava, tentando convencer a maçaneta a deixá-la passar, a Rainha se aproximando cada vez mais, até que finalmente e, é claro, no último segundo, a maçaneta permitiu que a menina abrisse a porta.

— Até as maçanetas são irritantes no País das Maravilhas! Que lugar intolerável — resmungou Ruby. Depois que Alice por fim conseguiu abrir a porta, viu algo bastante peculiar: ela mesma dormindo debaixo de uma árvore.

— Oh, pelos deuses, *duas* pirralhas insuportáveis não. Só nos faltava isso. — De repente, Lucinda ouviu algo que a distraiu do espelho do País das Maravilhas, uma vozinha chamando por elas. Uma vozinha desesperada e familiar, implorando por ajuda.

— Olá, bruxas, vocês estão aí? Bruxas? Olá?

— Quem está aí? De onde vem essa voz? — perguntou Martha, olhando ao redor da sala para tentar localizar o som.

— Bruxas! Preciso da ajuda de vocês. Por favor. Sou eu, o Coelho Branco.

— É o Coelho Branco! O Coelho Branco! É ele! — gritou Ruby.

— Sim, Ruby, também estou ciente, agora cale a boca para que eu consiga escutá-lo — disse Lucinda, tirando o pequeno espelho mágico do bolso. O rosto apavorado do coelho a encarou através do objeto.

— Onde você está, Coelho? Por que não está com a Rainha de Copas?

— Todos perseguiram Alice depois do julgamento e fiquei para trás. Não sei o que fazer. Não consigo encontrar a Rainha.

— Ela está na toca do coelho perseguindo Alice! — Lucinda teve uma ideia que a atingiu como um raio. Não tinha certeza do que aconteceria ou

quais seriam as consequências, mas naquele momento estava desesperada para salvar a Rainha de seu sofrimento, e esse poderia ser o caminho, sem interferir diretamente com magia.

— O que acontecerá se ela perseguir Alice até Londres? Há algo que você possa fazer para impedi-la? — perguntou o Coelho Branco.

— Talvez não devêssemos impedi-la — falou Lucinda, encarando as irmãs com um olhar de cumplicidade.

— Ah! Eu não tinha pensado nisso — disse Ruby, entendendo o plano de Lucinda. — Mas o que Circe vai pensar?

— Não estamos usando nossa magia. E nem nos intrometendo. Não estamos fazendo nada — respondeu Lucinda com um sorriso.

— Ideia muito interessante, irmã. Sim, deixe-a ir para Londres. Que mal poderia fazer? Contanto que seja Londres — concordou Martha, com um sorriso conivente.

— Da última vez que fui a Londres, eu me tornei um coelho comum. E se a Rainha e eu não pudermos mais conversar um com o outro? E se ela não me reconhecer? — perguntou o coelho.

Lucinda sentiu pena do pobre coitado. Não queria que ele perdesse a melhor amiga. Não podia culpá-lo. Mas não via outra opção: a Rainha de Copas tinha que passar pela toca do coelho. Tinha que sair do País das Maravilhas, caso contrário, mataria todos lá. Sua sede de sangue estava fora de controle, e Lucinda podia sentir o ódio da Rainha crescendo dentro da infeliz mulher, corroendo-a. Talvez em uma nova terra as coisas fossem diferentes. Pelo menos, não eram os Muitos Reinos. Talvez não houvesse problema se ela fosse para Londres. Lucinda não sabia.

— Teremos que lidar com as consequências quando elas se apresentarem, Coelhinho. Deixe-a passar — disse Lucinda, sorrindo debilmente para o coelho trêmulo.

— Estou com medo — confessou o coelho pelo pequeno espelho redondo, mas algo brilhou em um dos outros espelhos, chamando a atenção das Irmãs Esquisitas. Raios verdes e azuis iluminavam o céu escuro sobre a Floresta dos Mortos, dançando e se movendo atrás da Montanha Calva. E, então, elas viram o demônio da Montanha Calva, Chernobog, abrindo os olhos. Ele estendeu suas enormes asas, lançando escuridão sobre os Muitos Reinos.

As Irmãs Esquisitas foram tomadas pelo terror. Estavam paralisadas. Temiam por sua filha Circe. Por todos nos Muitos Reinos.

— Nós sabemos, Coelhinho. Estamos todos com medo.

E, então, do nada, o espelho escureceu. O coelho podia ouvir os gritos das bruxas enquanto o objeto rachava e a terra sob ele tremia.

CAPÍTULO XVIII

NA TOCA DO COELHO

O Coelho Branco não teve tempo de se perguntar por que as bruxas estavam com tanto medo, por que seus olhos estavam cheios de terror. Ou por que ainda conseguia ouvir seus gritos mesmo depois que o espelho escureceu. A terra havia parado de tremer, e ele não tinha tempo para se preocupar com bruxas ou se perguntar por que o País das Maravilhas estivera chacoalhando. Precisava chegar até sua Rainha antes que ela sumisse em algum lugar e se perdesse em Londres. Precisava protegê-la. Já havia decepcionado sua amiga uma vez e estava determinado a não repetir isso. Correu o mais rápido que pôde pelo labirinto de sebes e entrou na floresta, passando pelos irmãos Tweedle, pela Lebre de Março e pelo Chapeleiro, que pareciam estar voltando para casa. Não parou para falar com nenhum deles, nem com a Lagarta, e certamente nem com o Gato de Cheshire. Mas parou para falar com o Rei, que estava sentado em um tronco na beira da toca do coelho, com o rosto enterrado nas mãos.

— Ela se foi! Ela se foi! O que farei sem a nossa Rainha? — O Rei choramingava descontroladamente, dando um verdadeiro espetáculo. Quer dizer, seria um espetáculo se houvesse uma plateia por perto para assistir, mas não havia ninguém ali. O coelho supôs que devesse se sentir mal pelo Rei, mas a verdade era que não se sentia. Não conseguia sentir pena do homem que se recusou a salvar sua Rainha. Do homem que permitiu que sua Rainha mofasse na cela da Rainha Branca por todos aqueles anos.

— Imagino que você agirá do mesmo modo que agiu naquele período em que ela esteve presa — disse o coelho, com as mãos na cintura e o queixo erguido. — Você poderia tê-la salvado, sabia? Poderia ter enfrentado a Rainha Branca, mas em vez disso a deixou definhar, a deixou pensar que não nos importávamos com ela. A culpa é sua!

— Pelo menos, sabíamos onde ela estava! Desta vez, ela simplesmente desapareceu! Ela se foi. Ela se foi para sempre.

— Desapareceu? Como assim?

— Ela desapareceu quando correu pela porta atrás de Alice! Assim, sem mais nem menos! Sumiu!

— Tem certeza?

— Certeza absoluta. Oh, que dia mais triste. O pior dia da minha vida. Meu amor mais querido se foi! — O Rei desmoronou em angústia. O coelho suspirou. Não fazia sentido ser cruel com aquele homem derrotado. O coelho supôs que o Rei provavelmente não conseguisse evitar ser um tolo. Parecia que muitos dos que viviam no País das Maravilhas não conseguiam evitar seus comportamentos. Mas a última coisa que queria era que o Rei o seguisse pela toca do coelho. Já teria muito com que se preocupar tentando encontrar a Rainha sozinho. Então, decidiu ser gentil com o Rei para tirá-lo do caminho.

— Acalme-se, Reizinho. Volte para casa, e eu cuidarei disso. Deixe comigo. — Ele deu um longo suspiro enquanto observava o Rei seguir pelo caminho até o castelo. Parecia impossível que a Rainha simplesmente tivesse desaparecido no momento em que atravessou a porta da toca do coelho. O Rei tinha que estar enganado. Mas, ao caminhar até a porta, ele disse a si mesmo que se preparasse para o que quer que acontecesse, com medo do que poderia encontrar do outro lado. Com medo de se tornar um coelho comum em um mundo tão estranho e desconhecido. Porém ele não tinha escolha; precisava encontrar sua Rainha.

De repente, viu-se atormentado por perguntas. E se a Rainha não estivesse no parque? E se ela achasse Londres assustadora e fugisse? E como ele iria encontrá-la depois de se tornar um coelho comum? Nada disso importava. O Coelho Branco reuniu coragem, lembrando-se do que as bruxas haviam dito. Que todos estavam com medo. Então, colocou a pata na maçaneta, abriu a porta e atravessou-a.

Na grama, bem do outro lado da porta, havia uma carta de baralho, a Rainha de Copas. Mas o Coelho Branco sabia que não era uma carta comum, era *sua Rainha*. Ele ficou ali na grama, apenas um coelho comum olhando para uma carta de baralho comum. Se alguém no parque o tivesse avistado, pensaria que ele pertencera a um mágico. Jamais imaginaria que era de outro mundo, que era um coelho que havia falhado com sua Rainha.

Ele estava arrasado. Odiava que ela não confiasse mais nele, que não o considerasse seu amigo. E, então, do nada, antes que o coelho pudesse provar que não a havia traído, ela se foi. Foi-se para sempre, sem saber o quanto ele realmente a amava. O que ele faria no País das Maravilhas agora, sem a Rainha? Sua mais querida e única amiga.

Ele pegou a carta com a boca e pulou pela porta de volta ao País das Maravilhas. Uma vez do outro lado, não era mais um coelho comum, e a carta não era mais uma carta de baralho comum, mas sua Rainha. Ele não conseguia acreditar. Ela parecia exatamente como no primeiro dia.

— Minha Rainha! Você está viva! — disse ele, envolvendo-a com seus braços peludos, abraçando-a repetidamente de alegria e incredulidade.

— Bem, é claro que estou viva! Mas como é possível que eu me encontre abraçada por um coelho falante, um coelho com um babado bobo no pescoço e que carrega uma trombeta? É estranho, não acha? Mas suponho que eu não saiba o que é estranho e o que é comum, considerando que não tenho ideia de quem sou ou do que é este lugar — acrescentou a Rainha, fazendo o coelho rir.

— Não importa quem você foi, Vossa Majestade, o que importa é quem você é hoje. — Ele sorriu para ela. — Hoje é o seu primeiro dia — falou o coelho, tentando não chorar.

— Como assim, *primeiro dia*?

— A história de todos tem que começar em algum lugar, não é? E parece que a nossa começa hoje, aqui, bem do lado de fora desta toca de coelho. Por que não aproveitá-la ao máximo?

— Mas e todos os outros dias que vieram antes de hoje? Onde eles estão? — perguntou ela, com uma expressão perplexa no rosto.

— Ficaram para trás. Ou talvez à nossa frente. Quem sabe? Tudo o que importa é o dia de hoje — falou o Coelho Branco.

— Mas eu nem sei quem sou hoje!

— Pense desta forma: você é a Rainha de Copas e governa esta terra. É um bom começo, não acha?

— Sou mesmo? Bem, suponho que seja um ótimo começo — disse ela, sorrindo novamente.

— E, como seu súdito, estou à sua disposição. Qual será nossa primeira tarefa?

— Talvez devêssemos preparar um monte de bolos? — perguntou ela com um sorriso atrevido.

— Bolos podem não ser a melhor forma de começar. Por que não bolamos outro plano juntos, a caminho do seu castelo? Não se preocupe, Vossa Majestade, eu lhe mostrarei o caminho.

FIM

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão às várias pessoas que tornaram esta série possível ao longo dos anos.

Rich Thomas, por me dar espaço e autoconfiança para desenvolver uma voz que fosse unicamente minha e por enxergar em mim algo que eu mesma não via. Sem a paciência, a orientação, a visão e o incentivo de Rich, jamais teria escrito esta série.

Alexis Banyon, por ser minha defensora enquanto ela estava na Disney e por todo o seu incentivo ao longo dos anos.

Megan Ilnitzki e Megan Roth, por serem editoras incríveis e por ser uma alegria trabalhar com vocês.

Minha espetacular editora, Jocelyn Davies. Nós duas vivemos uma grande aventura juntas ao longo dos anos, e sou muito grata a ela por tudo o que fez por esta série e por mim — principalmente por me ajudar a concretizar melhor minha visão para esses personagens e suas histórias.

Jeffrey Thomas, por suas capas deslumbrantes. Estou convencida de que a maioria das pessoas não teria dado uma chance à série se não fossem as lindas capas de Jeffrey.

A miríade de outras pessoas nos bastidores: editores-assistentes, revisores, preparadores, designers, departamento de arte, departamento de áudio e inúmeros outros que fazem sua magia Disney para tornar estes livros realidade.

Meus queridos e entusiasmados leitores. Eles são tudo e me trazem tanta vida. Sou eternamente grata pelo apoio, pelo amor e pela paixão deles por esta série.

Meus empresários, David Server e Ray Miller, por batalharem por mim, mudarem minha vida e sempre me fazerem rir.

Meu parceiro, Justin Sane, por seu amor, suporte e inspiração, sem os quais eu talvez não tivesse tido forças para escrever estes romances durante meus momentos mais desafiadores.

Minha família e amigos, pelo amor e apoio.

E, principalmente, meu cachorro, Gozer. Meu melhor amigo e companheiro constante, leal e amoroso. Você sempre será dono do meu coração.